

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)

JULIANA HORTELÃ PEDRONE VALÉRIO

**ANÁLISE ARQUEGENEALÓGICA EM DISCURSOS SOBRE O SABER
SECRETARIAL EM FORMAÇÃO**

MARINGÁ – PR

2017

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)

JULIANA HORTELÃ PEDRONE VALÉRIO

**ANÁLISE ARQUEGENEALÓGICA EM DISCURSOS SOBRE O SABER
SECRETARIAL EM FORMAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado e Doutorado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração Estudos Linguísticos – Estudos do Texto e do Discurso.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Luis Navarro Barbosa

MARINGÁ – PR

2017

JULIANA HORTELÃ PEDRONE VALÉRIO

**ANÁLISE ARQUEGENEALÓGICA EM DISCURSOS SOBRE O SABER
SECRETARIAL EM FORMAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado e Doutorado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração Estudos Linguísticos – Estudos do Texto e do Discurso.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Luis Navarro Barbosa

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Pedro Luis Navarro Barbosa
Universidade Estadual de Maringá- UEM – Presidente

Prof. Dra. Flávia Zanutto
Universidade Estadual de Maringá- UEM

Prof. Dr. Bruno Franceschini
Universidade Estadual de Goiás- UFG

AGRADECIMENTOS

O mestrado se tornou um sonho para mim desde que me apaixonei pela docência, isso foi em meados de 2010. No entanto, como essa pesquisa vai mostrar, devido minha formação em secretariado esse sonho se tornava um pouco mais difícil devido ao fato de não haver pós-graduação *stricto sensu* na área. Diante dessa situação, o caminho que encontrei para alcançar esse sonho foi cursar outra faculdade. Assim, a licenciatura em letras me pareceu a mais viável devido minha afinidade com a área, tanto a língua portuguesa quanto a inglesa, e, também pelo fato deste campo dialogar e complementar o campo secretarial, e sim fiz. Então, foi, no segundo semestre do primeiro ano do curso que me deparei com a disciplina de Produção Textual, ministrada pelo professor Dr. Pedro Navarro. Neste contexto, comecei a participar de seu grupo de estudos GEF – Grupo de Estudos em Michel Foucault, momento em que fiquei intrigada diante da abordagem teórica a qual me deparava. Então, após a realização de um projeto de pesquisa na área, participei da seleção do mestrado em Análise de Discurso, (2014), a qual me trouxe até aqui. Diante deste momento é necessário agradecer.

Primeiramente, agradeço à Deus por guiar todos meus sonhos, pelo amparo nos momentos de angústias, dificuldades (que não foram poucas) e por me ajudar a ser forte e não desistir.

Agradeço, de forma especial, minha mãe, por me constituir forte, por me incentivar sempre na busca dos meus ideais, por nunca me deixar esmaecer nas dificuldades. Agradeço pelo exemplo, dedicação, pela mulher forte que é.

Agradeço meu marido Rogério pelo apoio incondicional em todos aspectos, nos momentos bons e ruins, pelo apoio emocional e também financeiro. Agradeço, principalmente, pelo fato de acreditar em mim, de se orgulhar e vibrar comigo em todas as conquistas desta louca vida acadêmica. A você, meu amor e gratidão!

Ao meu orientador Pedro Navarro, faltam palavras para expressar toda a gratidão que sinto em tê-lo como orientador. Não desistiu de mim, mesmo diante todas as dificuldades durante o percurso do mestrado, entendendo meus problemas, dificuldades e confiando em mim, até mais que eu mesma. É uma pessoa que tenho como exemplo a seguir, tanto profissionalmente quanto o sujeito humano que é.

Agradeço, também a minha família pelo aconchego nos momentos necessários, por entender minhas ausências. Meus avós por me hospedarem e me darem o aconchego do lar, minha sogra pelos almoços enviados pelo marido. À minha tia Lenir pelo exemplo de mulher, de professora, e por ouvir minhas angústias da vida acadêmica, e, por me entender. Muito obrigada!

Agradeço aos presentes que o (GEF-UEM) e o mestrado me deram, os amigos Dani e Cássio. Muito obrigada pela amizade além da pós-graduação. Obrigada pelo amparo, nos momentos difíceis e pela parceria nos momentos felizes. E, agradeço aos demais colegas do GEF pelos ensinamentos e discussões teóricas as quais me ajudaram chegar até o final desta dissertação. À Andréa Zingara pela disposição em traduzir o *résumé* desta pesquisa.

À colega de trabalho que se tornou uma grande amiga Aline Cantarotti. Obrigada por acreditar em mim, me incentivar sempre, me colocar em desafios que jamais partiriam de mim. E, principalmente, pelo fato de gostar da minha pesquisa quase mais que eu.

Agradeço aos professores Dra. Flávia Zanutto (UEM) e Dr. Bruno Franceschini (UFG), pelo pronto aceite em contribuir com o desenvolvimento desta pesquisa e por comporem a banca examinadora.

Agradeço a todos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras – PLE pelo conhecimento compartilhado nas aulas das disciplinas.

Ao Adelino, secretário do PLE, pelo pronto atendimento sempre que precisei, e, também, por muitas vezes, pelos sábios conselhos que ultrapassam as atividades de secretaria. Obrigada!

“Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir”.

FOUCAULT, 1984.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo descrever, de forma arqueogenalógica, as práticas discursivas que apontam para a constituição de um objeto que especifique o saber secretarial. Nessa alçada, são observados os processos discursivos que constituem a ciência em Secretariado, verificando a ocorrência das regularidades dos sujeitos pesquisadores na área sobre traços que caracterizam o que é o secretariado. Para tanto, os gestos de leitura adotam a perspectiva discursiva da linguagem sob os pressupostos teórico-metodológicos apresentados pelo filósofo francês Michel Foucault, o empreendimento arqueogenalógico. Nele, aborda-se o funcionamento discursivo da constituição dos saberes empreendidos nos jogos de poderes. Diante disso, desenvolve-se, primeiramente, as questões que tratam sobre o funcionamento de um discurso científico, acerca de uma ordem discursiva, com vistas a problematizar os aspectos de legitimação, interdição e rejeição dos discursos; num segundo momento, a análise da função enunciativa, numa visada arqueológica, para caracterizar a regularidade discursiva sobre o identidade do saber secretarial; e, por fim, para tratar da questão genealógica, o poder, propomos a análise da formação das modalidades enunciativas, visando empreender as questões do poder na formação dos saberes. O material de análise é composto por oito artigos retirados de duas obras, específicas do campo secretarial, as quais se intitulam: “Pesquisa em Secretariado: cenários, perspectivas e desafios (2012); e, “Pesquisa em Secretariado: reflexões acerca da construção do conhecimento” (2016). Observa-se, portanto, na acontecimentalização pesquisa em secretariado, que os discursos produzidos em torno desta temática apresentam como regular o ato de assessorar como prática característica da área, com vertentes aos campos de saberes que constituem o secretariado uma área inter, trans e multidisciplinar.

Palavras-chave: Discurso. Pesquisa Secretarial. Saber. Poder.

RÉSUMÉ

Cette recherche a pour objectif de décrire, sous forme archéogénéalogique, les pratiques discursives pointant vers la possible constitution d'un objet spécifiant le savoir du secrétariat. Dans ce cadre sont remarqués les processus discursifs qui constituent la Science en secrétariat, tout en vérifiant la présence des régularités des sujets chercheurs dans ce domaine à propos de traces caractérisant le secrétariat. Pour ce faire, les gestes de lecture adoptent la perspective discursive du langage sous les apports théorico-méthodologiques présentés par le philosophe français Michel Foucault, c'est-à-dire l'affaire archéogénéalogique. Nous y abordons le fonctionnement discursif de la constitution des savoirs entrepris dans les jeux de pouvoirs. Face à cela nous avons développé, premièrement, les questions ayant trait au fonctionnement d'un discours scientifique concernant un ordre discursif en vue de poser les problèmes relatifs aux aspects de légitimation, d'interdiction et de rejet des discours; dans un deuxième moment, l'analyse de la fonction énonciative, dans une visée archéologique, afin de caractériser la régularité discursive à propos de l'identité du savoir ayant rapport avec le secrétariat; et, finalement, pour faire face à la question de la généalogie, c'est-à-dire du pouvoir, nous avons proposé l'analyse de la formation des modalités énonciatives, afin d'entreprendre les questions du pouvoir dans la formation des savoirs. Le matériel de l'analyse se compose de huit articles issus de deux ouvrages spécifiques du domaine du secrétariat dont les titres: "Pesquisa em Secretariado: cenários, perspectivas e desafios (2012); et, "Pesquisa em Secretariado: reflexões acerca da construção do conhecimento" (2016). Nous avons donc remarqué, dans l'événement recherche en secrétariat, que les discours produits autour de cette thématique présentent une régularité concernant l'acte d'assister comme pratique caractéristique dans ce domaine, souscrits aux champs de savoirs constituant le secrétariat en tant qu'un domaine inter, trans et multidisciplinaire.

Mots-clé: Discours. Recherche du secrétariat. Savoir. Pouvoir.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Livro: PESQUISA EM SECRETARIADO: cenários, perspectivas e desafios, 2012.	27
Tabela 2 - Livro: Pesquisa em Secretariado: reflexões acerca da construção do conhecimento, 2016.....	28
Tabela 3- Material de Análise	67

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Livro: Pesquisa em Secretariado: Cenários, Perspectivas e Desafios, 2012.....	63
Figura 2 - Livro: Pesquisa em Secretariado: Reflexões acerca da Construção do Conhecimento, 2016.	64

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 – Ficha Catalográfica Livro: PESQUISA EM SECRETARIADO: Cenários, Perspectivas e Desafios	101
Anexo 2 – “Decifra-me ou te devoro”: pesquisa na sociedade do conhecimento.....	102
Anexo 3 – A construção da identidade científica em Secretariado Executivo.....	104
Anexo 4 – Pesquisa aplicada e interdisciplinaridade: da linguística ao secretariado.....	106
Anexo 5 – Objeto de Pesquisa em Secretariado Executivo.....	108
Anexo 6 – Ficha Catalográfica livro: Pesquisa em Secretariado: Reflexões acerca da Construção do Conhecimento.....	110
Anexo 7 – Reflexões construtivistas sobre a construção do conhecimento em secretariado executivo.....	111
Anexo 8 – Secretariado Executivo e a Pesquisa Acadêmica: uma análise sobre a necessidade da criação de curso Stricto Sensu.....	113
Anexo 9 – Produção científica em secretariado: percepções a partir das publicações da revista Expectativa.....	115
Anexo 10 – A extensão-pesquisa e as metodologias participativas protagonizadas pela assessoria interdisciplinar.....	116

SUMÁRIO

1 A VONTADE DE VERDADE E A ORDEM DO DISCURSO NO SABER SECRETARIAL	18
1.1 Acontecimentalização da prática secretarial	19
1.2 Sobre o Método Arquegenealógico	24
1.3 A história e os acontecimentos discursivos nas práticas discursivas de constituição de uma ciência do Secretariado.....	29
1.4 As exclusões e interdições nas práticas do discurso científico do secretariado na atualidade	35
2 A CONSTITUIÇÃO DO OBJETO DE SABER SECRETARIAL	43
2.1 Sobre a formação discursiva.....	44
2.2 A função enunciativa e sua operacionalização.....	59
3 OS EFEITOS DE PODER NO SABER SECRETARIAL.....	83
3.1 O poder em Michel Foucault para entender a constituição do Saber Secretarial.....	84
3.2 O Intelectual e o Poder	87
3.3 As modalidades enunciativas: jogos de poder e efeitos de verdade na constituição do Saber Secretarial.....	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
REFERÊNCIAS	101
ANEXOS	104

INTRODUÇÃO

A inquietação dessa pesquisa surgiu a partir da minha vivência como docente no curso de Secretariado Executivo Trilíngue na Universidade Estadual de Maringá, instituição em que, também, desenvolvo minha pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, em Letras, na direção teórica da Análise de Discurso Francesa.

Após leituras, participações em eventos e outras atividades acadêmicas na área, acentuou-se a necessidade de discutir, na atualidade, sobre o objeto de saber secretarial, dado que esse campo passa por um momento de construção de seu saber e, por consequência, a necessidade de sua concretização científica. De acordo com esse cenário, importa mencionar a recorrência com que os pesquisadores se repetem nas publicações, devido aos poucos pesquisadores na área. Esse fato será percebido no decorrer desta pesquisa no sentido de que os sujeitos pesquisadores são utilizados também como embasamento teórico nessas e em outras publicações.

A angústia em delimitar um objeto de estudo para o campo secretarial possibilitou, por meio do aporte teórico da análise de discurso foucaultiana, realizar o estudo sobre os discursos produzidos acerca do saber secretarial. Na referida teoria, considera-se a relação entre discurso, sujeito, sociedade e história para compreender como os sujeitos são constituídos pelas diversas e heterogêneas práticas discursivas.

Nessa visada, consideramos que as relações de poder/saber produzem discursos que constituem as coisas/objeto no mundo. Para tanto, empreendemos uma pesquisa arqueogenalógica sobre o objeto “saber secretarial” desde já entendendo a arqueologia como a descrição de um arquivo, e este como um conjunto de discursos de uma dada época.

Assim, numa escavação arqueológica, os discursos produzidos sobre o surgimento da prática secretarial trazem de regular o início desta prática com as relações humanas. De acordo com Nonato Júnior (2009), os discursos abordam que o ato de secretariar se caracteriza com a prática social, pois o homem - animal social -, produz conhecimento em parceria, estando ora sendo auxiliado por alguém, ora auxiliando outras pessoas. Tal constatação contribui para a construção da identidade secretarial que, mesmo sendo uma prática aparentemente antiga, carece de discussão sobre as práticas discursivas que constituem a identidade da profissão na atualidade.

Entendendo que o funcionamento de uma prática discursiva está atrelada a uma produção de saberes, observamos quão abrangentes são os enunciados que compõem o

exercício secretarial. Assim, sendo o saber uma prática e considerando que as práticas são materializadas por sujeitos, ou seja, ocorrem nas relações sociais, afirmamos que não existe saber que se constitui de forma isolada. Cabe destacar que, no atual contexto, o profissional de secretariado atua junto aos centros decisórios das organizações, utilizando, para exercer a profissão, saberes complexos que envolvem as competências humanísticas de um modo global. Por se tratar de uma área complexa, encontra dificuldades para demarcar um objeto que caracterize o saber científico da área e, conseqüentemente, a identidade dessa profissão. Assim, verifica-se nas produções acadêmicas da área, uma vontade de verdade em definir um objeto de estudo que contemple os saberes que constituem essa ciência. Vontade de verdade é uma expressão conceitual utilizada desde Nietzsche e empregada por Foucault (2014, p. 17), a qual nos ensina que “essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional, tende a exercer sobre outros discursos [...] uma espécie de pressão e como que um poder de coerção”. Rabinow e Dreyfus (1995) afirmam que a verdade é produzida, sendo possível introduzir efeitos de verdade num discurso, fabricar coisas, objetos ainda não existentes por meio dos discursos institucionais.

Sob essa égide, numa visada arqueológica a qual iniciamos uma escavação, a partir da atualidade, para compreender a história da emergência e constituição de determinados saberes que compõem e explicam as práticas secretariais, acreditamos que a perspectiva discursiva formulada a partir de Michel Foucault contribui efetivamente para tal demarcação, pois o modo foucaultiano de pensar historiciza os objetos, a partir de acontecimentos emergentes nas práticas discursivas. O autor se debruçou sobre a análise dos discursos que constituíram, por exemplo, em um dado momento histórico, o saber psiquiátrico, abordando sobre as condições que possibilitaram a discursiva sobre a loucura. De modo semelhante, parece-nos pertinente empregar tal metodologia analítica para historicizar a constituição de um objeto do saber secretarial, na medida em que as pesquisas foucaultianas visam compreender a “estruturação dos saberes, das *epistêmes* que funcionam solo de possibilidade para os saberes que coexistem em um dado momento histórico” (GREGOLIN, 2007, p. 75).

Assim, com vistas a perseguir os rastros de práticas que apontam para a existência de uma epistemologia do secretariado, procurando analisar as regularidades discursivas a respeito da busca pela demarcação de um objeto de saber específico da área do Secretariado Executivo no Brasil, coloca-se a seguinte pergunta de pesquisa: qual o objeto de estudo do Secretariado?

Para responder a tal pergunta, poderíamos recortar para esse empreendimento discursos de diversos campos associativos, que, como sabemos, também produzem saberes – objetos.

Esses discursos podem ser encontrados nos discursos da classe empresarial sobre o profissional de secretariado, os discursos apresentados pela mídia sobre esse objeto, os discursos materializados nas músicas, nas piadas, dentre outros campos. Porém, optamos por iniciar um movimento analítico pelo recorte de enunciados sobre o objeto secretariado, a partir das materialidades encontradas nas produções acadêmicas, visto que. Essas produções ecoam de forma privilegiada por ocupar uma posição científica do discurso.

Nesse sentido, selecionamos como *corpus* de pesquisa artigos publicados em dois livros, cuja temática é a pesquisa no secretariado. As obras se intitulam: a) “Pesquisa em Secretariado: cenários, perspectivas e desafios”, este livro abarca produções de professores/pesquisadores membros da mesa coordenadora intitulada: “A pesquisa em secretariado”, realizada durante o 2º Enasec – Encontro Nacional de Secretariado Executivo, em outubro de 2011 e b) “Pesquisa em Secretariado: reflexões acerca da construção do conhecimento”, organizado pela Associação Brasileira de Pesquisa em Secretariado (ABPSEC), com as reflexões resultantes da quarta edição do Encontro Nacional Acadêmico de Secretariado Executivo (Enasec), realizado em outubro de 2015.

Em se tratando do estado da arte, não foi encontrado, até o momento, nas materialidades científicas, um trabalho que utilize a Análise de Discurso foucaultiana para problematizar as questões referentes à epistemologia do secretariado. Assim, esta pesquisa mostra-se relevante e se justifica na medida em que produz uma primeira análise discursiva foucaultiana deste saber em formação, com vistas a mostrar uma regularidade discursiva acerca de um objeto que identifique o secretariado.

Por se tratar de caráter discursivo de vertente foucaultiana, essa pesquisa não visa descobrir o novo, algo ainda não falado, não pensado, mas, propor outro olhar sobre uma prática de um objeto já existente, o saber secretarial. Saber este que vem sendo muito discutido pela sociedade acadêmica da área, porém, ainda carece de conquistar sua identidade científica.

Para cumprir a proposta desta dissertação, apresentamos o seguinte objetivo geral deste estudo: Descrever, arqueologicamente, as práticas discursivas que apontam para a possível constituição de um objeto que especifique o saber secretarial.

Para cumprir o objetivo geral, elencamos os seguintes objetivos específicos:

- i) discutir e problematizar a historicidade da prática secretarial e os acontecimentos discursivos para a constituição dela como ciência;
- ii) refletir sobre a ordem do discurso científico secretarial na atualidade;

iii) verificar elementos de uma formação discursiva com base na análise da função enunciativa a que os discursos científicos do saber secretarial estão sujeitos;

iv) mobilizar nas prática(s) discursiva(s) observadas as relações de poder-saber que criam uma vontade de verdade sobre o objeto de estudo específico do secretariado.

Para esta tarefa, essa dissertação se divide em três seções: 1) A vontade de verdade e a ordem do discurso no saber secretarial; 2) A constituição do objeto de saber secretarial; 3) Os efeitos de verdade e de poder no saber secretarial.

Na primeira seção, reuniremos as discussões referentes aos dois primeiros objetivos específicos, descrevendo a história da profissão: suas lutas e conquistas, a partir da arqueogenealogia para discussão teórico-analítica, o modo de historicizar foucaultiano e a noção de acontecimento. Neste capítulo ainda, em sub tópicos, abordaremos a acontecimentalização do objeto secretariado, tratando, também, acerca de uma ordem discursiva, com vistas a problematizar os aspectos de legitimação, interdição e rejeição dos discursos, tomando como objeto essas questões no discurso científico do Secretariado.

No segundo segmento, desenvolveremos as principais noções do funcionamento discursivo, a saber: formação discursiva e função enunciativa, a fim de demonstrar os componentes regulares da prática discursiva existente neste saber em formação. Destacamos a ideia de apontar nesse capítulo elementos teóricos de uma formação discursiva no sentido de relacionar com os elementos discursivos do saber secretarial, haja vista que nossa proposta não pretende esgotar todos os aspectos arqueológicos desta noção, escandindo, por meio de uma análise totalitária da função enunciativa, um panorama da formação discursiva sobre o saber secretarial.

No terceiro e último capítulo, discutiremos os efeitos de verdade que o poder incide no saber secretarial, a partir das noções de discurso e poder por meio da análise das modalidades enunciativas. A relação da produção de saberes atravessadas pelo poder é uma das maiores contribuições da obra foucaultiana. Nesse aspecto, entendemos o saber como um elemento que define a atuação do poder. De acordo com Rabinow e Dreyfus (1995, p. 222), o saber

É uma condição essencial para a formação e o crescimento posterior da sociedade tecnológica e industrial. [...] O poder e saber não são *idênticos* [...] eles têm uma relação não causal que deve ser determinada em sua especificidade histórica.

Vale ressaltar que nem toda produção de saber funciona diretamente como efeito de poder, dada a tendência da construção de uma verdade, ou verdades, e que ela não se afasta do

poder, o que Foucault nos mostra com seu pensamento é que o que importa saber é o que somos. A partir dessa premissa, procuramos entender o que é o Secretariado Executivo de acordo com as relações que o constituem.

A respeito do método de análise, destacamos que, por questões didáticas, o empreendimento foucaultiano é classificado em três fases, a saber: fase arqueológica, genealógica e a ética do governo de si. Na fase arqueológica, Michel Foucault direciona suas pesquisas em torno da constituição dos saberes, investigando nas materialidades discursivas como eles se organizam. Na fase conhecida como genealógica, a noção central é a de poder; as análises concentram-se em torno das condições de emergência das relações de saber/poder; por fim, como os dispositivos objetivam e subjetivam os sujeitos. Neste movimento, uma fase ou conceito complementa o outro.

Destarte, as discussões realizadas nesta pesquisa tomam como norte, principalmente, as duas primeiras fases da obra foucaultiana, abordando aspectos relativos às micro-relações de poderes sobre os saberes e vice-versa, bem como seus efeitos. O saber surge como peça de um dispositivo político, ou seja, como constituição de saberes se dá a partir de práticas políticas disciplinares (FOUCAULT, 2016). Isso permite que as análises avaliem os modos pelos quais os sujeitos estabelecem relações com a verdade e com todo um campo de saber, uma vez que são as formas de relação com o poder que determinam a constituição de sujeitos e os fazem agir uns sobre os outros (REVEL, 2005). Assim, a contribuição de Michel Foucault está em nos fazer ver que os recortes pelos quais optamos em nosso trabalho constituem um discurso povoado por outros discursos, diferentes, cujos enunciados têm a ver sempre com relações de poder muito concretas (REVEL, 2005). É esse movimento que mostramos em nossas análises.

A forma de olhar foucaultiana lançada sobre as práticas que constituem os objetos difere o filósofo de seus contemporâneos. Essa inovação na abordagem de ver o mundo projeta visibilidade nas relações de poder e saber imbricadas nas práticas discursivas. É este modo que lança o novo. Dito de outro modo, o novo está na sua maneira de olhar determinada prática discursiva, que, por sua vez, vai constituir um objeto igualmente dado. Assim, nesse contexto o que pretendemos nesta pesquisa é lançar luz, a partir de uma perspectiva foucaultiana, sobre o objeto em questão – A constituição do saber em secretariado.

Isso posto, passamos, na próxima seção, ao desenvolvimento do primeiro e segundo objetivo específico, com a finalidade de verificar, de acordo com a forma foucaultiana de compreender a história, a constituição de uma vontade de saber sobre o Secretariado Executivo.

1 A VONTADE DE VERDADE E A ORDEM DO DISCURSO NO SABER SECRETARIAL

*“Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que acolhe e faz funcionar como verdadeiros”
(FOUCAULT, 2016, p. 52)*

São inúmeros discursos que constataam, de formas diversas, a emergência da prática secretarial. Na perspectiva da análise de discurso, as práticas se desenvolvem conforme as condições de possibilidades de cada época e o funcionamento discursivo dessas práticas dependem de alguns critérios institucionais que os legitimam.

A vontade de verdade é tratada por Michel Foucault como um procedimento de controle, nela o que se procura fazer e, conseqüentemente, nós, analistas também, é mostrar a relação da verdade com a história do pensamento. Entendemos que a vontade de verdade está nos jogos de relações que regulam o discurso em uma dada época. Essa problematização está no “conjunto de práticas discursivas ou não discursivas que faz alguma coisa entrar no jogo do verdadeiro e do falso e o faz entrar no objeto do pensamento” (FOUCAULT, 1984, p. 242). Apoiada sobre um suporte institucional, o discurso é responsável por exercer uma espécie de coerção sobre outros discursos. Nesse sentido, Foucault orienta que, nessa história do pensamento, o que importa é mostrar as circunstâncias em que emergiu como objeto para um possível conhecimento, retratando como a

História da emergência dos jogos de verdade: é a história das ‘verificações’, entendidas como as formas pelas quais se articulam, sobre um campo de coisas, discursos capazes de serem ditos verdadeiros ou falsos (FOUCAULT, 1984, p. 235).

No campo discursivo de um pensamento científico, a ordem que acolhe esses discursos como verdadeiros ou falsos, dá-se pelo jogo de relações institucionais e as posições sujeitos apoiadas por tais instituições, as quais, por sua vez, legitimarão ou não determinadas verdades. Nessa ordem, destacamos instituições como CAPES, CNPq, Revistas Científicas, Associações de Pesquisa, dentre outras. Interessa-nos, também, nesse funcionamento “determinar o que deve ser sujeito, a que condições ele está submetido, qual o seu *status*, que posição deve ocupar no real ou no imaginário para se tornar sujeito legítimo deste ou daquele tipo de conhecimento” (FOUCAULT, 1984, p. 235).

Diante do exposto, desenvolvemos, nesse primeiro capítulo, discussões sobre o funcionamento de uma ordem discursiva que atua sobre o objeto conhecimento secretarial, apoiados no modo foucaultiano de problematizar as coisas/objetos. Para isso, reunimos, nesta seção, os dois primeiros objetivos específicos propostos, os quais seguem: i) discutir e problematizar a historicidade da prática secretarial e os acontecimentos discursivos para a constituição dela como ciência; ii) refletir sobre a ordem do discurso científico secretarial na atualidade. Para tanto, subdividimos em cinco tópicos. Primeiramente, discorremos, num movimento explicativo, a respeito da acontecimentalização da prática secretarial. Após, tratamos de elementos do saber secretarial; feito isso, abordamos o método empreendido por Michel Foucault, qualificado como “arqueogenealógico”, na subseção intitulada “O Método Arqueogenealógico”, apresentando o material de análise selecionado para essa pesquisa. Posteriormente, historicizamos os acontecimentos nas práticas discursivas de constituição de uma ciência do Secretariado; e, por fim, versamos sobre as questões da vontade de verdade do funcionamento discursivo de uma época, tratando das “exclusões, rejeições, interdições e acolhimento nas práticas do discurso científicos secretarial”.

1.1 Acontecimentalização da prática secretarial

Na perspectiva foucaultinana entendemos o acontecimento como a positividade de um discurso. É ela quem dá condições de possibilidade para o aparecimento de um mesmo objeto. (Foucault, 2015). Sobre essa afirmativa, considerando o objeto Secretariado Executivo em um panorama histórico global¹, observamos que o surgimento da prática secretarial é caracterizado com a figura de Eva, vista como a primeira secretária a assistir Adão ou vice-versa. Na sociedade grega, com as práticas de trabalhos conjuntos, a ajuda mútua se destaca quando diversos deuses e heróis auxiliavam uns aos outros, apresentando de forma conjunta muitos tipos de conhecimentos (natural, cultural, espiritual). Essa configuração conjunta de trabalho leva alguns historiadores a atribuir de maneira informal o papel do secretário como assessor direto de grandes líderes na organização social do mundo. (NONATO JÚNIOR, 2009).

Uma figura que se destaca exercendo atividades com grande expressão intelectual são os Escribas. Esses profissionais foram os primeiros a dominar a escrita, ação que significava um grande privilégio para época (séc. IV a.C.). Era a eles que se destinavam funções de secretário, copista, contador, geógrafo, arquivista, historiador, linguista e escritor, atuando

¹ Mais adiante, desenvolveremos sobre História Global/Tradicional e História Geral/Serial. São modos diferentes de historicizar tratados na obra A Arqueologia do Saber, de Michel Foucault.

também, como guerreiro na companhia de seus líderes em batalhas e viagens exploratórias. Portela e Schuhmacher (2006) destacam que na época dos escribas se desenvolveu a taquígrafia, invenção atribuída a Tirão – escravo alforriado de Cícero.

Nas sociedades Gregas e no Baixo Império Romano, muitos escribas realizaram atividades como taquígrafos, popularizando a estenografia e assumindo importante função em escritórios da administração pública geral e militar. O processo de democratização, ocorrido na Grécia, com a difusão de novas concepções religiosas e políticas, fez com que o trabalho dos escribas passasse por diversas modificações, gerando uma crise para essa categoria.

Tal crise ocorreu quando a classe dos Escribas se reconfigura em dois grupos: o primeiro formado pelos que exerciam a função de professores, filósofos, conselheiros e escritores; e o segundo, que deu margem para uma prática de auxiliar diferente, composta por prisioneiros de guerra, os quais foram escravizados para explorar seus conhecimentos intelectuais.

No processo desse segundo grupo, derivam os secretários, classe que se formava em meio à escravidão de escribas. O trabalho realizado por esses profissionais era entendido como obra exclusiva de seus superiores, fato que diminui a capacidade gnosiológica da categoria, ficando, restrita ao trabalho servil e operacional de copista. (NONATO JÚNIOR, 2009). Nonato Júnior destaca que essa depreciação das funções exercidas pelos secretários pode ter gerado o que chamam de silêncio epistemológico sobre as práticas secretariais, surtindo efeitos na profissão até os dias atuais. Tal panorama dá margem a mitos que constituem a imagem da profissão. (NONATO JÚNIOR, 2009).

1.2 Elementos do saber secretarial no Brasil

Quando pensamos na perspectiva histórica foucaultiana, tratamos seu modo de historicizar como monumentalização. Esse modo se trata em “penetrar as disciplinas existentes, trata-las e reinterpreta-las” (FOUCAULT, 2015, p. 160). Deste modo, a história das ideias mostra como “pouco a pouco, as grandes figuras assim constituídas se decompõem: como os temas se desatam, seguem sua vida isolada, caem em desuso ou se recompõem de um novo modo”. (FOUCAULT, 2015, p. 160).

Nessa alçada, pensando a história das ideias com o objeto secretarial, destacamos algumas conquistas alcançadas por esta classe, são elas: a normalização dos cursos de formação superior, a criação das leis que regulamentam a profissão, a criação da Federação Nacional de Secretários (Fenassec), os sindicatos e, também, o estabelecimento das diretrizes curriculares

que orientam os cursos de formação profissional no Brasil (BÍSCOLI, 2012). Em se tratando dos cursos de ensino superior de Secretariado Executivo, esses tiveram abertura no país em meados da década de 70, registrando, até 1997, 32 cursos de secretariado. Em uma década, esse número saltou para 113 cursos, notando, em 2007, um crescimento de 283% (CIELO; SCHMIDT; WENNINGKAMP, 2014).

Registramos que o primeiro curso de Secretariado no Brasil, na modalidade bacharel, foi ofertado pela UFBA – Universidade Federal da Bahia em 1969, criado para atender à crescente demanda do mercado por profissionais qualificados neste segmento, em consequência da intensificação do processo de industrialização na Bahia. Desde então, a formação em Secretariado foi se espalhando pelo país para suprir a necessidade das demandas industriais desenvolvidas em cada contexto do território nacional.²

Vale sobrelevar a constituição do curso de Secretariado Executivo Trilingue na Universidade Estadual de Maringá, neste meio, o curso registra existência desde o ano 2000 (dois mil), sendo alocado no Departamento de Letras Modernas devido a sua criação derivar do empenho de uma professora da área a qual constatou a demanda mercadológica pela profissão na região norte do estado do Paraná, bem como a viabilidade em formar o curso devido ao fato da instituição já ofertar cursos que integram a matriz curricular em Secretariado, dispondo assim, de docentes de outros departamentos para sua composição. Essa realidade, um dos fatores que motiva a discussão realizada nessa pesquisa - heterogeneidade da área - está materializada na matriz curricular do curso, a saber:

- 1º ano – Prática de Leitura e Produção de Textos, Língua Inglesa I, Língua Espanhola I, Língua Francesa I, Arquivística, Contabilidade Geral e Custos, Administração e Organizações, Metodologia e Técnicas de Pesquisa I;
- 2º ano – Prática de Redação Empresarial e Oficial, Língua Inglesa II, Língua Espanhola II, Língua Francesa II, Direito, Arquivística II, Introdução à Psicologia das Relações e Técnicas de Secretariado;
- 3º ano – Gestão Secretarial, Língua Inglesa III, Língua Espanhola III, Língua Francesa III, Elementos de Economia, Processos e Técnicas Administrativas e Introdução à informática;
- 4º e último ano – Estágio Curricular Supervisionado em Secretariado Exec. Trilingue, Língua Inglesa IV, Língua Espanhola IV, Língua Francesa IV,

² Primeiro curso de Secretariado no Brasil. Informações disponíveis em: <[http://www.dasecretariado.ufba.br/hist%C3%B3rico da profiss%C3%A3o.htm](http://www.dasecretariado.ufba.br/hist%C3%B3rico_da_profiss%C3%A3o.htm)>. Acesso em: 30 out. 2017.

Planejamento de Eventos, Recursos Humanos, Filosofia e Ética, Psicologia das Relações Interpessoais. Vale ressaltar que entre as três línguas estrangeiras ofertadas, os alunos devem optar por duas.³ Observa-se, neste panorama, uma característica forte em línguas do curso de Secretariado Executivo Trilíngue ofertado pela UEM, provavelmente em virtude de estar alocado ao DLM – Departamento de Letras Modernas. Constata-se a informação de que em outras instituições públicas o curso pertencer ao Departamento de Ciências Sociais, essa ocorrência também caracteriza a heterogeneidade deste campo.

Diante da heterogeneidade exposta na matriz curricular do curso de Secretariado Executivo da UEM, percebemos que a formação desta área aponta para a prática de assessoria quando envolve um pouco de cada campo de saber. Nesta ocasião, importa ressaltar as competências do profissional que a UEM intenta formar:

Profissionais com competência para promover e participar da melhoria do processo de gestão e desenvolvimento das organizações públicas e privadas, na busca do aumento de produtividade e competitividade; profissionais aptos a atuar em um mercado altamente competitivo e em constantes transformações, devendo desenvolver uma gestão competente, controlando e coordenando seu espaço de atuação, de maneira a manter a estrutura organizacional otimizada, seja de direito público ou privado; atuar como Assessor Executivo, sendo o agente executor e multiplicador mais próximo dos centros de deliberações dos processos decisórios; atuar como assessor do Gestor, veiculando a prática do exercício de atribuições e responsabilidades, das funções de Secretário Executivo e exercendo as funções gerenciais com capacidade de planejar, organizar, implantar e gerir programas de desenvolvimento; atuar como Empreendedor, promovendo as idéias e as práticas inovadoras - competência para implantar resoluções alternativas e inovadoras, bem como capacidade crítica, reflexiva e criativa; capacidade para assessor de Consultoria, entendendo a empresa e sua cadeia produtiva, a sua razão de ser, seus objetivos e políticas, trabalhar com a cultura da organização, transformando-a em oportunidades, utilizando os novos conhecimentos para aprimorar estratégias em vantagens competitivas, analisar criticamente as organizações, antecipando e promovendo suas transformações; estar instrumentalizado, em termos de idioma e comunicação em geral, para as relações externas de empreendimentos nacionais e internacionais.⁴

Constata-se o quão abrangente é a formação acadêmica em Secretariado, a qual desenvolve competências de um profissional preparado para atuar nos mais diversos contextos organizacionais e mercadológicos.

³ Secretariado Executivo Trilíngue – UEM. Informações disponíveis em: <http://sites.uem.br/pen/deg/apoio-aos-colegiados-aco/documentos/cursos-1/cursos/secretariado-executivo-trilingue-noturno> Acesso em: 30 out. 2017.

⁴ Secretariado Executivo Trilíngue – UEM. Informações disponíveis em: <http://sites.uem.br/pen/deg/apoio-aos-colegiados-aco/documentos/cursos-1/cursos/secretariado-executivo-trilingue-noturno>> Acesso em: 30 out. 2017.

Acerca da constatação realizada sobre os cursos em funcionamento no país, atualmente as autoras Cielo, Schmidt e Wenningkamp (2014) apontaram no Enade de 2012 a participação de apenas 70 cursos, ou seja, em um espaço de tempo de cinco anos o número de cursos superiores de Secretariado diminuiu pela metade. Com dados de dezembro de 2015, Cantarotti (2016) demonstra a existência de somente 48 cursos. Sem desconsiderar outros fatores, como desenvolvimento econômico, político e social e a referida realidade acadêmica, essa diminuição representativa dos cursos de secretariado também pode ser um dos fatores que contribuíram para esse silêncio epistemológico⁵.

Um acontecimento relevante a se considerar como pontapé para o desenvolvimento da pesquisa em secretariado é a abordagem dada por Piccoli et al., (2016, p. 107), quando mencionam que “o Secretariado Executivo já foi considerado área do conhecimento, figurando na tabela de áreas do conhecimento (TAC) até pelo menos o ano de 2005. O curso encontrava-se na grande área “outros”, sob o código 9.23.00.00-6. Acredita-se que esse descredenciamento da área na tabela citada se deu pela pouca produção científica da época, o que também possa justificar a não delimitação de um objeto de estudo da área.

Ante essas informações levantadas na área, percebemos um escalonamento de acontecimentos que levaram a união de esforços da comunidade acadêmica no sentido de fomentar a produção científica na área na tentativa de consolidar o conhecimento científico em secretariado.

Diante do desenvolvimento acima descrito, vale ressaltar que poderíamos ter tomado como material de análise desta pesquisa os discursos que caracterizam o secretariado como: o Código de Ética, os Projetos Pedagógicos do Cursos Superiores, dentre outros. Essas materialidades serão objetos de estudos futuros. Porém, para tal empreendimento, selecionou-se os discursos de sujeitos pesquisadores da área, quanto tratam da pesquisa secretarial.

Uma vez explanados os acontecimentos importantes para o saber secretarial, vale, neste momento, explicar como refletimos a história, a partir do pensamento de Michel Foucault, pois, nela, colocamos em suspenso questões como a origem das coisas, as tradições, as continuidades dos longos períodos, a centralização do sujeito. Em oposição a história Global/Tradicional a qual se habitua em “procurar as origens, a percorrer de volta, indefinidamente, a linha dos antecedentes, a reconstituir tradições, a seguir curvas evolutivas, a projetar teleologias, e a recorrer continuamente às metáforas da vida” (FOUCAULT, 2015, p. 15), com o filósofo

⁵ Importa informar que, além do Brasil, constatamos formações em Secretariado em Portugal. Em outras nações a práxis Secretarial é considerada apenas um ofício.

francês não consideramos uma história totalizante, dos longos períodos, contada em torno de personalidades, na perfeita evolução social dos grandes acontecimentos.

Ao invés disso, iniciamos uma análise partindo do atual para mostrar como e quais são as relações que fazem com que as coisas se configuram de uma certa maneira e não outra. Por isso, trabalhamos com séries, séries de séries, com rupturas no lugar de uma história totalizante, global. Nesse trabalho arqueológico, levamos em consideração os acontecimentos discursivos, os enunciados, partindo de uma materialidade discursiva, muito bem datada para desenvolver um trabalho de escavação na busca de constatar como se dão as relações de saberes (Arqueologia) e poderes (Genealogia) sobre determinados objetos. Por isso a denominação metodológica: Arqueogenealogia.

1.3 Sobre o Método Arqueogenealógico

O empreendimento da análise de discurso na concepção foucaultiana possibilita problematizar as relações de poder-saber que constituem os objetos na história, posto que “os saberes existentes em nossa sociedade mantêm uma íntima relação com os regimes de poder instaurados e exercidos nesta sociedade” (DORNE, 2011, p. 53), porque é nela que conseguiremos investigar os fatos. O campo teórico fecundo da análise de discurso associa também a língua com a perspectiva histórica, pois operacionalizar tal realização é partir de uma materialidade enunciativa que tem a língua como componente e desenvolver a partir dela as questões de relações de saber e poder marcadas na história.

O estudo realizado por Michel Foucault pode ser classificado em três momentos: ser-saber, ser-poder e ser-si. A fase ser-saber, também conhecida como arqueológica, aborda a constituição dos saberes na sociedade por meio das práticas discursivas, a segunda, a genealógica, trata acerca das condições de emergência dos saberes constituídos nas e pelas relações de poder, como o poder se exerce nos sujeitos. A terceira, e última, também conhecida como ética do governo de si, nessa fase Foucault dedica suas pesquisas para as questões dos dispositivos, como eles objetivam e subjetivam os sujeitos, direcionando para as questões dos indivíduos com a sexualidade (NAVARRO, 2015).

Ainda de acordo com Navarro (2015), as duas primeiras fases do filósofo francês discutem a relação entre discurso, história e poder, especificamente nas obras *As palavras e as coisas*, *A Arqueologia do Saber*, *A ordem do discurso* e *Microfísica do Poder*. Nessas obras,

observamos, além do modo foucaultiano de pensar a história, os acontecimentos discursivos, conceito caro para a análise de discursos.

Logo, o objeto a ser estudado pelo analista do discurso é sempre o discurso. Para Foucault, o discurso “é a descrição mais precisa, mais concisa de uma formação histórica em sua nudez, é a atualização de sua última diferença individual” (VEYNE, 2011, p. 16-17). Ele é a parte invisível ao pensamento impensado que particulariza cada acontecimento da história. (VEYNE, 2011).

Para o Michel Foucault, o conceito de acontecimento é avaliado como algo que marca rupturas e descontinuidades, manifestadas no discurso. Assim:

Fazer aparecer, em sua pureza, o espaço em que se desenvolvem os acontecimentos discursivos não é tentar restabelecê-lo em um isolamento que nada poderia superar; não é fechá-lo em si mesmo; é tornar-se livre para descrever, nele e fora dele, jogos de relações (FOUCAULT, 2015, p.34)

Nesse pensamento, Navarro (2015), acrescenta que, a perspectiva metodológica de uma análise de discurso de orientação foucaultiana se orienta na apreensão de regularidades discursivas presentes nas relações entre enunciados, grupos de enunciados e acontecimentos discursivos de características social, cultural e histórica.

Desse modo, as análises desenvolvidas nessa concepção permanecem no nível do discursivo, devido a seu sistema de enunciabilidade. Os enunciados efetivamente produzidos respondem a um sistema de enunciabilidade, pois o arquivo - entendido como todos os discursos produzidos em uma dada época sobre um objeto - rege o que pode ser dito, ele define as regras de uma prática que permite a subsistência dos enunciados (SARGENTINI, 2006). De acordo com Foucault (2015, p. 159), “não nos é possível descrever nosso próprio arquivo, já que é no interior de suas regras que falamos”. O arquivo seria a lei do que pode e deve ser dito em um determinado momento histórico. Assim, o arquivo é:

Na densidade das práticas discursivas sistemas que instauram os enunciados como acontecimentos (tendo suas condições e seu domínio de aparecimento) e coisas (compreendendo sua possibilidade e seu campo de utilização). São todos esses sistemas de enunciados (acontecimentos de um lado, coisas de outro) que proponho chamar de *arquivo*. (FOUCAULT, 2015, p. 157).

Nessa visada, reunimos nosso corpora em torno da noção de arquivo. Vale ressaltar que sua forma de organização é de extrema importância para a realização de uma pesquisa, pois é a

partir dele é que podemos analisar a irrupção de um acontecimento em torno da análise de uma formação discursiva. (SARGENTINI, 2006).

Para a realização de um estudo do ponto de vista discursivo aqui adotado, a construção do arquivo em uma pesquisa é de grande importância, no entanto, há de considerar que:

É inerente ao arquivo a interdição dos dois extremos. O excesso de arquivo, apresentado como um saber absoluto, sempre terá sua parte a ser descartada, portanto, sob algum critério, censurada. A falta de arquivo, por sua vez, opõe-se a uma tentativa de investigação sistemática dos vestígios, direcionando para uma significação plural, polifônica, apresentada como um hipertexto. Nem o excesso, nem a falta são objetivos do analista. (SARGENTINI, 2006, p. 44).

Na teoria foucaultiana, consideramos o arquivo como inesgotável em sua totalidade (FOUCAULT, 2015), já que são:

Sistemas que instauram os enunciados como acontecimentos (tendo suas condições e seu domínio de aparecimento) e coisas (compreendendo sua possibilidade e seu campo de utilização). São todos esses sistemas de enunciados (acontecimentos de um lado e coisas de outro) que proponho chamar de *arquivo*. (FOUCAULT, 2015, p. 157).

A compreensão do arquivo é que ele atua no “sistema de enunciabilidade”, “de seu sistema de funcionamento”, pois demonstra nas práticas discursivas a gênese de “enunciado-acontecimento” (FOUCAULT, 2015). Assim sendo, o arquivo é quem constitui as regras de subsistência dos enunciados, modificando-se constantemente. Essa noção é apresentada como impossível de ser descrita em sua totalidade, pois se fala a partir da interioridade de suas regras (FOUCAULT, 2015). Para tanto, o arquivo é:

O que possibilita dizer – e a ele próprio, objeto de nosso discurso – seus modos de aparecimento, suas formas de existência e de coexistência, seu sistema de acúmulo, de historicidade e de desaparecimento. O arquivo não é descritível em sua totalidade: e é incontornável em sua atualidade. (FOUCAULT, 2015, p. 159)

Uma vez entendida a referida noção como o conjunto de todos os sistemas de enunciado, podemos tratá-lo em nossa pesquisa como o objeto Secretariado. Em torno desse objeto, essa pesquisa reúne uma dispersão de enunciados que tratam de um referencial sobre o discurso científico do Secretariado. Nesse sentido, os artigos selecionados constituem parte de um arquivo mais abrangente que comporta aquilo que os sujeitos do saber secretarial falam sobre ele.

Detalhamos nas Tabelas 1 e 2 a relação dos discursos materializados em forma de artigos que compõem uma seleção prévia dos principais discursos científicos da atualidade sobre a pesquisa em secretariado.

Tabela 1 - Livro: PESQUISA EM SECRETARIADO: cenários, perspectivas e desafios, 2012.	
Artigos	Autores
A evolução da profissão secretarial por meio da pesquisa	Daniela Giareta Durante
“Decifra-me ou te devoro”: pesquisa na sociedade do conhecimento	Altair Alberto Fávero
A evolução do secretariado executivo: caminhos prováveis a partir dos avanços da pesquisa científica e dos embates teóricos e conceituais na área	Fabiana Regina Veloso Bíscoli
A construção da identidade científica em Secretariado Executivo	Marlete Beatriz Maçaneiro
Pesquisa aplicada e interdisciplinaridade: da linguística ao secretariado	Erivaldo Pereira do Nascimento
Objeto de Pesquisa em Secretariado Executivo	Raimundo Nonato Júnior
Parâmetros para definições de linhas de pesquisas	Cibele Barsalini Martins Luiz Antônio Genghini Émerson Antônio Maccari Edna BarberatoGenghini
Mapeamento de redes: um estudo sobre as relações entre universidades e docentes em cursos de Secretariado Executivo	Carla Maria Schmidt Ivanete DagaCielo Fernanda Cristina Sanches
Contribuições da iniciação científica na formação do secretário executivo: vivência no Geseb	Maria Elisabete Mariano dos Santos Daniela Giareta Durante

Fonte: Elaborado pela autora

Tabela 2 - Livro: Pesquisa em Secretariado: reflexões acerca da construção do conhecimento, 2016.	
Artigo	Autores
Reflexões construtivistas sobre a construção do conhecimento em secretariado executivo	Marcilene Isairá Baia do Nascimento Roberto Paulo Bibas Fialho
Formação, mercado de trabalho e pesquisa científica: por onde começamos?	Aline Cantarotti
Os cursos de secretariado executivo incentivam a pesquisa?	Nayane Vitoriano de Oliveira Daniela Giareta Durante
Secretariado Executivo e a Pesquisa Acadêmica: uma análise sobre a necessidade da criação de curso Stricto Sensu	Águeda Luiza Piccoli Julia Fernandes Testas Gonçalves Sandro Vieira Soares Cibele Barsalini Martins
Grupos de pesquisa em secretariado executivo: uma análise sobre a cooperação científica internacional	Fernanda Cristina Sanches Carla Maria Schmidt Ivanete DagaCielo Keila Raquel Wenningkamp
Produção científica em secretariado: percepções a partir das publicações da revista Expectativa	Daniela Giareta Durante Otávio Bessa Gonçalves Décyá Emanuela Lima do Nascimento Emiliano Sousa Pontes
A extensão-pesquisa e as metodologias participativas protagonizadas pela assessoria interdisciplinar	Maria Luzitana Conceição dos Santos
Grupo focal: instrumento de abordagem qualitativa empregado em pesquisas secretariais	Lisiane Freitas de Freitas

Fonte: Elaborado pela autora

O critério de inclusão utilizado para compor o material de análise dessa dissertação diz respeito, especificamente, à produção de um discurso científico sobre o Secretariado. Por meio desse critério são feitos recortes, entendidos como: “fatos de discurso que merecem ser analisados ao lado dos outros, que com eles mantêm, certamente, relações complexas”

(FOUCAULT, 2015, p. 27). A totalidade do recorte analítico é apresentada no momento de realização das análises.

De forma elucidativa sobre as diferenças conceituais apresentadas, a análise de discurso considera *corpus* e material de análise o recorte selecionado de um universo para a pesquisa, no caso em tela, o *arquivo* no interior do qual se constitui o Secretariado como objeto de poder-saber. Para se fazer menção a elementos enunciativos desse arquivo, utilizamos o termo conceitual e metodológico chamado de sequência enunciativa (doravante SE), tendo em mente que tais sequências se constituem de enunciados efetivamente produzidos e, portanto, passíveis de serem analisados.

Posto isso, o percurso teórico utilizado neste segundo tópico reúne os conceitos precursores para o desenvolvimento de uma análise arqueológica, qual sejam: história e acontecimento. Essas noções cerceiam todo o desenvolvimento da obra foucaultiana. Versaremos, neste momento, sobre essas duas questões tomando como objeto de discussão o saber secretarial.

1.4 A história e os acontecimentos discursivos nas práticas discursivas de constituição de uma ciência do Secretariado

Para colocar em funcionamento a análise discursiva aqui proposta, faz-se necessário considerar a relação dual entre o saber e a história. Utilizar o empreendimento deste autor como teoria e método é partir de um viés arqueológico, o qual possui uma maneira peculiar de historicizar, visto que, nessa perspectiva, a história conhecida como tradicional é notada de um jeito diferente aos historiadores contemporâneos a Foucault. Na história tradicional ou global

a atenção dos historiadores se volta, de preferência, para longos períodos, como se, sob as peripécias políticas e seus episódios, eles se dispusessem a revelar o equilíbrios estáveis e difíceis de serem rompidos, os processos irreversíveis, as regulações constantes, os fenômenos tendenciais que culminam e se invertem após continuidades seculares, os movimentos de acumulação e as saturações lentas, as grandes bases imóveis e mudas que o emaranhado das narrativas tradicionais recobriria com toda uma densa camada de acontecimentos. (FOUCAULT, 2015, p. 03)

Adverso a isso, no modo de história visto por Michel Foucault são colocados em suspenso os longos períodos, as continuidades, linearidades e, sobretudo, uma gênese ou ponto de origem dos discursos, características de uma história global. O filósofo não nega a história,

ao contrário, para ele, tudo é histórico, porém não analisado em uma forma contínua. Nessa alçada,

As sucessões lineares, que até então tinham sido o objeto da pesquisa, foram substituídas por um jogo de interrupções em profundidade. Da mobilidade política às lentidões próprias da "civilização material", os níveis de análises se multiplicaram: cada um tem suas rupturas específicas, cada um permite um corte que só a ele pertence. (FOUCAULT, 2015, p. 03)

Desse modo, a história que trabalhamos com base em Foucault é conhecida como geral ou serial. A partir dela, analisamos a singularidade dos acontecimentos, as rupturas, as aparentes unidades e as dispersões discursivas. Tudo isso torna possível que não contemplemos que somos o desenvolvimento perfeito da evolução social, o que nos permite observar é que os fatos não acontecem de maneira linear. Nessa nova história, a concepção que temos do sujeito não se dá no produto da evolução, mas num resultado inserido num vai e vem de acontecimentos, acarretando em avançar e retroceder ao mesmo tempo. Esse contexto nos leva a pensar na dispersão dos acontecimentos que constituíram por sua vez o objeto secretariado, sobre o campo de emergência, os fatos que levaram a determinar o que é, por exemplo, o secretariado no Brasil hoje.

Segundo o fato de acontecimentos, eles emergem de acordo com as condições de possibilidade do verdadeiro de uma época, são as condições de emergência (questões políticas, econômicas – sociais) que possibilitam a irrupção de um acontecimento. É nessa vertente que a história geral ou serial nos afasta da história conhecida como global (tradicional), pois tem uma forma peculiar de olhar o tempo, na medida em que nela a temporalidade não é a mesma para todos os homens. Cada pessoa pensa de acordo com seu tempo, estando em um mesmo momento cronológico. Por isso os fatos ocorridos como “naturais”, em um dado momento, podem em um outro ser refutados. A esse respeito, Veyne (2011) afirma que,

A cada época, os contemporâneos estão, portanto, tão encerrados em discursos como em aquários falsamente transparentes, e ignoram que aquários são esses e até mesmo o fato de que há um. As falsas generalidades e os discursos variam ao longo do tempo; mas a cada época eles passam por verdadeiros. De modo que a verdade se reduz a um dizer verdadeiro, a falar de maneira conforme ao que se admite ser verdadeiro e que fará sorrir um século mais tarde. (VEYNE, 2011, p. 25).

Podemos explicar a citação acima valendo-nos, como exemplo, das tecnologias. Supostamente, vivemos em uma “era” tecnológica, contudo, perguntamos: será que todas as

pessoas dessa temporalidade dominam as tecnologias, fazem transações bancárias via internet, por exemplo? Sobre a temporalidade do objeto estudado, será que todos os profissionais de secretariado dominam as tecnologias existentes? As empresas, as organizações estão todas em uma mesma temporalidade tecnológica? A prática de secretariar atual é a mesma dos anos 80, 90 e 2000? São essas problematizações que questionamos na história geral. Não se trata aqui de negar a existência da tecnologia, mas sua existência em uma forma totalizante, isto é, a crença de que todas as pessoas utilizam tal ferramenta e, mais ainda, se subjetivam por meio de seu uso diário.

Na história global, os fatos giram em torno das grandes personalidades, há uma centralização do sujeito. Já na história serial o sujeito é descentralizado, pois acontece uma descontinuidade no método e no foco, deslocando a atenção “das vastas unidades descritas como ‘épocas’ ou ‘séculos’ para fenômenos de ruptura” (FOUCAULT, 2015, p. 04). Nela, procura-se verificar a incidência das interrupções, como já dito, o “verdadeiro de cada época”, que Foucault mostra ser de posição e natureza bastante diversas. Nessa constatação histórica é preciso colocar em cheque todas as sínteses já acabadas, os agrupamentos aceitos antes de qualquer apreciação, os laços dados de forma pronta (FOUCAULT, 2015).

Se a história global centraliza o sujeito, as grandes personalidades, a busca da origem, do estabelecimento de continuidades, a história pensada com Foucault empreende um método de análise que não considera somente o estruturalismo, uma análise cujos acontecimentos não giram em torno do sujeito. Ela busca “determinar que forma de relação pode ser legitimamente descrita entre diferentes séries (...) num espaço de uma dispersão” (FOUCAULT, 2015, p. 12). Em suma, a história pensada com Michel Foucault não se inscreve no debate estrutural como os pensadores de época, e sim “no campo em que se manifestam, se cruzam, se emaranham e se especificam questões do ser humano” (FOUCAULT, 2009, p. 18).

A temporalidade da obra arqueológica não apresenta a sucessão cronológica dos saberes, nem mostra o caráter anacrônico de uma obra ou de uma concepção. Nela, Foucault, apresenta uma “epistemologia fundada na atualização das transições, das mutações e dos deslocamentos que incidem sobre o campo da validade e das regras de uso dos conceitos” (BERT, 2013, p. 28).

No ato de produzir uma análise arqueogenealógica sobre a constituição de um saber em secretariado, enfatizamos que a produção discursiva é sempre controlada por procedimentos ligados a condições de possibilidades em um contexto histórico específico, cujas características levam em conta as descontinuidades, as rupturas dos acontecimentos, as séries, os jogos de

relações arrolados neste saber em formação. Com esse modo de pensar problematizamos as questões já existentes neste saber, descrevendo, via discurso, a constituição do saber secretarial.

Nesse raciocínio de rupturas, descontinuidades, surge a noção de acontecimento, questão fundante para a análise de discurso, na medida em que ele é concebido como algo que irrompe, que foge à estrutura, considerado um evento único por sua relação com a enunciação e a história (POSSENTI, 2006). O acontecimento é sempre discursivo, pois se materializa no discurso. Ele é

O conjunto sempre finito e efetivamente limitado das únicas sequências linguísticas que tenham sido formuladas: elas bem podem ser inumeráveis e podem, por sua massa, ultrapassar toda capacidade de registro, de memória, ou de leitura: elas constituem, entretanto, um conjunto finito. (FOUCAULT, 2015, p. 33)

Essa definição é entendida como uma irrupção enunciativa singular, um acontecimento discursivo já que possui um momento histórico próprio, único. (GREGOLIN, 2007). De acordo com a autora “o acontecimento é pensado como a emergência de enunciados que se inter-relacionam e produzem efeitos de sentido” (GREGOLIN, 2006, p. 27).

Então, as análises na vertente foucaultiana partem de acontecimentos muito bem datados, para, assim, escavar nas camadas do discurso as questões históricas que permitiram o surgimento de determinado acontecimento discursivo. Tratamos de uma história que retrata “suas intensidades, seus desfalecimentos...o próprio corpo do devir. É preciso ser metafísico para lhe procurar uma alma na idealidade longínqua da origem” (FOUCAULT, 2016, p. 61).

Uma análise genealógica não recua no tempo para restabelecer uma grande continuidade para além da dispersão do esquecimento, ela mantém o que se passou na dispersão que lhe é própria, assinalando os acidentes e os desvios, desvendando nessas rupturas a raiz daquilo que nos constitui. Em suma, a não busca da origem e a consideração dessas rupturas, desvios, erros, vai mostrar que a emergência de um saber não tem autoria em um único sujeito, ela se dá nas e pelas condições históricas que transformam as práticas e constroem os objetos. “Ninguém é, portanto, responsável por uma emergência; ninguém pode se autoglorificar por ela; ela sempre se produz no interstício” (FOUCAULT, 2016, p. 68). Esse fato estamos mostrando num movimento de ir e vir com o objeto aqui estudado.

Sobre a noção de acontecimento, importa também considerar a ideia de escalonamento, tal como nos ensina Foucault:

Não se trata de colocar tudo num certo plano, que seria o do acontecimento, mas de considerar que existe todo um escalonamento de tipos de

acontecimentos diferentes que não tem o mesmo alcance, a mesma amplitude cronológica, nem a mesma capacidade de produzir efeitos. (FOUCAULT, 2016, p.40)

Sabendo que as condições de possibilidade emergem no verdadeiro de uma época, destacamos escalonamentos de acontecimentos que irromperam no campo científico secretarial. Essa escala de acontecimentos não possui o mesmo alcance, nem o mesmo efeito de sentido, mas reconfigura em suas dadas proporções as discussões sobre a pesquisa em Secretariado no Brasil. Vale ressaltar a questão dos acontecimentos discursivos, os quais se desenvolvem dos acontecimentos históricos, quando se materializam no discurso, evocando uma memória. Diante disso, é oportuno mencionar como escalonamento de acontecimentos discursivos para as reflexões sobre a produção científica da área a não aparição da área Secretariado Executivo na tabela CNPQ, que em 2002 era classificada em uma nova Grande Área denominada “Outros” (SOUZA, 2004 apud MAÇANEIRO, 2011). Professores e pesquisadores da área acreditam que essa não constatação se dá pela pequena representatividade de produção científica desse campo.

Um ponto que pode influenciar diretamente sobre a constatação acima é, ainda, a inexistência de programas de pós-graduação *stricto sensu* em secretariado, fato que leva os profissionais a se especializarem em áreas afins, como Administração, Educação e Letras, por exemplo, bem como publicações nas áreas especializadas, já que os trabalhos desenvolvidos durante as disciplinas e as próprias dissertações e teses discutem temáticas designadas às áreas específicas das pós-graduações. Vale ressaltar que isso não acontece de forma regular, mas uma realidade dispersa, vide a discussão proposta nesta dissertação.

Como efeito de sentido dessa exclusão se destaca como acontecimento que irrompe nesse escalonamento e contribui para promoção da pesquisa em secretariado é a ocorrência de eventos científicos em âmbito nacional. Um evento que deu margem para efervescer a discussão sobre o conhecimento científico na área foi o 1º Enasec – Encontro Nacional de Secretariado Executivo, em 2010, na cidade de Toledo, no Oeste do Paraná.

Destacamos, também, nessa condição de possibilidade, a criação da Associação Brasileira de Pesquisa em Secretariado (ABPSEC). Tal associação surgiu em meio aos anseios e as lutas para o reconhecimento como área de conhecimento científico. Essa ideia foi debatida no encontro mencionado anteriormente. O acontecimento - criação da ABPSEC – produz efeitos de sentido para área secretarial e em seu âmbito acadêmico, quando trata do desenvolvimento e do fortalecimento da área em termos de pesquisa. Esse acontecimento se concretizou devido a uma ordem de outros acontecimentos que levaram a institucionalizar o fomento da pesquisa em secretariado.

Sobre o desenrolar desse fato, constatamos que a elaboração do Estatuto da Associação envolveu 31 professores participantes do evento, o que resultou na formação de uma comissão composta pelos docentes representantes de diversas instituições de Ensino Superior do país: Erivaldo Pereira do Nascimento (UFPBP), Ivanete DagaCielo (Unioeste), Raimundo Nonato Júnior (Unicentro), Ana Cristina Brandão R. Silva (Faculdade Alvorada), Alexandre J. Schumacher (IFMT), Elaine Freitas (Faculdade Católica), Lucila Augusta Campesatto (URI), Fernanda Landofi Maia (URI), Aline Cantarotti (UEM), ChussyKarlla Souza Antunes (ESURP) e Fabiana R. Veloso Bíscoli (Unioeste). A presidência da comissão foi direcionada ao professor Dr. Erivaldo P. do Nascimento, devido a sua experiência como pesquisador CNPq e membro de outras instituições de fomento à pesquisa.⁶

A série de elementos destacados acima, dão condições de possibilidade para a materialização discursiva recortada como objeto de análise dessa pesquisa. Sobre a análise do campo discursivo Michel Foucault esclarece que se trata de

Compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. (FOUCAULT, 2015, p. 31)

Na emergência dos acontecimentos é que se desenvolvem as materialidades discursivas, as quais se dão por meio de documentos que se memorizam, como os acima destacados. Nesse sentido, para que haja discurso se faz necessário uma série de acontecimentos manifestados no e pelo discurso. Assim, nessa forma de história não se pensa na origem dos discursos, mas no jogo de sua instância. (FOUCAULT, 2015). Portanto,

É preciso estar pronto a acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado. (FOUCAULT, 2015, p. 31)

Uma vez entendido o discurso como acontecimento, vale ressaltar a relação mantida com aspectos das esferas social, política e histórica. Disso decorre a concepção de discurso como algo da ordem da língua e algo da ordem da história. Como analisa Foucault, “uma língua constitui sempre um sistema de enunciados possíveis – um conjunto finito de regras que

⁶Disponível em: <<http://www.abpsec.com.br/abpsec/index.php/a-associacao/historia>>. Acesso em 30.11.16.

autoriza um número infinito de desempenhos” (FOUCAULT, 2015, p. 33), o campo dos acontecimentos discursivos,

É o conjunto sempre finito e efetivamente limitado das únicas sequências linguísticas que tenham sido formuladas: elas bem podem ser inumeráveis e podem, por sua massa, ultrapassar toda capacidade de registro, de memória, ou de leitura: elas constituem, entretanto, um conjunto finito. Eis a questão que a análise da língua coloca a propósito de qualquer fato de discurso: segundo a que regras de enunciado foi construído e, conseqüentemente, segundo que regras outros enunciados semelhantes poderiam ser construídos? A descrição de acontecimentos do discurso coloca uma outra questão bem diferente: como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar? (FOUCAULT, 2015, p. 33).

A resposta a essa pergunta demanda o desenvolvimento metodológico “que se orienta na apreensão de regularidades discursivas existentes nas relações que os enunciados estabelecem entre si, nas relações entre grupos de enunciados” (NAVARRO, 2015, p. 159). Destarte, o funcionamento de uma rede discursiva mobiliza três principais noções: enunciado, discurso e formação discursiva. Esses conceitos encontram-se desenvolvidos no segundo capítulo desta dissertação.

Por hora, abordamos nesse subtópico as questões discutidas na obra “A ordem do discurso”, para tratar da disseminação discursiva nas diversas temporalidades. Importa trazer essa problematização para nossa discussão, pois, por meio dela, refletimos sobre o controle discursivo em uma dada época, no que tange ao funcionamento do discurso, quando este quer e/ou deve atingir o *status* de científico.

1.5 As exclusões e interdições nas práticas do discurso científico do secretariado na atualidade

Ao discorrer sobre o funcionamento discursivo, Michel Foucault reflete sobre as formas de disseminação do discurso nas sociedades em diferentes épocas (2014). O autor explana, dentre outras coisas, sobre como o discurso exerce uma função de controle, de limitação e validação das regras de poder nos períodos históricos e grupos sociais, isto é, mostra que o funcionamento discursivo possui determinada ordem, que interdita, legitima e promove *status* aos discursos. O ponto de partida do autor gira em torno da tese de que:

Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de processos que

tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2014, p. 08-09)

Dessa maneira, não é qualquer um que pode dizer qualquer coisa, em qualquer momento (FOUCAULT, 2014). Também, nos são apresentadas as proposições, os princípios e as táticas da organização do discurso, em seguida as viabilidades de sua análise. O autor indaga como falar sobre o discurso, questioná-lo e desvendá-lo tendo que dele mesmo fazer uso.

Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo começo possível. Gostaria de perceber que no momento de falar uma voz sem nome me precedia há muito tempo: bastaria, então, que eu encadeasse, prosseguisse a frase, me alojasse, sem ser percebido, em seus interstícios, como se ela me houvesse dado um sinal, mantendo-se, por um instante, suspensa. Não haveria, portanto, começo; e em vez de ser aquele de quem parte o discurso, eu seria, antes, ao acaso de seu desenrolar, uma estreita lacuna, o ponto de seu desaparecimento possível. (FOUCAULT, 2014, p. 5-6).

Vemos a dificuldade em desvencilhar as estratégias discursivas e a investigação do discurso por uma voz sem nome empregando que as palavras são um jogo. Esse jogo compõe um conjunto de mecanismos que *interditam, rejeitam e produzem uma vontade de verdade*. A *interdição* refere-se ao tabu do objeto, ao ritual da circunstância e ao direito privilegiado daquele que fala. Ela é uma clara relação entre o discurso e o poder. No objeto discursivo secretarial, constatamos a posição ocupada pelos sujeitos que possuem um *status* para proferir discursos científicos sobre o secretariado. Essas posições podem ser assumidas por professores, acadêmicos que nessa ordem estão, de alguma forma, amparados por instituições que regulam a produção de discursos e saberes científicos.

Na *rejeição* encontramos como característica o discurso do louco, colocando em oposição a razão e a loucura. No objeto da nossa pesquisa a rejeição pode ser constatada, por exemplo, quando um pesquisador não tem seu texto publicado por não atender às normas vigentes de uma revista, ou outros fatos análogos quando tratamos sobre o crivo científico. Na terceira e última característica – *a vontade de verdade* – o discurso se apresenta como uma ferramenta de separação entre o verdadeiro e o falso. Acolher um discurso como verdadeiro ou refutá-lo depende do jogo de relações em que esse discurso está submetido para que seja acolhido ou não. Como citamos acima, as instituições mencionadas atuam como um sistema que regulam a organização dos saberes, bem como asseguram ou não o *status* de cientificidade à determinada área do saber.

Nessa relação de poderes sobre a construção do saber em secretariado destacamos como resistências desse movimento a pesquisa na área, o que desencadeia as publicações em eventos, revistas científicas etc.

Sobre os três mecanismos do funcionamento discursivo, vejamos:

Se levantarmos a questão de saber qual foi, qual é, constantemente, através de nossos discursos, essa vontade de verdade que atravessou tantos séculos de nossa história, ou qual é, em sua forma muito geral, o tipo de separação que rege nossa vontade de saber, então é talvez algo como um sistema de exclusão (sistema histórico, institucionalmente constrangedor) que vemos desenhar-se. (FOUCAULT, 2014, p. 14)

Assim, ao longo dos tempos ocorrerão diferentes formas de legitimar o saber. Nessa ótica, para que o saber, no verdadeiro de nossa época, possua o *status* de científico, a produção discursiva sobre ele precisa passar por crivos institucionais. Esse fato se caracteriza pela relação dual na ordem de saberes e poderes.

Michel Foucault procurou na obra *A Arqueologia do Saber* mostrar como a constituição dos saberes se dá nas relações discursivas e sua articulação com as instituições no verdadeiro de cada época. E, posteriormente, na chamada segunda fase, dedicou-se a explicar a existência de certos saberes, considerando que as transformações que os regem situam-se nas relações de poder, centradas sob um dispositivo político. Assim, de acordo com o autor “cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros” (FOUCAULT, 2016, p. 52).

Elencamos nesta *vontade de verdade* algumas instituições que parecem atuar como legitimadoras de um discurso científico, dentre as quais Revistas/Periódicos Científicos, Instituições como a CAPES (Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior) e CNPQ (Conselho Nacional de Pesquisa).

Nessa ordem discursiva, tomamos como exemplo as revistas científicas *Expectativa* e *Gesec*, ambas criadas com o intuito de suprir a carência de publicações na área. A criação dessas revistas emergiram a partir de uma demanda histórica a qual se refere ao efeito de sentido fomentado a partir do descredenciamento do secretariado na tabela TAC.

Sobre a revista *Expectativa*, esta é editada pelo Colegiado do Curso de Secretariado Executivo e pelo Grupo de Pesquisa em Secretariado Executivo da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) – Campus Toledo, abarca publicações locais, regionais e nacionais

no âmbito do Secretariado Executivo.⁷ Essa revista possui como avaliação *Qualis* B2. Esse nível de *Qualis* representa um *status* avaliativo alto quando se trata de qualidade científica. Disso decorre um efeito de que a produção científica em secretariado é de qualidade por circular em revista de *Qualis* B2.

Já, a Revista Gestão e Secretariado (GESEC) constitui-se como um periódico interdisciplinar que reúne temáticas que dizem respeito às áreas de gestão e de processos administrativos/técnicos. O fato de se caracterizar de forma interdisciplinar demonstra a constituição heterogênea o objeto secretarial. A revista é fruto de uma parceria entre pesquisadores pertencentes a núcleos e grupos de estudos de secretariado existentes nas IES e do Comitê Estratégico do Sindicato das Secretárias e Secretários do Estado de São Paulo (SINSESP). Tal revista possui o efetivo envolvimento da comunidade científica tanto na apresentação de artigos como na elaboração de pareceres.⁸

As revistas citadas são tomadas como exemplos de instituições legitimadoras pelas quais circulam as produções científicas no secretariado. Também, constata-se como efeitos de sentidos produzidos pelas e na existência dessas revistas a vontade de verdade em validar o discurso científico da área.

Vale ressaltar a questão do *Qualis* - sistema utilizado para avaliar a produção científica dos programas de pós-graduação no que se refere aos artigos publicados em periódicos científicos. Seu resultado é disponibilizado em uma lista com a classificação dos veículos utilizados pelos programas de pós-graduação para a divulgação da sua produção. A classificação de periódicos é realizada pelas áreas de avaliação e passa por processo anual de atualização. Esses veículos são enquadrados em estratos indicativos da qualidade - A1, o mais elevado; A2; B1; B2; B3; B4; B5; C – com peso zero.⁹

Outra instituição avaliativa, é a CAPES, órgão pertencente ao Ministério da Educação, responsável pela autorização e avaliação dos cursos de pós-graduação *stricto-sensu* em nível nacional. Esse processo é contínuo. Os cursos em funcionamento são avaliados a cada quatro anos, a fim de verificar se as metas propostas no projeto inicial foram plenamente atingidas no âmbito do programa. Caso as metas não sejam alcançadas, pode acontecer o descredenciamento do programa. Os cursos de pós-graduação são avaliados com conceitos que variam de 3 a 7 e que levam em consideração a produção científica do corpo docente e discente, a estrutura

⁷Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/expectativa/index>>. Acesso em 03.01.17

⁸ Disponível em <<https://www.revistagesec.org.br/secretariado>>. Acesso em: 03.01.17.

⁹ Disponível em <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/classificacao-da-producao-intelectual>>. Acesso em: 03.01.17

curricular do curso, a infraestrutura de pesquisa da instituição, dentre outros fatores. Nos parâmetros da CAPES, a nota 5 é atribuída a cursos de excelência em nível nacional e as notas 6 e 7 correspondem a cursos de qualidade internacional. A nota mínima 3 é atribuída a cursos novos no momento de sua implantação, em instituições ainda sem muita tradição em pós-graduação. A avaliação dos cursos na CAPES é desenvolvida pelos comitês de área, formados por consultores acadêmicos escolhidos dentre profissionais de comprovada competência em pesquisa e ensino de pós-graduação. Os comitês de área também são responsáveis pelo estabelecimento de critérios e diretrizes para essa avaliação, que são divulgados em documentos das respectivas áreas dos comitês. Como já mencionado, compete aos comitês de área a qualificação de periódicos, anais, jornais e revistas (QUALIS) em cada área de pesquisa¹⁰.

O CNPQ é um órgão público cujo o objetivo é fomentar a pesquisa no Brasil por meio de bolsas e auxílios, de preferência para indivíduos que cursam Mestrado e Doutorado, sejam eles de nível nacional e internacional. Foi fundado em 1951, reconhecido no mundo todo, em especial nos países em desenvolvimento. Inicialmente este órgão tinha o objetivo de dominar o ciclo atômico no país, e criar estratégias. Posteriormente, expandiram-se as funções e este ficou responsável também por financiar pesquisas científicas e tecnológicas nas mais diversas áreas de conhecimento. Sua sede situa-se em Brasília juntamente ao Ministério da Ciência e Tecnologia. O CNPQ também tem vários outros órgãos federais e parceiros estrangeiros em suas funções.¹¹

Essas instituições, CAPES, CNPQ, comitês de avaliação, são compostas por indivíduos que ocupam uma posição para ser sujeito destas. O que há de considerar sempre um posicionamento a respeito de um discurso, e, como sabemos, os discursos produzem saberes. Esses saberes que não atingem uma condição científica permanecem no plano do empirismo, como o saber mítico, crenças, dentre outros. No caso do objeto em estudo, o saber secretarial, em que estudamos os discursos científicos sobre a área, a “voz” institucional exerce *status* no funcionamento e na qualificação de um objeto-discursivo-científico.

Nesse pensamento, Foucault também questiona a organização das disciplinas de acordo com o verdadeiro de cada época. Assim, afirma o autor que

Uma proposição deve preencher exigências complexas e pesadas para pertencer ao conjunto de uma disciplina; antes de poder ser declarada verdadeira ou falsa, deve encontrar-se, como diria M. Canguilhem, ‘no verdadeiro’. (FOUCAULT, 2014, p. 32)

¹⁰ Disponível em <<http://www.cp2.g12.br/blog/mpcp2/conteudo/6>>, acesso em 02.01.2017.

¹¹ Disponível em <<https://www.significados.com.br/cnpq/>>, acesso em: 02.01.17.

O filósofo completa que “a disciplina é um princípio de controle da produção de um discurso” (FOUCAULT, 2014, p. 34), pois nela estão anexados “os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras” que regem o funcionamento dos discursos (FOUCAULT, 2014, p. 34). Essas regras exercem o regime de poder disciplinar que silencia ou que faz falar. Há de se considerar os sistemas de controle que coexistem nessa ordem discursiva

Determina as condições de seu funcionamento, de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras e assim de não permitir que todo mundo tenha acesso a eles [os discursos]. Rarefação, desta vez, dos sujeitos que falam (FOUCAULT, 2014, p. 35).

Na teoria posta aqui, o sujeito não é considerado o sujeito empírico, e sim uma posição vazia que, para se efetivar como sujeito, deve ser ocupada por alguém. Por isso, existe uma ordem discursiva que determina que se fale de acordo com a posição que se ocupa. Não é qualquer pessoa que pode dizer qualquer coisa. Tomemos como exemplo o rito:

A forma mais superficial e mais visível desses sistemas de restrição é constituída pelo que se pode agrupar sob o nome de ritual; o ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinados tipos de enunciados); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirige, os limites de seu valor de coerção. (FOUCAULT, 2014, p. 36-37)

O rito pode ser associado a uma memória social, em que tem por função presentificar atos de uma sociedade em forma de uma representação ritualística. Nesse sentido, é que se considera a existência de uma posição sujeito a qual está disposta para ser ocupada por um indivíduo para ser seu sujeito. Como na análise de discurso acontece a descentralização do sujeito, não existe o sujeito empírico, o indivíduo, e sim o sujeito do discurso, que é atravessado por aspectos linguísticos, históricos-sociais.

O sujeito do enunciado é sempre a posição absolutamente neutra, indiferente ao tempo, ao espaço, às circunstâncias, idêntica em qualquer sistema linguístico, em qualquer código de escrita ou de simbolização, e que pode ser ocupada por qualquer indivíduo. (FOUCAULT, 2015, p. 114)

Em função disso, analisamos sempre o discurso, levando em consideração, na enunciação, a posição ocupada pelo seu sujeito e não o indivíduo enunciador. Tomemos como exemplo a posição de um líder religioso num rito de casamento, uma cerimônia. Somente o sujeito que ocupa essa posição poderá legitimar a cerimônia religiosa do casamento. Como também é o caso de um juiz, a posição está ali para ser ocupada por um indivíduo que, somente quando tomada a posição, poderá enunciar validando atos. Assim, a posição sujeito é sempre “um lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes” (FOUCAULT, 2015, p. 115).

Tomando como exemplo nosso objeto, questionamos: quem é o sujeito do secretariado? Quais são as qualificações, especificações que esse indivíduo precisa cumprir para ser seu sujeito? Nesse âmbito, o sujeito do secretariado é produzido a partir de uma rede de enunciados que vão constituir esses indivíduos como sujeitos. Vale ressaltar que há uma ordem a se acatar sobre o funcionamento discursivo. Há de se considerar as posições ocupadas por indivíduos qualificados que, para produzir discursos, precisa estar amparado por instituições, podendo ocupar a posição de sujeito secretarial a partir do momento em que cumpre os crivos dessas instâncias que o legitimam para tal. Esses discursos que vão conceber o sujeito do Secretariado podem ser vistos, por exemplo, na materialização de uma matriz curricular quando percebemos a heterogeneidade de áreas que compõem o curso; no discurso das produções acadêmicas que reforçam tal afirmativa; no discurso de instituições como CAPES, quando tratam dos processos sobre autorizar ou não a abertura de especializações *Stricto Sensu* na área, e, até mesmo o discurso do CNPq, quando não inclui esse campo como área de saber.

Assim, colocamos como reflexão as questões da constituição desse sujeito na condição de acadêmico em secretariado, no campo de atuação ou para as instituições que amparam a classe, quem é esse sujeito profissional?

Nesse âmbito, importa enfatizar, de acordo com o objetivo desta pesquisa, que a tarefa de um analista não é apontar a veracidade de um discurso em relação ao outro, mas descrever os efeitos de sentido produzidos por eles, as posições ocupadas pelos sujeitos discursivos. Como nos ensina Foucault (2015), um dos elementos para que o discurso funcione se dá por um local institucional em que esteja ocupado por um indivíduo em uma determinada posição. Essa posição, também, legitima, afirma, refuta, reafirma os discursos. Ressaltamos, nessa ordem, os exemplos de posições institucionais que um sujeito deve ocupar para que ocorra a legitimação do discurso científico. A noção “posição sujeito” está desenvolvida, de forma mais detalhada, quando discutirmos, no próximo capítulo, os elementos da função enunciativa.

Ante ao exposto, empreendemos, na seção seguinte, o funcionamento teórico-analítico das práticas discursivas. Essas práticas materializam-se no enunciado, que, por sua vez, apontam para uma dada formação discursiva que busca, em meio à dispersão, estabelecer regularidades discursivas em relação ao modo que abordam os objetos. Em vista desenvolveremos, neste momento, as materialidades que constituem uma rede discursiva de um saber secretarial, tomando como *a priori* as noções de enunciado, discurso e formação discursiva.

2 A CONSTITUIÇÃO DO OBJETO DE SABER SECRETARIAL

Uma teoria é como uma caixa de ferramentas. Nada tem a ver com o significante... É preciso que sirva, é preciso que funcione. E não para si mesma. Se não há pessoas para utilizá-la, a começar pelo próprio teórico que deixa então de ser teórico, é que ela não vale de nada ou então que o momento ainda não chegou.

(Deleuze apud Foucault, 2016, p. 132)

Versamos, no capítulo anterior, a respeito da história descontínua - serial, realizada nos acontecimentos discursivos, o que nos levou a entender que o discurso é sempre produzido em contextos e por sujeitos diferentes, raciocínio fundante para operar uma análise de discurso.

Para este capítulo, discutimos, tendo em vista o desenrolar dos enunciados que compõem a formação discursiva do saber secretarial, os elementos da formação discursiva descritos por Michel Foucault, destes, descrevemos a formação dos objetos: - *superfícies de emergência*; - *instâncias de delimitação*; - *grades de especificação*; a formação das modalidades enunciativas: - *posição sujeito.*; e a *formação dos conceitos*: - *procedimentos de intervenção*.

Motivados pela mesma inquietude de Michel Foucault, quando empreendeu seus estudos a propósito da construção discursiva sobre o objeto/sujeito - louco, propomos analisar, nessa dissertação, o funcionamento discursivo sobre o saber em formação no secretariado, abordando os processos exercidos numa ordem discursiva para a constituição desse objeto.

Diante disso, partimos do pressuposto de que os enunciados que tratam do saber secretarial constituem o discurso e dão condições de possibilidade para que possamos descrever a formação discursiva em que esses enunciados se inscrevem. Para tratar dessa noção e os demais conceitos que operacionalizam uma análise de discurso foucaultiana - discorreremos, neste momento, acerca dos seguintes conceitos: formação discursiva, discurso e, por último, enunciado. Com essa discussão, buscamos cumprir o terceiro objetivo proposto, a partir de duas sub-seções: 2.1 Sobre a formação discursiva; 2.2 A função enunciativa e sua operacionalização.

Sendo o enunciado o menor elemento do discurso, pretendemos descrever, pela análise da função enunciativa, as regularidades do saber secretarial, já que, pela operacionalização desse conceito, conseguiremos tratar de elementos que compõem uma formação discursiva presente em nosso material de análise. Com isso, almejamos dar visibilidade a elementos de uma formação discursiva acerca do saber secretarial. Essa análise se concentrará a partir da descrição dos enunciados, tentando observar as modalidades enunciativas e a formação dos conceitos. Em relação às modalidades enunciativas, objetivamos descrever os elementos presentes nos enunciados, observar também a formação dos conceitos, visando à análise do seu campo de memória.

2.1 Sobre a formação discursiva

A noção de formação discursiva emerge no debate dos intelectuais franceses, Lacan, Pêcheux, Althusser e, também, Foucault, de modo a abordar as problemáticas do discurso. No capítulo da *Arqueologia do Saber* em que Michel Foucault se debruça em desenvolver tal conceito, o filósofo, de início, parte do questionamento de que seria possível estabelecer uma unidade para o discurso. Para isso, o autor suspende quaisquer categorias que se apoiam em temas de uma história contínua. Durante sua tentativa de descrever as relações entre enunciado, acontecimento e discurso, isto é, sobre a formação discursiva dos objetos como *a* medicina, *a* gramática, *a* economia política, esse autor interroga se os discursos que formaram tais objetos:

Não passam de um reagrupamento retrospectivo pelo qual as ciências contemporâneas se iludem sobre seu próprio passado? [...] E que espécie de laços reconhecer validamente entre todos esses enunciados que formam, de um modo ao mesmo tempo familiar e insistente, uma massa enigmática? (FOUCAULT, 2015, p. 39)

A partir desses questionamentos, o filósofo sente a necessidade de estabelecer um recorte para definir o conjunto de enunciados que se relaciona entre si, lançando, então, quatro possíveis hipóteses.

A primeira trata dos enunciados que “formam um conjunto quando se referem a um único e mesmo objeto” (FOUCAULT, 2015, p. 39). Essa inquietude se dá em “saber se a unidade de um discurso é feita pelo espaço onde diversos objetos se perfilam e continuamente se transformam” (FOUCAULT, 2015, p. 40). O que se considera é como, num dado momento sócio histórico, se lançou luz para que um determinado objeto existisse. Tomamos, por

exemplo, o objeto secretariado, os fatores que levaram a emergência de se discutir cientificamente sobre o saber secretarial, na medida em que, nos levantamentos históricos, notamos a existência dessa prática há tempos, porém, somente na atualidade é que se projeta luz sobre a discussão desse saber. E, somente, nessa época, nessa sociedade atual, fala-se sobre um objeto científico que identifique esta área de conhecimento. O que queremos mostrar, com isso, é que os objetos já existem, mas estão silenciados pelo fato de não serem discursivizados, pelo fato de não haver uma projeção sobre ele, como explica Foucault (2015, p. 40) “a unidade dos discursos sobre a loucura não estaria fundada na existência do objeto “loucura” [...] seria o jogo das regras que tornam possível, durante um período dado, o aparecimento dos objetos”. Entendemos que há um jogo de relações para que um objeto emerja em forma de discurso. Sobre esse jogo, o autor aponta que o recorte discursivo dos objetos se dá por medidas de discriminação e de repressão; diferenciação na prática cotidiana; jurisprudência; casuística religiosa; diagnósticos médicos, dentre outros inúmeros e possíveis jogos de relações entre o poder e o saber. Nessa ordem, discutimos o jogo de relações de poder que produzem saber no objeto secretariado. Esse jogo é percebido nas relações de poder e saber entre instituições que envolvem os sujeitos desse discurso.

Logo, definir um conjunto de enunciados em sua individualidade “consiste em formular a lei de repartição” (FOUCAULT, 2015, p. 41). Essa lei traz luz à dispersão dos objetos, à apreensão de todos os interstícios que os separam, às distâncias que reinam entre eles. Em outras palavras, é preciso mobilizar todas as relações que viabilizem a emergência de um determinado objeto, buscando a condição de possibilidade, de uma época, para que ele exista. Portanto, para isso, é preciso conceber um discurso como um conjunto de enunciados dispersos que falam sobre um mesmo objeto, como Foucault mostrou em seu trabalho realizado sobre a história da loucura.

Em nossa pesquisa, indagamos e discutimos sobre as condições que possibilitaram a emergência discursiva sobre o saber secretarial, e notamos que as regras que condicionam a emergência desse objeto se dão por uma sucessão de fatos que desencadearam a necessidade de se discutir sobre o conhecimento científico da área. O acontecimento discursivo que desencadeou um único discurso (a necessidade de consolidar a área cientificamente) se justifica pela manutenção da formação acadêmica em secretariado, quando este não constará mais, na tabela do CNPq, como pertencente em outras áreas de conhecimento. Assim, caso a pesquisa científica na área não se desenvolvesse, esta, por sua vez, correria o risco de não existir mais na modalidade Bacharelado, ficando restrita à formação técnica. Diante desse fato, docentes,

discentes e demais envolvidos reúnem esforços para fortalecer a área como ciência, pois até meados dos anos dois mil a pesquisa científica na área era muito tímida, e o que tínhamos tratava sobre o desenvolvimento do fazer secretarial, das ferramentas e técnicas da área, e não sobre os saberes que constituem e identificam o ato de secretariar, e por consequência o secretariado.

E, para legitimar todas essas relações, existem inúmeras instâncias que regulam esses jogos de relações discursivas no campo científico. Então, o que devemos considerar para a constituição de um objeto, num momento específico, são as regras que condicionam a emergência dos objetos ao longo do tempo. São essas regras que delimitariam uma dada formação discursiva, por isso, observamos as séries de enunciados que compõem os objetos de uma época.

A segunda hipótese formulada refere-se a uma possível regularidade entre a forma, o tipo ou o encadeamento dos enunciados, o que levaria a necessidade de

Caracterizar a coexistência desses enunciados dispersos e heterogêneos; o sistema que rege sua repartição, como se apoiam uns nos outros, a maneira pela qual se supõem ou se excluem, a transformação que sofrem, o jogo de revezamento, de sua posição e de sua substituição. (FOUCAULT, 2015, p. 42)

A terceira constatação destacada por Foucault se dá no caso em que possa estabelecer uma relação entre sistema dos conceitos permanentes e coerentes em jogo. O autor problematiza as relações entre um conceito e outro e, também, o fato de que os conceitos podem ser heterogêneos e até mesmo incompatíveis entre si (FOUCAULT, 2015). É como se, nessa relação discursiva, buscássemos analisar “não a coerência dos conceitos, mas em sua emergência simultânea ou sucessiva, em seu afastamento, na distância que os separa e, eventualmente, em sua incompatibilidade [...] tentaríamos analisar o jogo de seus aparecimentos e de sua dispersão” (FOUCAULT, 2015, p. 43). Então, se há a existência de uma unidade, essa se encontra nas regras que tornaram possíveis um número variado de descrições, coletas e exposições de dados no espaço de um saber e não nos modos enunciativos.

A última e quarta hipótese questiona se, reagrupando-se os enunciados, seria possível verificar a persistência e identidade dos temas (FOUCAULT, 2015). A esse respeito, o filósofo destaca a variação dos discursos, em uma determinada época, sobre um mesmo tema/objeto, utilizando como exemplo o discurso da ideia evolucionista nos séculos XVIII e XIX, ao mostrar que essa mesma temática se articula a partir de jogos de conceitos, análise e campos de objetos diferentes (FOUCAULT, 2015).

Contudo, as quatro hipóteses destacadas abrem espaço para analisar cadeias de enunciados dispersos, desnivelados e desorganizados e para “demarcar a dispersão dos pontos de escolha e definir, antes de qualquer opção, de qualquer preferência temática, um campo de possibilidades estratégicas” (FOUCAUL, 2015, p. 45). Nessa conjectura de reagrupamento dos enunciados, em meio a sua dispersão, Foucault questiona se não seria possível detectar um conjunto de regularidade entre essas quatro hipóteses que se revezam e se reagrupam, chegando, assim, à seguinte definição de formação discursiva:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva*”- evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e consequências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como “ciência”, ou “ideologia”, ou “teoria”, ou “domínio de objetividade”. Chamaremos *regras de formação* as condições a que estão submetidas os elementos dessa repartição (objetos, modalidades de enunciação, conceitos e escolhas temáticas). As regras de formação são condições de existência (mas também de coexistência, de manutenção, de modificação e de desaparecimento) em uma dada repartição discursiva. (FOUCAULT, 2015, p.47).

Essa formulação nos leva a compreender que as formações discursivas emergem na regularidade mediante a dispersão dos enunciados. Essa dispersão se constitui numa gama de enunciados que podem ser encontrados em todos os enunciados produzidos em torno da temática pesquisa em secretariado. E se tratando de um arquivo maior, podemos considerar todos os discursos que tratam sobre o objeto secretarial, seja em materialidade científica ou não. Assim, esse funcionamento poderá ser descrito no caso em que se tenham as quatro hipóteses que compõem as regras de formações dos discursos: formação dos objetos, formação das modalidades enunciativas, formação dos conceitos e formação das estratégias (FOUCAULT, 2015).

Na tentativa de descrever a formação do objeto “loucura”, Foucault faz os seguintes questionamentos:

Pode-se estabelecer a regra a que seu aparecimento estava submetido? Pode-se saber segundo que sistema não dedutivo esses objetos puderam se justapor e se suceder para formar o campo retalhado da psicologia? Qual foi seu regime de existência enquanto objetos do discurso? (FOUCAULT, 2015, p. 50)

Esse movimento analítico nos dá alicerce para descrever a constituição do saber secretarial, bem como seu regime de existência.

Como resposta à indagação que ele mesmo se faz, o autor salienta a necessidade de demarcar três procedimentos metodológicos a se seguirem como regras de formação dos objetos, a saber: *a) superfícies primeiras de emergência; b) instância de delimitação; c) as grades de especificação.*

O primeiro procedimento refere-se às *superfícies de emergência* de um objeto em uma dada época, essas superfícies se transformam com o passar do tempo. Assim, em uma dada sociedade um objeto pode se constituir nas instâncias discursivas da família, de um grupo social, grupo religioso, político, midiático, dentre outras instituições (FOUCAULT, 2015). As *superfícies de emergência* mostram:

Onde [os objetos] podem surgir, para que possam, em seguida, ser designadas e analisadas essas diferenças individuais que, segundo os graus de racionalização, os códigos conceituais e os tipos de teoria, vão receber a qualificação de doença, alienação, anomalia, demência, neurose ou psicose, degenerescência etc. (FOUCAULT, 2015, p. 50)

É, então, nesses campos de diferenciação, que o discurso se manifesta, campos da “família”, do “grupo social próximo”, do “meio de trabalho”, da “comunidade religiosa” (FOUCAULT, 2015, p. 50). Essas fronteiras sociais demarcam a superfície de emergência para o surgimento, transformação e desaparecimento de um objeto. É nessas superfícies de aparecimento dos objetos que podemos encontrar a “possibilidade de limitar seu domínio, de definir aquilo que fala, de dar-lhe o *status* de objeto – ou seja, de fazê-lo aparecer e torná-lo nomeável e descritível” (FOUCAULT, 2015, p.51). Podemos observar as *superfícies de emergência* do secretariado em instâncias do meio de trabalho, as instituições que legitimam a atuação como o Código de ética, a ABPSEC (Associação Brasileira de Pesquisa); Fenassec (Federação dos Secretários e Secretárias) – “grupo social”, a mídia, quando reproduz discursos sobre essa profissão em forma de filmes, novelas, notícias, os gêneros como: música, piadas, dentre outros.

Quanto ao segundo procedimento de formação dos objetos - *instâncias de delimitação* – elas se referem às instituições regulamentadas que adquirem o direito de falar sobre o objeto. Foucault, (2015, p. 51) exemplifica que, além da medicina (instituição legitimada para falar sobre o objeto – louco), outras instâncias possuem o *status* para falar sobre o louco, como: “o conjunto de indivíduos que constituem o corpo médico, como saber e prática, como competência reconhecida pela opinião pública, a justiça e a administração” (ibidem, p. 51).

Essas instituições, legitimadas, tomadas como exemplo, atuam socialmente na distinção, nomeação e instauração do objeto loucura no século XIX.

Destacamos a demarcação das fronteiras sociais em que surgem o aparecimento, a transformação e/ou o desaparecimento de um objeto discursivo circunscrito ao campo do secretariado. No discurso sobre esse saber, tomamos como exemplo as instâncias que falam sobre o objeto secretarial, além dos pesquisadores da área, como a classe empresarial que desfruta dos serviços desse profissional, o Código de Ética da profissão, a Fenassec – Federação Nacional dos Secretários e Secretárias, a ABPSEC – Associação Brasileira de Pesquisa em Secretariado. Todas essas instituições produzem discursos sobre o objeto secretariado. Há, portanto, uma grande diversidade de práticas institucionalizadas que contribuem na constituição de determinado objeto em uma época específica. Essas instituições organizam os saberes sobre determinado objeto, além de produzir e garantir o funcionamento das práticas discursivas.

Ainda tomando como exemplo nosso objeto de estudo, podemos exemplificar, que, em outra época ainda não existia a instituição ABPSEC para fomentar e disseminar a pesquisa na área; na atualidade, a classe ainda não conseguiu aprovar nos órgãos competentes o Conselho Federal da área. Talvez, em uma outra época este órgão já esteja vigente e contribua na produção de saberes para a referida classe. Essas instâncias entram no jogo de relações da produção discursiva desse objeto.

As instâncias de delimitação que regularam a loucura como objeto da medicina são

Instituições regulamentadas, como conjunto de indivíduos que constituem o corpo médico, como saber e prática reconhecida pela opinião pública, a justiça e a administração, que no século XX, tornaram-se instâncias superiores que distinguem, designam, nomeiam e instauram a loucura como objeto (FOUCAULT, 2015, p. 51).

No entanto, o autor nos mostra que há outras instituições envolvidas na constituição do objeto louco, como o papel da justiça, a autoridade religiosa, a crítica literária e artística. Assim, compreendemos que o discurso sobre um objeto transita e se constitui nas instâncias que o delimitam (FOUCAULT, 2015). No objeto secretarial, outras instituições que contribuem na sua constituição podem ser caracterizadas como as leis governamentais, o campo de atuação desse profissional, entidades que se relacionam com a profissão e o profissional desta área.

Quanto às *grades de especificação*, dizem respeito à submissão de diferentes objetos a sistemas que o classificam. São diferentes categorias que classificam, por exemplo, um sujeito como louco, e tais propriedades nos “permitem estabelecer repartições entre um e outro objeto

e também aquilo que distingue um mesmo objeto nas várias práticas que o discursivizam” (VOSS, 2011, p. 38). De acordo com Foucault, nessa condição “separamos, opomos, associamos, reagrupamos, classificamos, derivamos” (FOUCAULT, 2015, p.51). As grades que especificam o secretariado dizem respeito as diferentes categorias que classificam essa área, por exemplo a classe empresarial que necessita dos serviços desse profissional, a classe governamental que regula a profissão, as instituições que representam a categoria como FENASSEC, ABPSEC, dentre outras.

Percebemos, nessas três condições, que a formação dos objetos não se dá por uma ou outra instância discursiva, mas, sim, por uma rede que se efetiva em um jogo de relações, de uma época, entre várias instâncias que vão constituir discursivamente um objeto. No entanto, Foucault salienta que os objetos do discurso podem aparecer em vários planos, e para defini-los é preciso mostrar quais são as relações que coexistem. O autor assim questiona:

Por que esta enumeração e não outra? Que conjunto definido e fechado acreditamos circunscrever desta maneira? E como podemos falar de um “sistema de formação” se conhecemos apenas uma série de determinações diferentes e heterogêneas, sem ligações ou relações assinaláveis? (FOUCAULT, 2015, p. 52).

O que Foucault quer nos mostrar com esses questionamentos é que não há um sistema fechado, regular das regras de formação, que não se trata de regras de um conjunto homogêneo e constante, e que devemos observar a dinamicidade das práticas discursivas e a especificidade dos acontecimentos que tornaram possível a emergência de um determinado objeto. Deste modo, os objetos já existem, estão ali, apagados, por motivos desconhecidos e, em um dado momento, devido a uma gama de relações sociais, econômicas, etc, uma luz pode ser lançada sobre eles. Foucault, então, interroga as condições que deram visibilidade a um determinado objeto e não outro em seu lugar. Nessa lógica, “o problema, na realidade, é saber o que os tornou possíveis e como essas “descobertas” puderam ser seguidas de outras que as retomaram, corrigiram, modificaram ou eventualmente anularam” (FOUCAULT, 2015, p.52).

Nessa esteira, a problematização do objeto do conhecimento em Secretariado ganha visibilidade a partir de sucessões de acontecimentos que lançaram luz para sua discursivização. São alguns deles, o não aparecimento do secretariado como área na tabela TAC, o que levou o fomento da pesquisa na área, dentre outros acontecimentos que foram se encadeando diante desse. Esse escalonamento de acontecimentos vem sendo discutido no decorrer do trabalho, no entanto, vale ressaltar as três condições acima descritas que proporcionaram sua emergência. Há de se considerar a relação das *superfícies primeiras de emergência*, ou seja, os grupos

primeiros em que esse objeto é discursivizado, no caso as demandas acadêmicas; *as instâncias de delimitação* as quais dialogam com esse objeto, por exemplo as demandas mercadológicas, que possibilitam a existência da profissão de secretariado, e, por sua vez, adquirem o direito de falar sobre ele; e, por fim, *as grades de especificação*, que classificam os objetos, por exemplo a categoria que o secretariado ocupa como área do saber se enquadra nas ciências sociais? Ciências humanas? É uma ciência aberta ou fechada? Ou seja, quais são as grades que peculiarizam esse objeto.

Assim, definir um objeto de discurso é mostrar as relações estabelecidas entre os três procedimentos percorridos acima (superfícies de emergência, as instâncias de delimitação e as grades de especificação). Essas condições possibilitam emergência e visibilidade discursiva dos objetos, são essas relações plurais que definem a subsistência de objetos também plurais, heterogêneos, que também não se constituem de forma constante, muito menos emergem de um mesmo lugar.

De um modo geral, Foucault (2015, p. 54), explica que:

O discurso psiquiátrico, no século XIX, caracteriza-se não por objetos privilegiados, mas pela maneira pela qual forma seus objetos, de resto muito dispersos. Essa formação é assegurada por um conjunto de relações estabelecidas entre instâncias de emergência, de delimitação e de especificação. Diremos, pois, que uma formação discursiva se define (pelo menos quanto a seus objetos) se se puder mostrar como qualquer objeto do discurso em questão aí encontra seu lugar e sua lei de aparecimento: se se puder mostrar que ele pode dar origem simultânea ou sucessivamente, a objetos que se excluem, sem que ele próprio tenha que se modificar.

Além dessa constatação, o autor lança quatro observações com referência à natureza e às condições de existência dos objetos do discurso. A primeira delas consiste em traçar uma ordem do discurso, lembrando-nos de que “não se pode falar qualquer coisa em qualquer época; não é fácil dizer alguma coisa nova; não basta abrir os olhos, prestar atenção, ou tomar consciência, para que novos objetos se iluminem” (FOUCAULT, 2015, p. 54). Segundo o autor, um objeto “existe sob as condições positivas de um feixe complexo de relações” (FOUCAULT, 2015, p 55). Na segunda observação, o filósofo mostra que “essas relações são estabelecidas entre instituições, processos econômicos sociais, formas de comportamentos, sistemas de normas técnicas, tipos de classificação, modos de caracterização” (FOUCAULT, 2015, p. 55), exemplificando que elas não estão enraizadas no objeto, nem que definem sua constituição, mas que permitem a aparição do objeto, dando projeção à sua existência, sendo, assim, colocadas em um campo de exterioridade (FOUCAULT, 2015).

Na terceira observação, há a existência de relações primárias, secundárias e sistema de relações ou relações discursivas. Essa última, desenvolvida na quarta observação, tem a ver com o sistema de relações que se materializa no discurso, sendo, então, relações discursivas, não são internas ao discurso:

Elas estão, de alguma maneira, no limite do discurso: oferecem-lhe objetos de que ele pode falar, ou antes (pois essa imagem da oferta supõe que os objetos sejam formados de um lado e o discurso, do outro), determinam o feixe de relações que o discurso deve efetuar para poder falar de tais ou tais objetos, para poder abordá-los etc. essas relações caracterizam não a língua que o discurso utiliza, não as circunstâncias em que ele se desenvolve, mas o próprio discurso enquanto prática. (FOUCAULT, 2015, p. 56).

Com essas quatro observações acerca da constituição do objeto, entendemos que sua composição se dá em um feixe de relações que se efetiva em uma prática discursiva institucional. São instituições que possibilitam o funcionamento discursivo sobre o objeto secretarial: Código de Ética da área, Federação Nacional, Sindicatos, Associação Brasileira de Pesquisa, Instituições como CAPES, CNPq. Assim constatamos nesse universo que discursivizam sobre o objeto secretarial os documentos oficiais, associações como Federação, Sindicatos, Academia e pesquisas.

Esse funcionamento nos leva a compreender que os objetos não permanecem constantes, “nem o domínio que formam; nem mesmo seu ponto de emergência ou seu modo de caracterização; mas o estabelecimento de relação entre as superfícies em que podem aparecer, em que podem ser delimitados, analisados e especificados” (FOUCAULT, 2015, p. 57). Igualmente, entendemos que os discursos

Não são um puro e simples entrecruzamento de coisas e palavras; trama obscura das coisas, cadeia manifesta, visível e colorida das palavras [...] não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar que analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. Essas regras definem não a existência de uma realidade, não o uso canônico de um vocabulário, mas o regime dos objetos ” (FOUCAULT, 2015, p. 59)

Com isso, Foucault nos ensina que não devemos tratar os discursos como um conjunto de signos que remetem a significações, apesar dos discursos utilizarem os signos para designar coisas. Não se trata de excluí-lo, uma vez que ele é utilizado nas análises como um componente do discurso, no entanto, devemos entender os discursos “como práticas que formam

sistematicamente os objetos de que falam” (FOUCAULT, 2015, p. 60). Consideramos, assim, o discurso como um complexo feixe de relações que lança o olhar para a constituição de determinado objeto.

Uma vez definida a formação dos objetos, Foucault apresenta a necessidade de abordar, na construção da formação discursiva, a existência de uma *formação das modalidades enunciativas*, lançando, assim, algumas questões como: “que encadeamento, que determinismo há entre uns discursos e outros? Por que estes e não outros?” (FOUCAULT, 2015, p. 61).

A fim de responder a essas indagações, que agora se referem à enunciação entendida como processo, e não somente às questões lançadas anteriormente sobre as relações materializadas em práticas discursivas que constituem os objetos, a finalidade do capítulo *A Formação das Modalidades Enunciativas* é “encontrar a lei de todas enunciações diversas e o lugar de onde vêm” (FOUCAULT, 2015, p. 61). Nessa seção, Foucault direciona sua atenção para “a lei de todas essas enunciações diversas e o lugar de onde vêm”. Essa lei de enunciação se constitui nas seguintes modalidades: a) quem fala, b) os lugares institucionais que esse sujeito fala, c) e as posições adotadas por ele.

Sobre a primeira questão, “quem fala”, a análise volta-se para o “*status* dos indivíduos que tem – e apenas eles – o direito de regulamentar ou tradicional, juridicamente definido ou espontaneamente aceito, de proferir semelhante discurso?” (FOUCAULT, 2015, p. 61). No objeto secretarial, os sujeitos que ocupam a posição de pesquisadores da área viabilizam, autorizam e legitimam a construção do discurso científico em determinadas áreas ou não, construindo, por meio da produção científica, características que constituem esse saber.

Nessa hipótese, o filósofo tem como objetivo encontrar a lei das diversas enunciações e o lugar de onde elas vêm (FOUCAULT, 2015). Nos estudos sobre a loucura, o autor traz para essa discussão o exemplo do *status* da enunciabilidade médica, chamando a atenção para o fato de que tal posição

Compreende critérios de competência e de saber; instituições, sistemas, normas pedagógicas; condições legais que dão direito – não sem antes lhe fixar limites – à prática e à experimentação do saber. Compreende, também, um sistema de diferenciação e de relações [...] com outros indivíduos ou outros grupos que têm eles próprios seu *status* [...]. Compreende, também, um certo número de traços que definem seu funcionamento em relação ao conjunto da sociedade. Esse *status* dos médicos é, em geral, bastante singular em todas as formas de sociedade e de civilização: ele não é quase nunca, um personagem indiferenciado ou intercambiável. A fala médica não pode vir de quem quer que seja; seu valor, sua eficácia, seus próprios poderes terapêuticos e, de maneira geral, sua existência como fala médica não são dissociáveis do personagem, definido por *status* que tem o direito de articulá-lo, reivindicando

para si o poder de conjurar o sofrimento e a morte” (FOUCAULT, 2015, p. 61-62).

A respeito dessa caracterização sobre a constituição do objeto *louco*, o autor destaca quem é legitimado para proferir o ato de fala acerca desse objeto, no caso o médico. Entretanto, para a enunciação médica ser legitimada, esta precisa ser cerceada por instituições que habilitam esse profissional a tomar a palavra e definir o modo de como ela aparecerá no fio de suas enunciações. Acrescenta-se a essa descrição arqueológica o fato de que tal enunciabilidade é realizada somente pelo discurso do médico, já que há uma relação entre as instituições que legitimam o médico a enunciar e os discursos dos campos jurídico, político, religioso etc.

No discurso que caracteriza a constituição do objeto secretariado, relaciona-se ao jogo discursivo entre instituições que o amparam e o legitimam, por exemplo, o discurso do sujeito docente. Esse sujeito, para proferir um discurso acadêmico, está amparado pela instituição que representa, no caso universidades, faculdades e, também as instituições que dialogam e legitimam esse saber, como os campos jurídicos, por exemplo: a Lei de Regulamentação da profissão, Código de Ética etc.

Assim, na segunda observação dos *lugares* institucionais, Foucault nos mostra os lugares que atestam, por exemplo, os discursos do médico. Não basta o *status* do médico na condição de profissional habilitado a tomar a palavra numa prática discursiva, precisa de instituições, nesse caso, hospital, laboratórios para legitimar essa prática. É como se esses lugares fossem o local de onde o discurso é produzido, afirmado e autorizado, definindo, assim, o modo como a palavra surgirá no fio das enunciações. Também, são inúmeras relações institucionais e saberes que atuam no funcionamento discursivo, por exemplo, para atestar a instituição laboratorial, esse local do discurso precisa seguir as normas experimentais dos saberes da física, química ou biologia. (FOUCAULT, 2015, p. 63). Essa relação produz o discurso como um emaranhado, como um nó em uma rede discursiva.

No caso do objeto Secretariado, podemos mencionar que as relações entre quem fala (o sujeito legitimado para proferir discursos) e os lugares de se onde se fala funcionam como instâncias legitimadoras da verdade inerente ao discurso e primordiais para a manutenção e a transformação dos saberes. Podemos tomar, como exemplo, as instituições que legitimam o discurso secretarial, como o discurso do código de ética, o discurso acadêmico sobre a área, o discurso das instituições como Fenassec, Abpsec, o discurso econômico, como da classe empresarial. No entanto, os discursos selecionados para análise, nesta dissertação se referem ao

discurso científico institucionalizado pelas instâncias, abordadas nos momentos oportunos deste trabalho, e como já tratado, legitimam o discurso científico de cada saber.

Partilhamos, portanto, da compreensão realizada por Voss, (2011, pág. 43) sobre os dois primeiros elementos das modalidades enunciativas, qual seja:

As modalidades enunciativas também se colocam, elas mesmas, em relação aos objetos definidos nas práticas discursivas; o *status* do sujeito e o lugar institucional que lhe garante a verdade na palavra estão num constante movimento de recorte e reinscrição dos objetos do discurso.

Por fim, o terceiro e último ponto tratado por Michel Foucault acerca das modalidades enunciativas são as *posições* adotadas pelo sujeito que fala, ou seja, quem fala e a posição assumida pelo sujeito que fala, sendo definidas pelo autor como “situação que é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos: ele é sujeito que questiona, segundo uma certa grade de interrogações explícitas ou não” (FOUCAULT, 2015, p. 63). No discurso em análise, colocamos em evidência as posições que os sujeitos do discurso assumem sobre o campo de constituição do saber secretarial. Essas posições derivam dos espaços acadêmicos e se relacionam com os campos e os domínios de informações imediatas da atuação prática do profissional secretário executivo, como o meio econômico, político, empresarial, categoria profissional etc. Sobre essa reflexão, Michel Foucault afirma que todos esses campos de relações devem ser tratados e observados no jogo de uma descrição arqueológica, exemplificando com o objeto estudado, no caso do saber médico:

[...] entre o espaço hospitalar, [...] entre os campos de observações imediatas e o domínio das informações já adquiridas; [...] entre o papel do médico como terapeuta, seu papel de pedagogo, seu papel de transmissor na difusão do saber médico e seu papel de responsável pela saúde pública no espaço social (FOUCAULT, 2015, p. 64).

Seguindo sua análise, Foucault, (2015, p. 64-65) afirma que “esse relacionamento de elementos diferentes [...] é efetuado pelo discurso clínico; ele é, enquanto prática, que instaura entre eles todos um sistema de relações que [...] emprega, de forma constante, esse feixe de relações”. Portanto, as relações entre o *status* do sujeito que enuncia, o *lugar* institucional de onde fala e as *posições* que esse sujeito pode ocupar no local em que atua definem a composição e o funcionamento das modalidades enunciativas. (FOUCAULT, 2015).

Na descrição das modalidades enunciativas, contudo, talvez não seja possível descrever uma unidade em torno delas, mas sim, talvez, uma descrição regular da dispersão de

enunciados. Por exemplo, em torno do objeto Secretariado, reunimos uma dispersão de enunciados que versam sobre o discurso científico desse campo, são eles os enunciados recortados para análise deste objeto. Esses enunciados estão materializados em livros, artigos publicados em revistas, anais de eventos que giram em torno da temática pesquisa secretarial. Percebemos que, nas práticas discursivas, as modalidades enunciativas fazem o sujeito aparecer como uma dispersão, por conta dos seus variados *status*, *lugares* institucionais de onde enuncia e as *posições* que assume ao fazer uso do discurso. Em resumo, os *status* do sujeito para proferir sobre o objeto em questão resultam dos lugares institucionais com os quais esse sujeito ocupa, e, por fim, a posição tomada quando se refere ao seu objeto de estudo.

Para completar a análise da formação discursiva Foucault avança para a *formação dos conceitos* de um dado discurso. Nessa terceira observação, o autor expõe o estabelecimento de um sistema dos conceitos permanentes e coerentes em jogo, problematizando as relações entre um conceito e outro e, também, a heterogeneidade e a incompatibilidade existentes nos conceitos (FOUCAULT, 2015).

Com isso, nos é mostrado que há divergência entre os conceitos em diferentes épocas, em uma mesma época e, também, em diferentes posicionamentos e pensamentos dos sujeitos sobre um mesmo conceito. Tomado como exemplo, nas ciências humanas, *a gramática*, cada escola de pensamento tem um conceito diferente sobre esse objeto, e que se opõem, inclusive, dentro de cada escola, criando, assim, uma zona de conflitos conceituais. Com isso, entendemos que os conceitos não se bastam em uma mesma época, “alguns que são antigos [...], mudam de utilização; outros [...] aparecem; outros ainda [...] se formarão mais tarde” (FOUCAULT, 2015, p. 68).

Ante tal constatação, não buscamos analisar a coerência dos conceitos na relação discursiva, em “sua emergência simultânea ou sucessiva, em seu afastamento, na distância que os separa e, eventualmente, em sua incompatibilidade [...] tentaríamos analisar o jogo de seus aparecimentos e de sua dispersão” (FOUCAULT, 2015, p. 43). Então, não há, para a formação dos conceitos, uma forma sistematizada e lógica de sucessão conceitual, o que podemos observar são as regras de relações dispersas e irregulares. Para se descrever a formação dos conceitos é preciso considerar *as formas de sucessão*, *formas de coexistências* e os *procedimentos de intervenção*. Essas formas são

- a) *As Formas de sucessão*: entre elas há “diversas disposições das séries enunciativas”; “diversos tipos de correlação entre os enunciados”; e “diversos esquemas retóricos

segundo os quais se pode combinar grupos de enunciados” enunciados já formulados alhures e que são retomados.

Foucault (2015, p. 68) ensina que, para analisar a formação dos conceitos, se faz necessário “descrever a organização do campo de enunciados em que aparecem e circulam”, exemplificando:

O que foi modificado no século XVI e vai reger o aparecimento e a recorrência dos conceitos, para toda história natural é a disposição geral dos enunciados e sua seriação em conjuntos determinados; é a maneira de transcrever o que se observa e de reconstituir, no fio dos enunciados, um percurso perceptivo; é a relação e o jogo de subordinações entre descrever, articular em traços distintivos, caracterizar e classificar; é a posição recíproca das observações particulares e dos princípios gerais; é o sistema de dependência entre o que se aprendeu, o que se viu, o que se deduz, o que se admite como provável, o que se postula. (FOUCAULT, 2015, p. 68)

Essa citação esclarece que não existe um enunciado inaugural, e sim tipos de correlações de enunciados que se sucedem e modificam as relações entre os conceitos. Esses inúmeros tipos de correlação enunciativas se realizam num “conjunto obrigatório de esquemas de dependências, de ordem e de sucessões em que se distribuem os elementos recorrentes que podem valer como conceitos” (FOUCAULT, 2015, p. 68).

b) *Formas de coexistências*: esse método se volta para *campos de presença*, *campos de concomitância*, e os *domínios de memória*. Os *campos de presença* correspondem aos “enunciados que se referem a domínios de objetos inteiramente diferentes e que pertencem a tipos de discurso totalmente diversos” (FOUCAULT, 2015, p. 69).

Os *campos de concomitância* compreendem “os enunciados que se referem a domínios de objetos inteiramente diferentes e que pertencem a tipos de discurso totalmente diversos” (FOUCAULT, 2015, p. 69). E, por fim, os *domínios de memória*:

Trata-se dos enunciados que não são mais admitidos nem discutidos, que não definem mais, conseqüentemente, nem um corpo de verdades nem um domínio de validade, mas em relação aos quais se estabelecem laços de filiação, gênese, transformação, continuidade e descontinuidade histórica. (FOUCAULT, 2015, p. 69)

c) *Procedimentos de intervenção*, esse método acontece na “descrição das *técnicas de reescrita*, dos *métodos de transcrição* e dos *modos de tradução*, de *apropriação*, de

delimitação, de transferência e de sistematização dos enunciados. (VOSS; NAVARRO, 2011, p. 60).

Esses elementos heterogêneos são determinantes para a formação discursiva e permitem traçar um grupo de conceitos aos quais os diferentes elementos se relacionam uns aos outros. (FOUCAULT, 2015). De modo geral, dos enunciados em análise, identificamos conceitos em formações, discussões entre sujeitos que reafirmam, reiteram os conceitos coexistentes. Algumas técnicas de reescrita conceituais, da história secretarial que trazem um domínio de memória sobre uma (re)construção dos conceitos existentes e em formação no campo secretarial. Esses elementos podem ser destacados no objeto em questão quando identificamos diferentes pontos de vista sobre o saber secretarial, também quando em uma dada época o foco na área se dava em tratar sobre o fazer secretarial e atualmente percebemos que o foco discursivo gira em torno do que faz esse profissional para traçar sua identidade. Esses são alguns exemplos que compõem as regras de formação no e para a construção do discurso sobre o saber desse campo.

Por fim, a quarta e última direção de uma formação discursiva, encontra-se na *formação das estratégias*, que designa “a formação dos temas e das teorias desempenhados pelos enunciados que provêm de um certo domínio discursivo” (VOSS; NAVARRO, 2011, p. 60). Para tratar das *formações das estratégias* é preciso considerar a “análise dos pontos de difração, da economia da constelação discursiva e da função do discurso para práticas não-discursivas” (ibidem, p. 60). Esses pontos de difração ainda se subdividem em: “*pontos de incompatibilidade, pontos de equivalência e pontos de ligação de uma sistematização*” (ibidem, p. 60). Já a “descrição da função do discurso para práticas não-discursivas aparece ligada aos *regimes e processos de apropriação do discurso e às posições do desejo em relação ao discurso*” (ibidem, p. 61).

Logo, uma formação discursiva será “individualizada se se puder definir o sistema de formação das diferentes estratégias que nela se desenrolam [...] um jogo de relações” (FOUCAULT, 2015, p. 80-81). Portanto, para operacionalizar uma formação discursiva

Devem ser descritas como maneiras sistematicamente diferentes formas de tratar objetos do discurso (de delimitá-los, reagrupá-los ou separá-los, encadeá-los e fazê-los derivar uns dos outros), de dispor formas de enunciações (de escolhê-las, organizá-las, constituir séries, compô-las em grandes unidades retóricas), de manipular conceitos (de lhe dar regras de utilização, fazê-los entrar em coerências regionais e constituir, assim, arquiteturas conceituais. (FOUCAULT, 2015, p. 82).

Assim, o autor ensina que uma formação discursiva é definida pela regularidade,

Colocando o princípio de articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outras séries de acontecimentos, transformações, mutações e processos. Não se trata de uma forma intemporal, mas de um esquema de correspondência entre diversas séries temporais. (FOUCAULT, 2015, p. 83).

Portanto, a formação discursiva é entendida como um conjunto de enunciados que obedecem a regras de funcionamento comuns. Nesse entendimento o conceito de arquivo funciona, no discurso, como o sistema de enunciabilidade de uma época.

Diante disso, como apresentamos na introdução, não esgotamos de forma analítica os elementos da formação discursiva e sim, o seu desenvolvimento conceitual na medida em que esse se relaciona com a função enunciativa. Portanto, apreendemos desse arquivo, um recorte passível de análise, que demonstrará o funcionamento discursivo, por meio de uma análise totalitária da função enunciativa, um panorama regular sobre o saber secretarial. Também, sentimos a necessidade de apresentar teoricamente o conceito da formação discursiva, já que utilizamos no terceiro capítulo seu o componente - formação das modalidades enunciativas, para tratar a questão do poder, num movimento arqueológico.

Dessa maneira, dando continuidade, apresentamos na seguinte subseção o conceito da função enunciativa e, posteriormente o recorte dos enunciados para a operacionalização desse no objeto secretarial.

2.2 A função enunciativa e sua operacionalização

Para realizar tal proposta na perspectiva adotada, é preciso tomar o material analítico como enunciado discursivo. Gregolin (2006, p. 27), nos ensina que a emergência de um enunciado “pressupõe um campo de enunciação ao qual ele está articulado e a análise de discurso tem como tarefa a descrição dos jogos de relações que os enunciados estabelecem no interior do arquivo de uma época”. Sendo o arquivo entendido como “o conjunto de enunciados de todos os textos efetivamente produzidos. [...] Trata-se do sistema de enunciabilidade de uma época” (GREGOLIN, 2006, p. 27), recortamos do arquivo da atualidade enunciados materializados em oito artigos científicos, reunidos em dois livros que discorrem, em geral, sobre a ciência secretarial, utilizando como critério de organização da série enunciativa a ordem de publicação.

Segundo Gregolin (2006), a constituição do enunciado se dá de forma concomitante pela singularidade e repetição, sua análise deve considerar a dispersão e a regularidade, pois a finalidade da análise arqueológica é descrever os discursos “em busca das regularidades que funcionam tal qual leis que governam as dispersões dos enunciados que compõem esses discursos” (VEIGA-NETO, 2007, p. 48).

Como já exposto, o discurso em Foucault é definido como um conjunto de enunciados que provêm de um mesmo sistema de formação, ou seja, decorre da mesma formação discursiva. Esta, por sua vez, é definida como um conjunto composto por um certo número de enunciados, conceitos, escolhas temáticas, que descrevem sistemas de dispersões e buscam verificar como o discurso se organiza em uma ordem, quais são suas correlações, as posições assumidas, seus funcionamentos e suas transformações sócio-históricas (FOUCAULT, 2015).

O filósofo explica, em geral, o discurso como um conjunto de enunciados que pode pertencer a campos diferentes, mas que obedecem a regras de funcionamento comuns. Para ele os discursos não são reduzidos a “conjuntos de signos, [...] mas como práticas que formam sistematicamente os objetos que falam” (FOUCAULT, 2015, p. 55). Exemplificando a partir dos acontecimentos que abordamos em nossa pesquisa, a publicação dos livros que enunciam, especificamente, sobre a Pesquisa em Secretariado, o discurso é entendido como uma prática discursiva constituída por uma gama de enunciados produzidos “por um sujeito, em um lugar institucional, determinado por regras sócio-históricas que definem e possibilitem que ele seja enunciado” (GREGOLIN, 2006, p. 26). As obras em questão reúnem um conjunto de enunciados produzidos por sujeitos amparados por um lugar institucional, como as instituições em que realizam a pesquisa científica, por exemplo, o Comitê científico que avalia a qualidade das materialidades postas para publicação, dentre outras que entram nesse funcionamento de legitimação desse discurso.

A pergunta que dá início ao desenvolvimento analítico do discurso é “quais condições (econômicas, políticas, sociais, etc) que possibilitaram, em certo momento histórico, o aparecimento de um determinado enunciado e não outro em seu lugar?” (GREGOLIN, 2006, p. 27). Assim, o enunciado é compreendido como:

Um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente. Trata-se de um acontecimento estranho, por certo: inicialmente porque está ligado, de um lado a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra (...) porque é o único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação; finalmente, porque está ligado não apenas a situações que provocam, e a consequências por ele ocasionadas, mas,

ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem (FOUCAULT, 2015, p. 34-35).

Nessa ótica, o enunciado se constitui na ordem da língua e da história, ele é a “singularidade de sua situação, a condição de sua existência, sua correlação com outros enunciados [...] em um momento histórico particular” (GREGOLIN, 2006, p. 27), precisando da língua para se materializar no discurso.

A relação dos acontecimentos com o enunciado ocorre, pois, os acontecimentos dão possibilidade de emergência discursiva, eles concernem a maneira como os discursos emergem, regem o funcionamento, as formas do discurso. Não é, pois, uma estrutura que corresponde a um conjunto de elementos gramaticais, o enunciado é uma função de existência que extrapola uma frase, proposição, ato de fala, porque está no plano do discurso; não está submetido a uma estrutura linguística canônica (não se encontra o enunciado elencando os constituintes da frase); tampouco não se trata do ato material (falar e/ou descrever), nem da vontade do indivíduo que o realiza, nem do resultado alcançado: sua operacionalização acontece “pelo que se produziu pelo próprio fato de ter sido enunciado” (FOUCAULT, 2015, p. 105). Entendemos que a língua e o enunciado não estão no mesmo nível de exigência, dado que o enunciado é visto por Foucault como algo que extrapola o signo, pois a língua é viva e para que ela funcione existem outras questões a se considerar além do signo: suas condições de existência, as regras que a controlam e o campo em que se realiza.

Há, por exemplo, enunciados que se apresentam – e isso a partir de uma data que se pode determinar facilmente – como referentes à economia política, ou à biologia, ou à Psicopatologia; há também, os que se apresentam como pertencentes a essas continuidades milenárias – quase sem origem – que chamamos de gramática ou medicina (FOUCAULT, 2015, p.38).

O enunciado possui sua materialidade muito bem datada, é um átomo do discurso, a menor unidade de uma formação discursiva. Ele “não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço” (FOUCAULT, 2015, p. 105). Ele não está restrito à existência de uma frase, é uma função de existência condicionada a “regras que se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita)” (FOUCAULT, 2015, p. 105).

Logo, o enunciado é entendido como um conjunto de condições de enunciabilidade que precisa do signo para se materializar, é único porque é tratado como um acontecimento que

existe em condições sócio históricas específicas. Dito de outro modo, ele precisa das condições de enunciabilidade únicas para coexistir, sendo realizado quando cumpre uma função enunciativa a qual é descrita a partir de quatro elementos: referencial, posição sujeito, campo associado e materialidade.

A respeito desse primeiro princípio da função enunciativa, Foucault afirma que:

O referencial do enunciado forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado; define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade (FOUCAULT, 2015, p.110-111).

Foucault (2015) elucida que os enunciados são únicos, já que as condições de seu reaparecimento são peculiares, pois “se, nessas condições, uma formulação idêntica reaparece – as mesmas palavras são utilizadas, basicamente os mesmos nomes, em suma, a mesma frase, mas não forçosamente o mesmo enunciado” (FOUCAULT, 2015, p. 108). É por esse motivo que ele é uma relação singular, um acontecimento, dado que, mesmo contendo signos linguísticos idênticos sua condição de emergência nunca será a mesma.

Dessa forma, o referencial é quem rege as condições de existência de um enunciado, posto que se constitui das leis de possibilidades, de regras de existência para os objetos nomeados no/pelos signos linguísticos, em vista disso, um enunciado, uma proposição não se resume ao signo, no entanto, precisa do signo para se “expressar”. Resumindo, a possibilidade de existência de um enunciado está ligada a um referencial, é ele quem dá as condições para que um enunciado seja proferido.

Michel Foucault apresenta, em seus estudos, a loucura como referencial do discurso psiquiátrico. Em nossa pesquisa sobre o saber secretarial, podemos tomar como referente a não delimitação do objeto de estudo na área. Centralizamos nossas discussões nesse referencial, a saber, o não objeto da área, que, por sua vez, apresenta um campo de emergência e proporciona a existência de todos os discursos produzidos sobre esse objeto, discursos esses que tematizam, justamente, a necessidade de se limitar seu campo de atuação. E é exatamente por conta dessa condição de não objeto que as regras de formação desse saber utilizam-se de um campo estratégico que visa cercar, delimitar, produzir, enfim, uma identidade secretarial.

Esse referencial se torna visível nos títulos e capas dos livros selecionados para essa pesquisa, a saber: “PESQUISA EM SECRETARIADO: cenários, perspectivas e desafios” e “Pesquisa em Secretariado: reflexões acerca da construção do conhecimento”. Essa temática

apresenta um movimento discursivo que reúne textos que discorrem sobre a perspectiva atual do saber secretarial, bem como os caminhos a se traçar e percorrer na busca de uma base científica sólida para esse campo. Com tal característica, a necessidade da construção do conhecimento secretarial é percebida já na capa dos referidos livros, tanto na parte lexical quanto no plano imagético dos livros. Decorrente disso, seguem as imagens para identificar tal afirmativa.

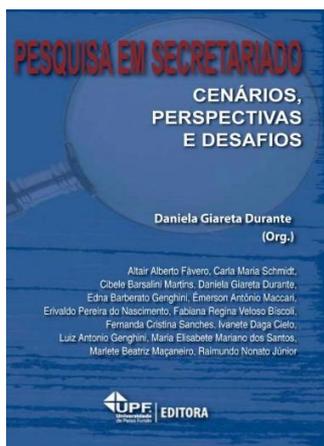


Figura 1- Livro: Pesquisa em Secretariado: Cenários, Perspectivas e Desafios, 2012.

O plano imagético do livro acima apresenta em seu fundo a imagem de uma lupa, objeto que remete a pesquisa, investigação. Sendo, a capa, composta pela cor azul a qual remete a cor do curso de Secretariado, juntamente com o composto lexical do título: Pesquisa em Secretariado: Cenários, Perspectivas e Desafios (2012), a qual compõe o efeito de construção, desenvolvimento, caminhos no campo secretarial.



Figura 2 - Livro: Pesquisa em Secretariado: Reflexões acerca da Construção do Conhecimento, 2016.

Diante desta capa, de início, chamamos a atenção para a parede de tijolos em construção, e, associando o composto imagético com título, o efeito de sentido produzido é de algo em desenvolvimento. Nos oito artigos que compõem cada livro, também percebemos esse mesmo efeito de construção, o que se aprofunda no decorrer de cada texto. O primeiro livro teve publicação em 2012, já o segundo em 2016, assim, no que tange a questão cronológica, o efeito que se tem é de desenvolvimento da pesquisa na área. Caracteriza-se como condição de possibilidade dessas publicações a necessidade de produção científica no campo secretarial, o que teve como início a obra publicada em 2012 e, posteriormente a obra de 2016, e demais pesquisas acerca da temática pesquisa em secretariado que não recortamos para este trabalho.

Sobre a segunda característica da função enunciativa, um enunciado precisa ser proferido por alguém, no caso, um sujeito. Na função enunciativa, a posição sujeito não corresponde ao indivíduo que a formulou, e sim um sujeito que exerce “uma função determinada, [...] vazia que pode ser exercida por indivíduos até certo ponto indiferentes, quando chegam a formular um enunciado”. (FOUCAULT, 2015, p.113). Essa função é “fixada no interior de um domínio constituído por um conjunto finitos de enunciados; é localizada em uma série de acontecimentos enunciativos que já se devem ter produzidos” (FOUCAULT, 2015, p. 114). Assim, para descrever uma função enunciativa é necessário “determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito” (FOUCAULT, 2015, p. 117). Portanto, o exercício da função enunciativa compreende a relação entre o sujeito do discurso e a posição por ele adotada.

Diante dessa abordagem, considera-se, para a circulação de um discurso científico, a posição ocupada pelo sujeito desse discurso a qual se refere a um lugar institucional acadêmico-científico. Esse lugar produz um efeito legitimador que precisa passar por vários critérios de avaliação que vão atestar e fazer funcionar esse discurso. Tal funcionamento pode ser percebido quando, por exemplo, o sujeito que enuncia se apropria de outras vozes com *status* acadêmico elevado, para reafirmar seu discurso. Ou seja, no momento em que se apropria das produções teóricas já legitimadas, que ocupam *status* científico representativo, observa-se o funcionamento dessa ordem discursiva. Sobre o *status* desse funcionamento discursivo, indagamos: quem são os sujeitos que falam nos discursos analisados? Qual o *status* acadêmico científico ocupado por esses sujeitos? Suas áreas de formação? Sob qual perspectiva esses sujeitos falam?

Para responder a esses questionamentos, discorreremos sobre a terceira característica da função enunciativa, o chamado domínio associado, que se constitui de quatro elementos, a saber: a) série enunciativa na qual o enunciado se inscreve; b) série de enunciados à qual o enunciado faz referência; c) conjunto de enunciados possíveis de serem formulados e/ou reformulados; e d) *status* do enunciado com relação ao campo discursivo no qual se inscreve.

De acordo com Foucault (2015, p. 116), um “domínio associado” torna o enunciado diferente, pois esse conjunto compreende seus elementos, encadeamentos e distribuição possíveis. Assim, “para que se trate de um enunciado é preciso relacioná-lo a todo um campo adjacente (...); um enunciado tem sempre as margens povoadas de outros enunciados” (FOUCAULT, 2015, p. 118). No entanto, esse campo adjacente não se resume ao contexto. O autor o define como:

O campo associado que faz de uma frase ou de uma série de signos um enunciado e que lhes permite ter um contexto determinado, um conteúdo representativo específico, forma uma trama complexa. Ele é constituído, de início, pela série das outras formulações, no interior das quais o enunciado se inscreve e forma um elemento (...). É constituído, também, pelo conjunto das formulações a que o enunciado se refere (...). É constituído, ainda, pelo conjunto das formulações cuja possibilidade ulterior é propiciada pelo enunciado (...). É constituído, finalmente, pelo conjunto das formulações cujo *status* é compartilhado pelo enunciado em questão (...). Pode-se dizer, de modo geral, que uma sequência de elementos linguísticos só é enunciado se estiver imersa em um campo enunciativo em que apareça como elemento singular. (FOUCAULT, 2015, p. 119-120).

Contudo, por campo associado, entendemos todos os enunciados que povoam a margem de um enunciado, formando um discurso sobre um determinado assunto. Como é o caso do

enunciado em questão: “As bases ontológicas e epistemológicas que permeiam os estudos de secretariado são oriundas de outras ciências e hoje há um consenso da necessidade de se instaurar seu domínio próprio de conhecimento científico” (MAÇANEIRO, 2012, p. 77). Como campo associado desse enunciado, constituem todos enunciados sobre a necessidade da construção do conhecimento científico no secretariado, bem como suas especificidades sobre os saberes que o compõem. Portanto, o campo associado sustenta o discurso sobre um determinado referente. Assim, no caso do Secretariado, o campo associado funciona como um dos elementos que propagam a não definição de um objeto desta área.

Por fim, a última característica da função enunciativa é a materialidade discursiva. O enunciado só pode ser descrito a partir do momento em que se tenha “uma substância, um suporte, um lugar e uma data” (FOUCAULT, 2015, p. 123). É por isso que a materialidade desempenha, no enunciado, um papel de suma importância, não sendo apenas um “princípio de variação, modificação dos critérios de reconhecimento, ou de determinação de subconjuntos linguísticos”. A materialidade é constitutiva do enunciado, ou seja, um enunciado precisa apresentar uma superfície de emergência a qual deixa suas marcas registradas no tempo e no espaço, sendo tudo isso, a definição de materialidade.

Os suportes textuais por meio dos quais circulam os artigos científicos aqui destacados abarcam o gênero acadêmico, que é legitimado pelas revistas indexadas. As características do gênero artigo científico são da ordem das instituições: quem é autorizado a produzir ciência, quais são os critérios que ela deve seguir para ser difundida. O gênero artigo científico possui o *status* científico em relação a outros gêneros textuais em que circula a produção discursiva, causando o efeito de verdade em relação a outros discursos produzidos pela sociedade. Esse caráter de cientificidade nos levou a trabalhar com esse tipo de discurso, que contribui para a construção do saber secretarial, não desconsiderando a circulação dos discursos em outros inúmeros gêneros textuais que também constroem saberes.

Resumindo, nos elementos da função enunciativa o referencial é um princípio de distinção entre outros enunciados, sendo nosso objeto de pesquisa, o saber secretarial; o sujeito que enuncia o faz de certa posição discursiva, e isso poderá fazer o referencial ser sempre outro, para nossa pesquisa o sujeito será quem realiza a pesquisa, ou seja o sujeito pesquisador. O campo associado mostra a relação que os discursos mantêm entre si, indica, pois, um domínio de coexistência para outros enunciados, sendo constituído pelas outras áreas que dialogam neste campo. No que tange à espessura material, essa apresenta um lugar específico de circulação dos

discursos, neste caso, onde os discursos analisados foram materializados, o suporte textual: livros, artigos. (FOUCAULT, 2015).

Com isso, Foucault nos ensina que a formação discursiva corresponde a um agrupamento de enunciados os quais não se relacionam em nível frasal, gramatical, mas, estão ligados no plano dos enunciados. Isso pressupõe

Que se possa definir o regime geral a que obedecem seus objetos, a forma de dispersão que reparte regularmente aquilo de que falam, o sistema de seus referenciais; que se defina o regime geral ao qual obedecem os diferentes modos de enunciação, a distribuição possível das posições subjetivas e o sistema que os define e os prescreve; que se defina o regime comum a todos os seus domínios associados, as formas de sucessão, de simultaneidade, de repetição de que todos são suscetíveis, e o sistema que liga, entre si, todos esses campos de coexistência; que se possa, enfim, definir o regime geral a que está submetido o *status* desses enunciados, a maneira pela qual são institucionalizados, recebidos, empregados, reutilizados, combinados entre si, o modo segundo o qual se tornam objetos de apropriação, instrumentos para o desejo ou interesse, elementos para uma estratégia (FOUCAULT, 2015, p. 141)

Essas associações nos mostram que a “formação discursiva é o sistema enunciativo geral ao qual obedece um grupo de *performances* verbais” (FOUCAULT, 2015, p. 142). Assim, há viabilidade de encontrar elementos da formação discursiva por meio da análise da função enunciativa uma vez que

O que foi definido como ‘formação discursiva’ escande o plano geral das coisas ditas no nível específico dos enunciados. [...] as quatro direções que analisamos (formação dos objetos, formação das posições subjetivas, formação dos conceitos, formação das escolhas estratégicas) correspondem aos quatro domínios em que se exerce a função enunciativa. (FOUCAULT, 2015, p. 142).

A citação acima esclarece a direção analítica que tomaremos para traçar os elementos discursivos sobre o saber secretarial. Portanto, uma vez definida a função enunciativa e apresentando sua relação dual com a formação discursiva, ressaltamos a viabilidade de entrada no material de análise pelo enunciado, sendo assim, detalhamos, abaixo, a série enunciativa, a qual será realizada a análise dos enunciados, composta por oito textos:

Tabela 3- Material de Análise

Livro: PESQUISA EM SECRETARIADO: cenários, perspectivas e desafios

Artigo	Autor
“Decifra-me ou te devoro”: pesquisa na sociedade do conhecimento	Altair Alberto Fávero
A construção da identidade científica em Secretariado Executivo	Marlete Beatriz Maçaneiro
Pesquisa aplicada e interdisciplinaridade: da linguística ao secretariado	Erivaldo Pereira do Nascimento
Objeto de Pesquisa em Secretariado Executivo	Raimundo Nonato Júnior
Livro: Pesquisa em Secretariado: reflexões acerca da construção do conhecimento	
Reflexões construtivistas sobre a construção do conhecimento em secretariado executivo	Marcilene Isairá Baia do Nascimento Roberto Paulo Bibas Fialho
Secretariado Executivo e a Pesquisa Acadêmica: uma análise sobre a necessidade da criação de curso Stricto Sensu	Águeda Luiza Piccoli Julia Fernandes Testas Gonçalves Sandro Vieira Soares Cibele Barsalini Martins
Produção científica em secretariado: percepções a partir das publicações da revista Expectativa	Daniela Giaretta Durante Otávio Bessa Gonçalves Décyá Emanuela Lima do Nascimento Emiliano Sousa Pontes
A extensão-pesquisa e as metodologias participativas protagonizadas pela assessoria interdisciplinar	Maria Luzitana Conceição dos Santos

Fonte: Elaborado pela autora

Posto isso, apresentamos as sequências enunciativas materializadas no livro: “Pesquisa em Secretariado: cenários, perspectivas e desafios”. Essa obra é organizada pela pesquisadora Daniela Giaretta Durante, publicada no ano de 2012 reúne artigos que tratam especificamente sobre a pesquisa no secretariado. Tal abordagem irrompe nas obras selecionadas para essa pesquisa, como em outras também, devido à necessidade de se falar sobre uma ciência secretarial na atualidade. Em vista disso, analisamos, neste momento, os elementos da função enunciativa, já elencados nesta seção. As sequências enunciativas serão denominadas (SE),

acrescidas de uma ordem numérica que indica a sua aparição ao longo das análises. Desse modo, SE1 é a primeira sequência enunciativa a ser analisada, e assim por diante.

SE1: “a tentativa de construir um conhecimento unificado e independente não pode cair no reducionismo da hiperespecialização que gestou o “cientificismo?” [...] A pretensão de elevar à categoria de ciência com características epistemológicas independentes das áreas de conhecimento nas quais o secretariado tem se apoiado, não poderá alienar esse pesquisador com desafios que estão para além e aquém das especializações? (FÁVERO, 2012, p. 34).¹²

Nessa SE1, o **referencial** é a “hiperespecialização”, sendo discutido a partir de um sujeito legitimado a falar sobre o conhecimento científico no/do secretariado, doravante a uma **posição** que concebe a “hiperespecialização” como uma maneira de coerção do discurso científico. O sujeito dessa SE considera que um determinado domínio de saber não precisa ser reduzido a um objeto específico para ser considerado ciência. No **campo associado**, observamos a presença de outros enunciados que povoam as margens dessa sequência enunciativa, como os discursos do comitê de ética, o qual aceita somente projetos de pesquisa vinculados às metodologias clássicas da ciência positivista, enunciados relacionados à CAPES e CNPQ que primam por uma única linha de pesquisa e temática. O que possibilita, na atualidade, um saber alcançar o *status* científico se fizer alusão a um-único objeto. Esse enunciado se **materializa** no artigo publicado no livro “‘Decifra-me ou te devoro’: pesquisa na sociedade do conhecimento”. Sobre o título podemos destacar a regularidade de uma obrigatoriedade em delimitar um objeto de estudo para o referido saber. Como já mencionado, percebemos a referida coerção científica de especificar um saber em uma única palavra para que este possua *status* de ciência.

Dando continuidade às análises, apresentamos a segunda sequência enunciativa:

SE2: “Não seria mais produtivo construir problemas comuns de investigação com outras áreas e firmar-se como um campo interdisciplinar de saber? Ao aproximar-se com a administração, arquivística, linguística, direito, teorias organizacionais e, mesmo, filosofia, antropologia e psicologia, não poderão ser mais produtivos do que se isolar enquanto “ciência independente”? A constituição de redes de pesquisa não poderá ser mais promissora do que a hiperespecialização? (FÁVERO, 2012, p. 35)¹³.

¹² FÁVERO, Altair Alberto. “Decifra-me ou te devoro”: pesquisa na sociedade do conhecimento. In: DURANTE, Daniela Giareta. (Org). PESQUISA EM SECRETARIADO: CENÁRIOS, PERSPECTIVAS E DESAFIOS. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2012.

¹³ FÁVERO, Altair Alberto. “Decifra-me ou te devoro”: pesquisa na sociedade do conhecimento. In: DURANTE, Daniela Giareta. (Org). PESQUISA EM SECRETARIADO: CENÁRIOS, PERSPECTIVAS E DESAFIOS. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2012.

A posição sujeito desse enunciado questiona a ideia da hiperespecialização para o saber secretarial, pelo fato de que delimitar um objeto de estudo para área pode tornar este campo reducionista, uma vez que é formado por muitos outros saberes. Sabemos que a área é composta por saberes da administração, arquivística, direito, teorias organizacionais, filosofia, antropologia, psicologia. No entanto, compreendemos a necessidade de estabelecer um objeto de estudo para atingir o *status* de ciência. Podemos mencionar o caso da Análise de discurso, que possui como objeto de estudo o discurso, mas que é constituído, de modo geral, por saberes da Psicologia e da Linguística. Desse modo, operacionalizando a análise da função enunciativa temos um sujeito que enuncia de um lugar institucional e que assume uma **posição** que problematiza a delimitação do objeto secretarial que defina esse saber, tendo um posicionamento favorável à construção de redes de saberes, já que a área é constituída por diversos campos. Um **referencial**, que pode ser definido como a necessidade de o secretariado não restringir o campo secretarial a uma “hiperespecialização”, ou seja, um objeto de estudo para área e investir em uma rede interdisciplinar. Apresenta como **campo associado** todos os discursos sobre a constituição do saber secretarial, bem como outros discursos que acreditam ser melhor o secretariado trabalhar com rede de saberes ao invés de uma “hiperespecialização”. Esses enunciados aparecem, por exemplo, materializados na interdisciplinaridade encontrada nos editais dos processos de seleção de pós-graduações *stricto sensu* em áreas como a Administração, Letras, Ciências Sociais, Economia, Contábeis. Tudo isso apresenta-se **materializado** na obra “Pesquisa em Secretariado: cenários, perspectivas e desafios”, pelo artigo “Decifra-me ou te devoro’: pesquisa na sociedade do conhecimento”, de autoria de Altair Alberto Fávero, 2012.

Outra sequência enunciativa dessa dispersão de enunciados acerca do saber secretarial é destacada por abordar a mesma regularidade discursiva:

SE3: “As bases ontológicas e epistemológicas que permeiam os estudos de secretariado são oriundas de outras ciências e hoje há um consenso da necessidade de se instaurar seu domínio próprio de conhecimento científico”. (MAÇANEIRO, 2012, p. 77).¹⁴

Nessa sequência, **o referencial** do discurso refere-se à raiz da ciência secretarial, que, segundo o sujeito que enuncia, estaria calcada em outros saberes científicos. Configura-se,

¹⁴ MAÇANEIRO, Marlete Beatriz. A construção da identidade científica em Secretariado Executivo. In: DURANTE, Daniela Giareta. (Org). PESQUISA EM SECRETARIADO: CENÁRIOS, PERSPECTIVAS E DESAFIOS. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2012.

assim, uma **posição sujeito** pesquisador que salienta a necessidade de se instaurar um domínio que identifique esse saber. Do ponto de vista do **campo associativo**, margeiam essa sequência discursos que salientam a necessidade de construir uma identidade para o saber secretarial, porém não descarta as questões institucionais sobre o crivo científico, quando afirma que, mesmo sendo formado por ciências distintas, há rumores da comunidade científica em estabelecer uma esfera que especifique esse campo. Esse enunciado está **materializado** na obra “Pesquisa em Secretariado: cenários, perspectivas e desafios”, pelo artigo “Decifra-me ou te devoro’: pesquisa na sociedade do conhecimento”, de autoria de Altair Alberto Fávero, 2012.

SE4: “Em sua maioria, as pesquisas dos acadêmicos de Secretariado Executivo caminham para demandas de várias outras áreas do conhecimento” (MAÇANEIRO, 2012, p. 87).¹⁵

A SE4 tem como **referencial** o fato de que as pesquisas do Secretariado, em geral, versam sobre temática atinentes a outras áreas de saber. Como **posição sujeito** temos o reconhecimento de que a análise das várias pesquisas realizadas pelos estudantes dos cursos de Secretariado demonstra que os estudos acabam dialogando com objetos de diversas outras ciências. No **domínio associativo** da SE4, podemos citar as pesquisas como iniciação científica, trabalhos de conclusão de curso, relatórios de estágios, os artigos produzidos e apresentados nos eventos específicos de Secretariado que dialogam ou pensam questões atinentes à Administração, ao Direito, às línguas, às questões de entidades de classe, dentre outras. No entanto, o que se constata é que a diversidade de saberes que compõem o Secretariado, como formações variadas do corpo docente que levam discentes a pesquisarem nos campos concomitantes, não descarta a necessidade de se delimitar um objeto de estudo que identifique a área secretarial. A **materialidade** deste enunciado encontra-se no artigo “A construção da identidade científica em secretariado”, do livro “Pesquisa em Secretariado: cenários, perspectivas e desafios”, 2012.

SE5: “Essa questão é defendida por Sabino e Marchelli (2009, p. 611), que mencionam: ‘iniciando-se no plano da Administração, o movimento da práxis no domínio do secretariado remete para saberes que oscilam entre o pensamento multidisciplinar, resultante de conhecimentos em áreas diversas, e saberes interdisciplinares, decorrentes da justaposição de

¹⁵ MAÇANEIRO, Marlete Beatriz. A construção da identidade científica em Secretariado Executivo. In: DURANTE, Daniela Giareta. (Org). PESQUISA EM SECRETARIADO: CENÁRIOS, PERSPECTIVAS E DESAFIOS. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2012.

várias disciplinas, não constituindo, no entanto, uma construção teórica autônoma’.”. (MAÇANEIRO, 2012, p. 87-88).¹⁶

A SE5 tem como **referencial** um saber secretarial pensado a partir do domínio da Administração e que não é autônomo, pois se relaciona multi e interdisciplinarmente com outros saberes. Entendemos multidisciplinaridade como a forma de tratar um objeto a partir de múltiplos pontos de vista, abrangendo toda sua complexidade, ultrapassando as barreiras ligadas à disciplina (HOFF *et. al.*, 2007, p. 46). Da mesma forma, a interdisciplinaridade não cria novas áreas ou ciências do conhecimento, mas sim, visa à interação entre duas ou mais disciplinas diferentes, integrando seus conceitos, metodologia, procedimentos, epistemologia e dados (HOFF *et. al.*, 2007, p. 46), disso decorre uma **posição sujeito** de quem percebe distinções no campo de saber do secretariado, dependendo da área de saber dos sujeitos que constituem esse campo, quando pensamos na composição docente da área, fato que intervém a forma pela qual este saber se constitui/constituirá. Essa posição é ocupada por pesquisador legitimado por instituição acadêmica para discorrer sobre a referida temática. Como **domínio associado** temos o fato de que o próprio curso superior de Secretariado apresenta distinções nas diversas instituições em que existe, devido à departamentalização, ora em departamento da área de Letras, ora da Administração, ora Ciências Sociais; além disso por questões regionais que agregam disciplinas mais voltadas para o mercado de trabalho local.

SE6: “[...] não acreditamos que haverá uma resposta satisfatória, pelo menos no momento histórico atual, que defina um lugar do secretariado, entre as ciências puras.

Primeiro porque não há um corpo teórico-metodológico bem definido para área. Em outras palavras não há teoria suficientemente consolidada, nem um método de investigação próprio, com princípios delineadores.

Segundo, porque, historicamente, o secretariado é uma área do conhecimento que se vale de estudos teóricos de outras áreas, entre as quais a administração, a psicologia, a economia, a sociologia, a comunicação social e a linguística”. (NASCIMENTO, 2012, p. 109).¹⁷

O **referencial** desse enunciado é o fato de o secretariado não se constituir em uma ciência pura, visto que é uma área do conhecimento que dialoga com outras áreas. Apresentando uma **posição sujeito** que acredita ainda num longo percurso até a consolidação deste saber, devido ao fato da não existência de uma sólida teoria específica neste campo, critério atual para

¹⁶ MAÇANEIRO, Marlete Beatriz. A construção da identidade científica em Secretariado Executivo. In: DURANTE, Daniela Giareta. (Org). PESQUISA EM SECRETARIADO: CENÁRIOS, PERSPECTIVAS E DESAFIOS. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2012.

¹⁷ NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. Pesquisa aplicada e interdisciplinaridade: da linguística ao secretariado. In: DURANTE, Daniela Giareta. (Org). PESQUISA EM SECRETARIADO: CENÁRIOS, PERSPECTIVAS E DESAFIOS. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2012.

estabilização de um campo científico. Como **campo associado** há esforços para delimitar uma teoria específica para área, porém, nada ainda não consolidada. O estudo realizado para desenvolver a teoria específica para secretariado se refere a TGS – Teoria Geral do Secretariado, no entanto, como mencionado, tal vertente teórica não é amplamente aceita na comunidade acadêmica brasileira. Esse enunciado se **materializa** no artigo intitulado: “Pesquisa aplicada e interdisciplinaridade: da linguística ao secretariado”, no livro: “Pesquisa em Secretariado: cenários, perspectivas e desafios”, publicado em 2012. Essa materialidade apresenta frente ao enunciado analisado uma vontade de saber para a construção do secretariado como ciência.

SE7: “O questionamento que se faz aqui é: a delimitação do objeto como assessoria já inclui funções, atribuições ou atividades como consultoria, cogestão e empreendedorismo? Essa delimitação é suficiente para abarcar todas as investigações relativas a essas funções, atribuições ou atividades? Essa delimitação também reflete de forma plena as investigações que os pesquisadores e estudiosos da área vêm realizando?”

Obviamente que o objeto de estudo da área do conhecimento não necessita, necessariamente, refletir todas as atribuições dos profissionais da área. Uma coisa não implica a outra, bem se sabe, no entanto, a função social do profissional e as atribuições refletem, de certa maneira, esse objeto de estudo e, em maior ou menor grau, com ele se relacionam”. (NASCIMENTO, 2012, p. 111).¹⁸

O **referencial** desse enunciado é a problematização quanto à delimitação do objeto proposto para o saber secretarial, no caso a assessoria. A **posição sujeito** - pesquisador é se o objeto assessoria abarca todas as competências realizadas pelo profissional de secretariado, tanto em sua atuação profissional, quanto nas áreas que vêm sendo utilizadas para fundamentar as pesquisas no secretariado. Do ponto de vista do **campo associado**, margeiam essa sequência discursos de uma parcela da comunidade acadêmica que problematiza uma precoce delimitação de um objeto de estudo para o secretariado. Um exemplo são as autoras Sabino e Marchelli (2009) e Cantarotti (2013), que discorrem sobre uma multi, inter e transdisciplinaridade na constituição do saber secretarial. Esse enunciado se **materializa** no artigo intitulado: “Pesquisa aplicada e interdisciplinaridade: da linguística ao secretariado”, no livro: “Pesquisa em Secretariado: cenários, perspectivas e desafios”, publicado em 2012.

Nessa dispersão de enunciados, observamos uma regularidade no que tange à posição sujeito dos discursos, visto que, em todas as sequências, há uma defesa da constituição

¹⁸ NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. Pesquisa aplicada e interdisciplinaridade: da linguística ao secretariado. In: DURANTE, Daniela Giareta. (Org). PESQUISA EM SECRETARIADO: CENÁRIOS, PERSPECTIVAS E DESAFIOS. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2012.

heterogênea de saberes que compõem o secretariado. Essa afirmativa aparece como regular nos enunciados acima. Porém, como também apresentado nas posições sujeitos, os critérios da ciência positivista para delimitar o objeto de estudo acabam reduzindo o campo secretarial, no entanto, não há como um saber alcançar o *status* de cientificidade sem passar por esse crivo, que delimita um único objeto para a identificação de uma área.

SE8: “Entendemos o objeto de estudo do secretariado executivo sob a denominação de ‘assessoria’, que em si engloba a gestão para as assessorias, a consultoria em situação de assessoria, as redes de assessoria, as tecnologias e técnicas em práticas de assessoria e todos os demais processos do fazer e do saber secretarial em sua dimensão de gerenciamento numa perspectiva de rizoma, seja nas organizações formais, seja em quaisquer grupos humanos de natureza organizativa”. (NONATO JÚNIOR, 2012, p. 122-123).¹⁹

SE9: “Assim, a assessoria é, em si, um gerenciamento na forma de rizoma (Deleuze; Guatari, 1992), ou seja, não ocorre de maneira nuclear, mas em situação de rede, em ocasião de interligação de realidades, pessoas e conceitos. A assessoria traz em si todo o teor das práticas de assistência, mas se amplia recorrendo ao fundamento das questões: como secretariar? Por que secretariar? O que secretariar? Para quem secretariar? Com que fundamentos secretariar? E, especialmente, que conhecimentos se constroem ao secretariar?

Logo, a ideia de assessoria é atravessada pelas práticas de assistência, mas não se limita a tal perspectiva. Estas ocorrem simultaneamente, porém, a assessoria traz em si uma perspectiva política e acadêmica que dialoga entre o ato secretarial e os paradigmas em torno desse ato (FOUCAULT, 1997)”. (NONATO JÚNIOR, 2012, p. 124-125).²⁰

O **referencial** dessas duas sequências enunciativas se constitui em torno do objeto proposto para o saber secretarial, a assessoria. A constituição do objeto pesquisa “assessoria” para o saber secretarial é proposta em forma de rizoma, ou seja, parte-se do ato de assessorar, do qual emanam as demais atividades competentes ao secretariado, como: gestão, consultoria, e as demais funções que envolvem o exercício da profissão. A **posição sujeito** defende a demarcação de um objeto específico para o secretariado, propondo a – assessoria, como objeto identitário para a área. Do ponto de vista do **campo associado**, margeiam essas sequências discursos que utilizam o termo “assessorar” para se referir à completude da atuação secretarial. Esses enunciados se **materializam** no artigo intitulado: “Objeto de Pesquisa em Secretariado

¹⁹ NONATO, Raimundo Jr. Objeto de Pesquisa em Secretariado Executivo. In: DURANTE, Daniela Giaretta. (Org). PESQUISA EM SECRETARIADO: CENÁRIOS, PERSPECTIVAS E DESAFIOS. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2012.

²⁰ NONATO, Raimundo Jr. Objeto de Pesquisa em Secretariado Executivo. In: DURANTE, Daniela Giaretta. (Org). PESQUISA EM SECRETARIADO: CENÁRIOS, PERSPECTIVAS E DESAFIOS. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2012.

Executivo”, no livro: “Pesquisa em Secretariado: cenários, perspectivas e desafios”, publicado em 2012.

SE10: “É ainda necessário desmitificar a ideia de que a assessoria esteja obrigatoriamente relacionada à ‘ajuda’. Ajudar implica uma situação humanitária que pode ser realizada por qualquer pessoa, independentemente do espaço empresarial, implicando o comprometimento afetivo entre as pessoas e o desejo de benefício de algum outro agente em determinada situação de obstáculo”. (NONATO JÚNIOR, 2012, p. 125).²¹

SE11: “Se pensarmos em termos organizativos, podemos entender que as assessorias realizam um papel de gerenciamento em forma de rizoma, não em modelos-núcleo. O que isso significa? Significa que assessorar é interligar realidades, gerenciando informações a partir dos interesses entre núcleos organizativos e não especificamente no comando específico de uma realidade nuclear, fechada. Assessoria é então linha, traçado, trilha, caminho, percurso, servidão, labirinto, teia, rede, e não ponto. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, apud NONATO JÚNIOR, 2012, p. 128)²²

Nessa sequência enunciativa, o **referencial** do discurso é a problematização do uso do termo “assessorar” para englobar uma série de atividades que o secretário executivo desempenha, por exemplo: organizar, coordenar, gerir: eventos, reuniões, viagens, etc. Configura-se, assim, uma **posição sujeito** pesquisador que destaca a necessidade de se instaurar um objeto que retrate esse saber. Do ponto de vista do **campo associativo**, margeiam essa sequência discursos que refutam (NASCIMENTO, 2012; SABINO; MARCHELLI, 2009), e também discursos que acolhem, a definição do objeto de estudo – Assessoria- para o campo secretarial.

Dando continuidade as análises, passamos, neste momento, para a operacionalização das sequências enunciativas selecionadas no livro “Pesquisa em Secretariado: reflexões acerca da construção do conhecimento”. Publicada no ano de 2016, o livro reúne artigos que tratam, especificamente, sobre a pesquisa no secretariado. Assim, seguem:

SE12: “O sujeito secretarial vem de um empreendimento acadêmico multi e interdisciplinar de formação, podendo atuar em diversos ramos de atividade organizacional, o que gera contato com inúmeros conceitos e também a infinidade de diferentes situações e atuações por quais

²¹ NONATO, Raimundo Jr. Objeto de Pesquisa em Secretariado Executivo. In: DURANTE, Daniela Giareta. (Org). PESQUISA EM SECRETARIADO: CENÁRIOS, PERSPECTIVAS E DESAFIOS. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2012.

²² NONATO, Raimundo Jr. Objeto de Pesquisa em Secretariado Executivo. In: DURANTE, Daniela Giareta. (Org). PESQUISA EM SECRETARIADO: CENÁRIOS, PERSPECTIVAS E DESAFIOS. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2012.

passam, utilizando os diferentes conceitos, em diferentes atividades, já que é um profissional polivalente” (NASCIMENTO; FIALHO, 2016, p.26).²³

SE13: “As pesquisas em Secretariado necessitam posicionar-se dentro das áreas do conhecimento com as quais a área de Secretariado dialoga; devem firmar-se sob um domínio interdisciplinar” (NASCIMENTO; FIALHO, 2016, p.33).²⁴

SE14: “O sujeito secretarial entra em contato com diferentes conceitos e teorias concomitante para realizar a sua práxis, gerando um sistema” (NASCIMENTO; FIALHO, 2016, p.33).²⁵

O **referencial** dos três enunciados acima trata do fato de o secretariado não se constituir em uma ciência pura, sendo composto de saberes que dialogam com a área e por sua vez, compõem o saber secretarial. A **posição sujeito** pesquisador é a de que o secretariado se constitui em uma ciência aberta, por isso, esse sujeito defende a possibilidade da estruturação desse saber sob o domínio multi e interdisciplinar da área. Como **campo associado** há esforços para delimitar uma teoria específica para área, porém, ainda não consolidada. Com isso, voltamos a mencionar o estudo conceitual desenvolvido sobre a TGS – Teoria Geral do Secretariado, no entanto, percebemos que tal vertente teórica não é amplamente aceita na comunidade acadêmica brasileira. Esses enunciados se **materializam** no artigo intitulado: “Reflexões construtivistas sobre a construção do conhecimento em Secretariado Executivo”, no livro: “Pesquisa em Secretariado: Reflexões acerca da Construção do Conhecimento”, publicado em 2016. Essa materialidade apresenta frente ao enunciado analisado discussões sobre uma vontade de saber para a construção do conhecimento em secretariado.

SE15: “A ausência de cursos de pós-graduação *stricto sensu* traz prejuízos para a área. Um deles é o fato de que os graduados em Secretariado ou Secretariado Executivo são levados a cursar mestrados e doutorados em outras áreas e não realizam suas teses ou dissertações voltadas para o Secretariado. ‘Uma quantidade significativa de Bacharéis em Secretariado Executivo [...] têm canalizado esforços de pesquisa em temáticas que se relacionam com diversas outras áreas do saber’” (SOUZA; GALINDO MARTINS, 2015, p. 168 apud, PICCOLI et al, p.111).²⁶

²³ NASCIMENTO, Maricilene Isaira Baia do; FIALHO, Roberto Paulo Bibas. Reflexões Construtivistas sobre a Construção do Conhecimento em Secretariado Executivo. In: DURANTE, Daniela Giaretta; MARTINS, Cibele Barsalini; CANTAROTTI, Aline. (Orgs). Pesquisa em Secretariado: reflexões acerca da construção do conhecimento. Fortaleza: Edições UFC, 2016.

²⁴ NASCIMENTO, Maricilene Isaira Baia do; FIALHO, Roberto Paulo Bibas. Reflexões Construtivistas sobre a Construção do Conhecimento em Secretariado Executivo. In: DURANTE, Daniela Giaretta; MARTINS, Cibele Barsalini; CANTAROTTI, Aline. (Orgs). Pesquisa em Secretariado: reflexões acerca da construção do conhecimento. Fortaleza: Edições UFC, 2016.

²⁵ NASCIMENTO, Maricilene Isaira Baia do; FIALHO, Roberto Paulo Bibas. Reflexões Construtivistas sobre a Construção do Conhecimento em Secretariado Executivo. In: DURANTE, Daniela Giaretta; MARTINS, Cibele Barsalini; CANTAROTTI, Aline. (Orgs). Pesquisa em Secretariado: reflexões acerca da construção do conhecimento. Fortaleza: Edições UFC, 2016.

²⁶ PICCOLI, Águeda Luiza et al. Secretariado Executivo e a Pesquisa Acadêmica. In: DURANTE, Daniela Giaretta; MARTINS, Cibele Barsalini; CANTAROTTI, Aline. (Orgs). Pesquisa em Secretariado: reflexões acerca da construção do conhecimento. Fortaleza: Edições UFC, 2016.

A questão da não existência de pós-graduação *stricto sensu* em secretariado tem sido muito discutida pela comunidade acadêmica em geral, tanto em eventos como em publicações científicas como a SE15 apresenta. Há uma reunião de esforços desta comunidade para a abertura da pós-graduação *stricto sensu* na área, no entanto, até o que se constata, não temos uma efetivação concreta deste fato. Sabe-se que para a abertura de pós-graduação *stricto sensu* em uma área, precisa-se de professores com titulações superiores da especialização proposta. Este **referencial** - a ausência das especializações *stricto sensu* na área, e o fato dos docentes de secretariado se especializarem em outros campos, decorre uma **posição sujeito** de que essa realidade é um dos relevantes fatores que torna o secretariado uma área formada por diversos saberes, compondo como **campo associativo**, todos enunciados que povoam este referencial quando se trata da complexidade dificuldade em delimitar um objeto de estudo para o secretariado, especificando a questão dos pesquisadores se especializarem em áreas afins, dificultando a pesquisa, específica, no secretariado. Apresenta, também, os esforços reunidos pela academia na construção do conhecimento científico. A **materialização** deste enunciado apresenta o agrupamento de pesquisas com vistas a fomentar e consolidar o secretariado enquanto ciência, no artigo intitulado: “Secretariado Executivo e a Pesquisa Acadêmica: uma análise sobre a necessidade da criação de curso *Stricto Sensu*”, no livro: “Pesquisa em Secretariado: Reflexões acerca da Construção do Conhecimento”, publicado em 2016.

SE16: “Conclui-se que a presença de conhecimento de diversas áreas nos cursos de Secretariado possibilita uma formação acadêmica generalista; possibilita que o estudante tenha acesso a uma maior diversidade de saberes e faça múltiplas conexões entre os conceitos e sua prática profissional no mercado de trabalho, além de oportunizar o contato com docentes advindos de outras áreas, que engrandece sua vida acadêmica. Por outro lado, a predominância de professores de outras áreas nos cursos faz com que a essência do Secretariado, sua identidade acadêmica e profissional, seja mais difícil de ser estabelecida. Essa situação ficou evidente nas produções da *Expectativa*, visto que metade dos autores publicaram na revista não tem a graduação em Secretariado. (DURANTE et al, 2016, p.178).²⁷

O **referencial** que se depreende da SE16 tem a ver com a complexidade de saberes que compõem o secretariado, pois, por ser uma área heterogênea, necessita-se, para a formação acadêmica, docentes de áreas como: Economia, Direito, Administração, Contábeis, Psicologia, Línguas. A **posição sujeito** aponta os fatores positivos e negativos desta formação globalizante. Como ponto favorável, assume que o conhecimento globalizante enriquece a formação

²⁷ DURANTE, Daniela Giaretta *et al.* Produção Científica em Secretariado: Percepções e Partir das Publicações da Revista *Expectativa*. In: DURANTE, Daniela Giaretta; MARTINS, Cibele Barsalini; CANTAROTTI, Aline. (Orgs). Pesquisa em Secretariado: reflexões acerca da construção do conhecimento. Fortaleza: Edições UFC, 2016.

acadêmica, por outro lado, dificulta a consolidação de uma identidade, tanto acadêmica, quanto profissional para a área. Em relação ao **campo associado**, margeiam esse enunciado, discursos sobre a identidade secretarial e a não delimitação da área enquanto ciência, que desenvolvem tantos outros discursos em torno desses acontecimentos. Esse enunciado se **materializa** no artigo intitulado: “Produção científica em Secretariado: Percepções a partir das publicações da revista *Expectativa*”, no livro: “Pesquisa em Secretariado: Reflexões acerca da Construção do Conhecimento”, publicado em 2016. Essa materialidade apresenta frente ao enunciado analisado discussões sobre uma vontade de saber para a construção do conhecimento em secretariado.

SE17: “Não diferente em outros saberes em elevação, a pesquisa em Secretariado tem sido uma permanente atividade de construção do conhecimento, naturalmente por ser um conhecimento humano (FREITAS, 2007) em construção aberta”. (SANTOS, 2016, p. 183).²⁸

SE18: “A presença secretarial no âmbito da assessoria em projeto de extensão universitária possibilita atuação para além do mercado de trabalho em sua perspectiva neoliberal, pespectivando oportunidades no mundo do trabalho. Essa prática é comprovada a partir do argumento teórico de Nonato Júnior (2009, p. 126), já que diz: ‘não há como conceber o atual domínio das assessorias apenas como uma área de estudos técnicos [uma vez que] a sociedade civil e profissional demandam posicionamento acadêmico sólido na área do Secretariado’”. (SANTOS, 2016, p. 201-202).²⁹

SE19: “No imaginário social, o Secretariado ainda é visto como ‘as outras’ áreas, fruto de um pseudo paradigma de que o secretário-cientista não exercita a práxis e não reflete teoricamente sobre o seu objeto de estudo. O Secretariado, enquanto Ciência das Assessorias (NONATO JÚNIOR, 2009), parte de uma visão progressista de interação e construção do conhecimento, a partir das realidades com as quais se relaciona”. (SANTOS, 2016, p. 202).³⁰

O **referencial** desses três enunciados se constitui da ideia de que o secretariado seria uma ciência aberta com vistas de atuação para a assessoria, desenvolvendo vertentes de outras áreas para a prática de assessoramento. Disso, decorre uma **posição sujeito** segundo a qual o secretariado não se constitui em ciência pura, e sim em e por outras áreas e a necessidade de

²⁸ SANTOS, Maria Luzitana Conceição dos. A Extensão-Pesquisa e as Metodologias Participativas Protagonizadas pela Assessoria Interdisciplinar. In: DURANTE, Daniela Giaretta; MARTINS, Cibele Barsalini; CANTAROTTI, Aline. (Orgs). Pesquisa em Secretariado: reflexões acerca da construção do conhecimento. Fortaleza: Edições UFC, 2016.

²⁹ SANTOS, Maria Luzitana Conceição dos. A Extensão-Pesquisa e as Metodologias Participativas Protagonizadas pela Assessoria Interdisciplinar. In: DURANTE, Daniela Giaretta; MARTINS, Cibele Barsalini; CANTAROTTI, Aline. (Orgs). Pesquisa em Secretariado: reflexões acerca da construção do conhecimento. Fortaleza: Edições UFC, 2016.

³⁰ SANTOS, Maria Luzitana Conceição dos. A Extensão-Pesquisa e as Metodologias Participativas Protagonizadas pela Assessoria Interdisciplinar. In: DURANTE, Daniela Giaretta; MARTINS, Cibele Barsalini; CANTAROTTI, Aline. (Orgs). Pesquisa em Secretariado: reflexões acerca da construção do conhecimento. Fortaleza: Edições UFC, 2016.

um posicionamento acadêmico para este saber que está em ascensão/consolidação. Assim, percebe-se como fundamental, para a área, a demarcação de um objeto que identifique o secretariado. Tanto esse referencial quanto a posição sujeito dessas três sequências encontram amparo em um campo associativo que traz para o discurso os esforços já feitos para se delimitar uma teoria específica para a área. Também, verifica-se o diálogo e o reforço conceitual desenvolvido por Notato Júnior ao fundamentar o estudo sobre o desenvolvimento da assessoria interdisciplinar no projeto de extensão universitária. Isso apresenta um efeito de verdade sobre o estudo conceitual realizado sobre a TGS – Teoria Geral do Secretariado (2009). Esse enunciado se **materializa** no artigo intitulado: “A Extensão-Pesquisa e as Metodologias Participativas Protagonizadas pela Assessoria Interdisciplinar”, no livro: “Pesquisa em Secretariado: Reflexões acerca da Construção do Conhecimento”, publicado em 2016. Essa materialidade apresenta frente ao enunciado analisado discussões sobre uma vontade de saber para a construção do conhecimento em secretariado, e, também, uma vontade de verdade ao estabelecer a assessoria interdisciplinar como principal atuação do secretariado.

O que se constata nas análises operacionalizadas em geral é que se trata de um sujeito pesquisador, onde o suporte em que esses discursos se materializam em artigos científicos publicados em livros, tendo como objeto o saber secretarial e sua não delimitação, e campo associado os saberes que povoam as margens desse saber.

Sobre o elemento sujeito destacamos o sujeito que fala do lugar da academia, a partir de um local institucionalizado que o legitima para tal. Portanto, observamos nessas 19 SE's que há regularidade no sujeito discursivo. Nesse ato importa mencionar que com Michel Foucault o sujeito do discurso não se trata do sujeito empírico, ou seja o autor.

Outra regularidade destacada é o suporte, os artigos, que mostram desde seu título até a conclusão uma vontade de verdade desses enunciados em consolidar um objeto de estudo para o Secretariado Executivo. Sobre a posição sujeito, constatamos:

SE1: Posição de que um objeto não reduziria a área; SE2: Problematiza a delimitação de um objeto para área; SE3: Posicionamento da instauração de um domínio; SE4: Secretariado se relaciona com outras áreas; SE5: Percebe diferenças nas áreas; SE6: Enuncia que a área não tem teoria específica consolidada; SE7: Questiona Assessoria como Objeto; SE8, SE9, SE10 e SE11: Posição favorável de um objeto específico; SE12, SE13, SE14: Posicionamento de que a área se estrutura de forma inter e multidisciplinarmente; SE15: defende a ausência de pós graduação *Stricto Sensu* e que a área se caracteriza de forma multidisciplinar; SE16: Posição de

que a área possui uma formação globalizante; SE17, SE18, SE19: Posição de que a área não se constitui como uma ciência pura.

Sobre o campo associado que povoam as margens discursiva sobre o objeto secretarial, contatamos: SE1: aborda que a hiperespecialização poderia tornar a área reducionista; SE2: trata sobre uma rede de saberes da área; SE3: abarca sobre a identidade para a área; SE4: A área possui campos de concomitância; SE5: a área está alocada em diferentes departamentos (letras, Administração, Ciências Sociais; SE6: Delimitação de um teoria específica da área – TGS; SE7: área se contempla de forma inter, trans e multidisciplinar; SE8, SE9. SE10 e SE11: Assessoria objeto de estudo da área; SE12, SE13 e SE14: Teoria Geral do Secretariado; SE15: Dificuldade de pesquisa e SE16: Dificuldade de pesquisa decorre a não delimitação da área secretarial enquanto ciência; SE17, SE18 e SE19: Esforços para delimitar um objeto de pesquisa.

Percebemos nas sequências enunciativas apresentadas até o momento que há de regular na dispersão dos posicionamentos sobre o objeto analisado a necessidade do secretariado consolidar-se enquanto ciência. No entanto, como percebemos nas 19 SE's algumas contradições nos posicionamentos acerca do momento da referida delimitação.

Como percebemos as sequências enunciativas 9, 10, 11, 12, 13 e 14 caracterizam um **referencial** sobre a constituição do objeto secretarial relacionado ao ato de assessorar. Nessas sequências, a **posição sujeito** identificada não descarta a constituição múltipla do saber secretarial, portanto, desenvolve seu estudo sobre o objeto da área utilizando como referência o conhecimento filosófico, considerando a gama de saberes no composto da ciência de assessoria. O **suporte** em que se materializa esse recorte encontra-se reunido no mesmo livro das demais sequências, pelo artigo intitulado “Objeto de Pesquisa em Secretariado Executivo, 2012.

Aprofundando as questões das materialidades enunciativas em termos arqueológicos, Foucault nos mostra que esse elemento torna o enunciado peculiar, já que “o enunciado precisa ter uma sustância, um suporte, um lugar e uma data. Quando esses requisitos se modificam, ele próprio muda de identidade” (FOUCAULT, 2015, p. 123). O filósofo complementa que a identidade do enunciado depende do regime complexo de instituições em que ele está materializado (FOUCAULT, 2015). Esse regime material se dá mais em uma ordem institucional que espaço-temporal, isto é, o *status*, as retomadas enunciativas dependem, também, do peso institucional que sustenta um enunciado, caracterizando, assim, sua identidade. Foucault explica que

A identidade de um enunciado está submetida a um segundo conjunto de condições e de limites: os que lhe são impostos pelo conjunto de outros enunciados no meio dos quais figura; pelo domínio no qual podemos utilizá-los ou aplicá-lo; pelo papel ou função que deve desempenhar. (FOUCAULT, 2015, p. 126)

O suporte em que os enunciados analisados estão materializados abarca o gênero artigo científico, organização em que estão formulados os artigos sob análise. De modo geral, esse suporte é institucionalizado academicamente, e isso confere *status* de uma identidade científica para esses enunciados, já que possuem como característica uma criteriosa ordem a se seguir como: estrutura, redação, verificação de um comitê científico, etc. A produção discursiva materializada nesse gênero gera um efeito de verdade na produção um saber, discussão realizada no primeiro capítulo. O efeito de verdade produzido no discurso científico, devido ao cumprimento de rigorosos elementos a se seguir para sua produção, garante credibilidade, sustentando esse discurso como verdadeiro.

Observamos como regular a retomada discursiva de uma autoria considerada legitimada pela área, a saber os autores Nonato (2009), Sabino e Marchelli (2009). Percebemos, de modo geral, um embate entre o posicionamento desses pesquisadores, em forma de corroborações enunciativas, citações, de outros pesquisadores da atualidade que afirmam ou refutam os posicionamentos desses pesquisadores.

Contudo, os discursos acima sobre o saber secretarial apresentam em sua dispersão uma regularidade de que o secretariado é composto por muitos outros saberes. Trazem, também, uma discussão sobre o crivo da produção científica pelo o qual um saber é submetido para atingir o *status* de ciência e destacando os pontos positivos e negativos relativos à “hiperespecialização”, uma das questões “impostas” na atualidade para o alcance do estatuto científico. Nessa ordem, também, destacamos as sequências enunciativas do pesquisador Nonato Júnior sobre a demarcação do objeto “assessoria” para a campo secretarial, porém colocada em cheque pelos demais pesquisadores da área. Assim, o que se percebe até o momento é que as demandas secretariais convergem seu objeto de estudo para as Assessorias, com vertentes que dialogam e se constituem por outros saberes, sendo, deste modo, uma ciência aberta, característica dos saberes em elevação na atualidade.

Para trabalhar a constituição do saber secretarial em sua completude, desenvolveremos, no terceiro capítulo, uma discussão sobre a relação de poder e saber que contribuem na constituição do saber secretarial. Esse capítulo refere-se aos conceitos teóricos trabalhados na fase genealógica de Michel Foucault, nessa fase o filósofo se debruça sobre a sobre as relações de poder que constituem os saberes. Nessa ordem, analisaremos as relações de poder e saber

que se estabelecem nas instâncias acadêmicas e que, por sua vez, contribuem na constituição do conhecimento científico. Assim, discutiremos os efeitos de verdade que incidem sobre o saber secretarial, e como o poder se exerce na constituição deste objeto. Para essa tarefa mobilizaremos a noção de discurso e poder, utilizando, para o desenvolvimento analítico, o conceito de modalidade enunciativa.

3 OS EFEITOS DE PODER NO SABER SECRETARIAL

“Não poderíamos apreender de forma mais precisa o entrelaçamento dos efeitos de poder e de saber? [...] Nesse nível não se trata de saber qual é o poder que age do exterior sobre a ciência, mas que efeitos de poder circulam entre os enunciados científicos; qual é seu regime interior de poder, como e por que em certos momentos ele se modifica de forma global.”

(FOUCAULT, 2016, p. 36;39)

Nos capítulos anteriores, expomos o funcionamento discursivo empreendido na perspectiva arqueológica de Michel Foucault. Já, neste capítulo, objetivamos inserir a segunda fase das pesquisas deste autor, momento conhecido como genealogia: as questões do poder.

Retomando o percurso realizado nas pesquisas de Michel Foucault, a introdução da obra *Microfísica do Poder*, autoria de Roberto Machado, importante para entendemos como ocorreu esse percurso. Machado (2016) explica que, no primeiro momento das pesquisas, na fase arqueológica, o objetivo da análise era estabelecer relações entre os saberes, para que dessas relações surgissem, em diversas temporalidades, regularidades que permitiriam individualizar formações discursivas entre os objetos (MACHADO, 2016). Quando Foucault utiliza o louco como objeto de estudo, o filósofo articula, por exemplo, o saber médico com as práticas de internamento em instituições, como o caso do hospício ou o da prisão mais tarde, com outras instâncias sociais (MACHADO, 2016).

Em 1963, na obra *O nascimento da clínica*, o filósofo estuda a ruptura entre a medicina clássica e a moderna e não realiza um estudo de uma “evolução” da medicina, mas um deslocamento, uma ruptura possibilitada pela “positividade do saber com seus objetos, conceitos e métodos diferentes” (MACHADO, 2016, p. 08-09). E nas *“As palavras e as coisas”* (1966): “o propósito da análise arqueológica (...) consistia em descrever a constituição das ciências humanas a partir de uma inter-relação de saberes, do estabelecimento de uma rede conceitual que lhes cria o espaço de existência, deixando, propositalmente de lado as relações entre os saberes e as estruturas econômicas e políticas” (MACHADO, p. 10).

Contudo, o método arqueológico busca responder *como* os saberes apareciam e se transformavam. Agora, no método genealógico a busca do filósofo é responder o *porquê* dos

acontecimentos e das transformações (MACHADO, 2016). Diante desse percurso, é na análise sobre o porquê na constituição dos saberes que Foucault objetiva aclarar “sua existência e suas transformações situando-os como peça de relações de poder ou incluindo-os em um dispositivo político” (FOUCAULT, 2016, p. 11-12).

Nessa perspectiva arqueogenealógica, este capítulo se volta para as instâncias investidas de poder que se relacionam com o discurso científico e, por sua vez, orientam a organização do saber secretarial. Para tanto, é preciso tratar daquilo que Foucault entende por poder, como, também, das demais noções que envolvem esse debate. Assim, para cumprir a referida proposta, mobilizamos as noções de saber e poder em Michel Foucault, bem como as questões que envolvem a relação entre discurso e poder. Como embasamento analítico, utilizamos as propriedades da formação das modalidades enunciativas, já desenvolvidas teoricamente no capítulo anterior, para caracterizar seus três elementos: quem fala, de onde fala e como fala sobre o objeto em questão, com vistas a compreender o jogo discursivo dos enunciados. A noção de poder na perspectiva da formação das modalidades enunciativas mostra as relações entre instituições e, por conseguinte, os sujeitos envolvidos nessa ordem discursiva.

Este capítulo se divide em três seções, a primeira voltada para uma discussão teórica de poder e saber, a segunda para os efeitos de verdade que qualificam um saber e a terceira para um movimento analítico das modalidades enunciativas sobre o discurso científico secretarial.

3.1 O poder em Michel Foucault para entender a constituição do Saber Secretarial

Tendo em vista a abordagem realizada no primeiro capítulo sobre *A ordem do discurso*, em que Foucault discorre acerca das coerções de poder exercidas sobre os sujeitos e como isso se dá numa ordem discursiva, o autor nos mostra que o poder não é algo que se centraliza no estado, mostrando haver

Uma articulação com poderes locais, específicos, circunscritos a uma pequena área de ação, que Foucault analisava em termos de instituição? Assim, sempre lhe pareceu evidente a existência de formas de exercício de poder diferentes do Estado, a ele articuladas de maneiras variadas e que são indispensáveis inclusive a sua sustentação e atuação eficaz. (MACHADO, 2016, p. 13)

Nessa visada, entendemos que o poder em Michel Foucault é constatado de uma forma um pouco diferente dos pensadores de sua época. Para ele, o poder já não é aquele centralizado

no estado, mas, sim, uma relação que se concentra nas microesferas sociais. Não que o filósofo desconsidere a existência dessa relação de poder, no entanto, para ele, o poder é mais abrangente, ele se exerce tanto numa forma vertical quanto horizontal. Os pensadores de sua época, como Marx, Althusser, refletem sobre a centralização de um poder estatal, exercido de forma vertical. No pensamento de Althusser, (1970, p. 31), o poder

Permite às classes dominantes (no século XIX à classe burguesa e à classe dos proprietários de terras) assegurar a sua dominação sobre a classe operária para submeter ao processo de extorsão da mais-valia (quer dizer, à exploração capitalista).

De forma ampla, Althusser e os clássicos do marxismo entendem que a relação de poder se centraliza entre estado e classes, denominando-o “*Aparelho de Estado*”. Já, para Foucault, “os poderes se exercem em níveis variados e em pontos diferentes da rede social, e nesse complexo os micropoderes existem integrados ou não ao Estado”, (MACHADO, 2016, p. 15). Assim, Foucault reflete sobre o exercício dos micropoderes no nível cotidiano e sua relação com os aparelhos de Estado; ele nos ensina que

Uma das primeiras coisas a compreender é que o poder não está localizado no aparelho de Estado e que nada mudará na sociedade se os mecanismos de poder que funcionam fora, abaixo, ao lado dos aparelhos de Estado a um nível mais elementar, cotidiano, não forem modificados (FOUCAULT, 2007, p. 149-150).

Nesse sentido, Machado (2016, p. 14), considera que a análise realizada por Foucault

Visa distinguir as grandes transformações do sistema estatal, as mudanças no regime político no nível dos mecanismos gerais e dos efeitos de conjunto e a mecânica de poder que se expande por toda sociedade, assumindo as formas mais regionais e concretas, investindo em instituições, tomando em corpo técnicas de dominação

Com isso, Foucault, nas palavras de Machado (2016, p. 14), nos mostra que o poder “atinge a realidade mais concreta dos indivíduos – seu corpo – e que se situa no nível do próprio corpo social, e não acima dele, penetrando na cotidiana, e por isso pode ser caracterizado como micropoder ou subpoder”. Contudo, as análises realizadas pelo autor “servem como instrumento de luta, articulado com outros instrumentos, contra essas mesmas relações de poder [...] que impera em uma sociedade” (MACHADO, 2016, p. 15). Com isso, decorre a constituição discursiva derivadas das relações de poderes, o que torna para Foucault,

O foco absoluto que estaria na origem de todo tipo de poder social e do qual também se deveria partir para explicar a constituição de saberes nas sociedades capitalistas. Foi muitas vezes fora dele que se instituíram as relações de poder, essenciais para situar a genealogia dos saberes modernos (MACHADO, 2016, p. 17).

Em meio a essas relações, o discurso é instrumento de poder, quando possibilita seu exercício, uma vez que é nele o espaço em que se aloja o saber e o poder. Essa reflexão nos mostra que “os poderes funcionam como uma rede de dispositivos e/ou mecanismos a que ninguém ou nada escapa”, (MACHADO, 2016, p. 17), pois possui uma eficácia produtiva, uma positividade, não sendo exclusivamente repressivo. O objetivo básico do poder seria “gerir a vida dos homens”, (MACHADO, 2016, p. 20). Com isso, o poder disciplinar trata de “uma técnica, um dispositivo, um mecanismo, um instrumento de poder”. Ele “fabrica o tipo de homem necessário ao funcionamento e à manutenção da sociedade”, (MACHADO, 2016, p. 21).

O poder disciplinar implica três características: a organização do espaço, o controle do tempo e a vigilância (principal instrumento de controle). A disciplina tem a ver com um registro contínuo de conhecimento, já que este é produzido nas instituições que organizam, controlam e vigiam o sujeito. (MACHADO, 2016). Por isso que o indivíduo é uma produção do poder e do saber, por exemplo, o louco, o delinquente etc., já que o poder disciplinar busca produzir um homem útil e dócil. Nessa ordem, podemos caracterizar como poder disciplinar na constituição do discurso científico a relação entre comunidade científica e pesquisador. A comunidade científica respaldada institucionalmente atua como um mecanismo que age sobre o sujeito pesquisador, ao fazer funcionar a produção e a manutenção do saber.

Temos (...) que admitir que o poder produz saber (e não simplesmente favorecendo-o porque o serve ou aplicando-o porque é útil); que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder. Essas relações de “poder-saber” não devem então ser analisadas a partir de um sujeito do conhecimento que seria livre ou não em relação ao sistema do poder; mas é preciso considerar ao contrário que o sujeito que conhece, os objetos a conhecer e as modalidades de conhecimentos são outros tantos efeitos dessas implicações fundamentais do poder-saber e de suas transformações históricas. Resumindo: não é a atividade do sujeito de conhecimento que produziria um saber, útil ao arredo ao poder, mas o poder-saber, os processos e as lutas que o atravessam e que o constituem, que determinam as formas e os campos possíveis de conhecimento. (FOUCAULT, 2007, p. 27).

Com isso, segundo (2016, p. 26), para Foucault,

O adestramento do corpo, o aprendizado do gesto, a regulação do comportamento, a normalização do prazer, a interpretação do discurso, com o objetivo de separar, comparar, distribuir, avaliar, hierarquizar, tudo isso faz com que apareça pela primeira vez na história esta figura singular, individualizada – o homem – como produção do poder. Mas, também, ao mesmo tempo, como objeto de saber.

Foucault objetiva nessa obra genealógica “neutralizar a ideia que faz da ciência um conhecimento em que o sujeito vence as limitações de suas condições particulares de existência” (MACHADO, 2016, p. 27), mostrando-nos que “todo conhecimento, seja ele científico ou ideológico, só pode existir a partir de condições políticas que são as condições para que se formem tanto o sujeito quanto os domínios de saber” (MACHADO, 2016, p. 28).

Assim, entendemos na obra arqueológica que a constituição de um saber compreende o conjunto de elementos formados por uma prática discursiva, indispensáveis à constituição de uma ciência.

Um saber é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um *status* científico (...); um saber é, também, o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso (...); um saber é também o campo de coordenação e de subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam (...), finalmente em saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso. (FOUCAULT, 2015, p. 219-220).

Nessa visada, interrogamos, em nossas análises, como o poder se exerce na constituição do saber secretarial, o que nos levou a discutir as instituições que atuam na relação binária (poder-saber) que constitui o saber secretarial.

3.2 O Intelectual e o Poder

Nesta subseção, objetivamos discutir os efeitos de verdade investidos de poder nos discursos sobre o saber secretarial. Para isso, abordamos algumas noções tratadas no capítulo da Microfísica do poder intitulado “Verdade e poder”. A descontinuidade e acontecimento, são mencionamos de forma breve, pois já foram tratadas na seção 1.3 do primeiro capítulo. Já as noções sobre o papel do intelectual e o poder; e a noção de verdade, serão desenvolvidas com maior detalhamento.

Sobre os efeitos de verdade no discurso científico, Foucault nos mostra que, para analisá-los, é preciso escavar historicamente, no sentido de empreender uma análise arqueogenealógica, inscrevendo “os saberes na hierarquia dos poderes próprios à ciência” (FOUCAULT, 2016, p. 270), essa discussão nos liberta da

Sujeição dos saberes históricos, isto é, torna-os capazes de oposição e de luta contra a coerção de um discurso teórico, unitário, formal e científico. A reativação dos saberes locais, menores [...] contra a hierarquização científica do conhecimento e seus efeitos intrínsecos de poder”

Em entrevista com Alexandre Fontana, no capítulo da obra *Microfísica do poder: Verdade e poder*, Foucault explica que tomou como exemplo o saber da psiquiatria devido ao fato de este campo ter um perfil epistemológico pouco definido e, também, porque sua prática estava ligada a uma rede de instituições e exigências econômicas daquela época (FOUCAULT, 2016). Tomamos essa reflexão de Michel Foucault sobre a constituição do saber psiquiátrico com questões que se relacionam sobre a formação do Saber Secretarial, no sentido da ordem de um funcionamento discursivo econômico, político para a emergência deste saber.

Para isso, Foucault (2016, p. 39) trata da questão da descontinuidade em uma edição do *Petit Larousse*

Meu problema [...] foi [...] de colocar a questão: como é possível que se tenha em certos momentos e em certas ordens de saber, estas mudanças bruscas, estas precipitações de evolução, estas transformações que não correspondem à imagem tranquila e continuista que normalmente se faz? [...] O que está em questão é o que *rege* os enunciados e a forma como estes se *regem* entre si para constituir um conjunto de proposições aceitáveis cientificamente e, conseqüentemente, susceptíveis de serem verificadas ou infirmadas por procedimentos científicos. [...] Neste nível não se trata de saber qual é o poder que age do exterior sobre a ciência, mas que efeitos de poder circulam entre os enunciados científicos; qual é o seu regime interior de poder; como e por que em certos momentos ele se modifica de forma global.

A descontinuidade que Michel Foucault propõe na genealogia está em verificar o saber desqualificado em relação ao saber dominado. Esses saberes desqualificados são entendidos como os saberes inferiores, como dos sujeitos doentes, psiquiatrizados sobre o saber médico, por exemplo. A descontinuidade no saber secretarial pode ser percebida nos momentos históricos em que esta área perpassou, momentos da história em que não se lançou luz sobre o secretariado e momentos, como o atual, em que a discussão sobre essa ciência se efetiva. Nessa ordem, de qualificação de um discurso científico, destacam-se as ordens para que um

determinado saber atinja o *status* de ciência, quando este saber é qualificado como verdade científica, bem como os saberes que não atingem esse estatuto, por exemplo os saberes que ficam no plano mítico. Nesta discussão, queremos mostrar como um discurso se caracteriza como verdadeiro em um dado momento histórico. Diante disso, surge a figura do intelectual, que em dadas épocas seus papéis se modificam de acordo com as condições sociais de cada momento.

Nessa mesma perspectiva de descontinuidade, a noção de acontecimento se destaca, na medida em que, nela, não se observa tudo em um mesmo plano. A questão é levar em conta a existência de um escalonamento de diversos tipos de acontecimentos, os quais podem não ter a mesma abrangência, a mesma amplitude temporal, nem a mesma capacidade de produzir efeitos (FOUCAULT, 2016). Há uma certa dificuldade em distinguir a temporalidade e o grau de importância dos acontecimentos. E, para isso, é preciso

Diferenciar as redes e os níveis a que pertencem e reconstituir os fios que os ligam e que fazem com que se engendrem, uns a partir dos outros. [...] Creio que aquilo que se deve ter como referência não é o grande modelo da língua e dos signos, mas sim da guerra e da batalha. A historicidade que nos domina e nos determina é belicosa e não linguística. Relação de poder, não relação de sentido. (FOUCAULT, 2016, p. 40-41).

Portanto, para detectar o escalonamento de acontecimentos é preciso escavar o que está por trás dos aparentes fatos, observar as relações de poder investidas na emergência de um acontecimento. Naquele contexto, Michel Foucault foi uma das poucas pessoas que tratou das questões do poder na constituição dos saberes. O autor afirma que as pessoas da direita, daquela época, colocavam o poder apenas “em termos de constituição de soberania, etc., ou seja, tratavam dos fatos em termos jurídicos; e, pelo marxismo, em termos de aparelho do Estado” (FOUCAULT, 2016, p. 42). Naquela época “ninguém se preocupava com a forma como ele se exercia concretamente e em detalhe, com sua especificidade, suas técnicas e suas táticas” (FOUCAULT, 2016, p. 42).

Dessa visada foucaultiana sobre o poder é que nasce a genealogia, a qual tem por finalidade conectar as relações de poder na hierarquia dos saberes, próprios à ciência. Assim, por genealogia, entende-se “o acoplamento do conhecimento com as memórias locais, que permite a constituição de um saber histórico das lutas e a utilização desse saber nas táticas atuais” (FOUCAULT, 2016, p. 268). Com a proposta genealógica, Foucault nos leva a refletir as questões de poder coexistentes no surgimento do saber secretarial quando faz os seguintes questionamentos:

Que tipo de saber vocês querem desqualificar no momento em que vocês dizem “é uma ciência”? Que sujeito falante, que sujeito de experiência ou de saber vocês querem “memorizar” quando dizem: “Eu que formulo esse discurso, enuncio um discurso científico e sou um cientista”? Qual vanguarda teórico-política vocês querem entronizar para separá-la de todas as numerosas, circulantes e descontínuas formas de saber? (FOUCAULT, 2016, p. 269).

Entendemos, nesse cenário, que o funcionamento da qualificação de um saber está imbricado nas imensuráveis relações de poder. Dentre elas, destacamos o papel do intelectual, a qual contempla o *status* que os sujeitos adquirem quando amparados institucionalmente, em contextos históricos diferentes, na e para o funcionamento dos discursos científicos. Nessa perspectiva, a genealogia vem mostrar essa batalha “dos saberes contra os efeitos de poder do discurso científico” (FOUCAULT, 2016, p. 271), colocando em destaque que os instrumentos necessários para a análise do poder são diversos, mesmo porque as relações de poderes estão enredadas nas e com as relações econômicas (FOUCAULT, 2016). Portanto, as relações de poder na atualidade, estabelece “uma relação de força estabelecida, [...] através de uma espécie de guerra silenciosa, nas instituições e nas desigualdades econômicas, na linguagem e até no corpo dos indivíduos” (FOUCAULT, 2016, p. 275).

Logo, ante ao exposto, um dos meios para perceber o funcionamento das técnicas e táticas do poder é por meio da análise da formação das modalidades enunciativas. Esse empreendimento mostra o exercício do poder na constituição do saber em secretariado, sendo o poder caracterizado nos posicionamentos dos sujeitos, nos seus *status*, nos locais que amparam seus discursos e, também, pelas marcas dos elementos linguísticos identificados nos enunciados.

3.3 As modalidades enunciativas: jogos de poder e efeitos de verdade na constituição do Saber Secretarial

Em nossa pesquisa, o discurso científico é tomado como objeto, embora tratamos dos discursos materializados, especificamente, nos livros: “Pesquisa em Secretariado: cenários, perspectivas e desafios”, e “Pesquisa em Secretariado: reflexões acerca da construção do conhecimento”, reforçando que, no arcabouço teórico foucaultiano o arquivo é impossível de ser descrito em sua totalidade, por isso partimos de recortes enunciativos.

Por se vincular ao campo científico, essas obras entram no funcionamento discursivo de produção de saberes, principalmente pela função de *status* de verdade produzidos nesses

enunciados. Em se tratando da formação das modalidades enunciativas, conceito já desenvolvido no segundo capítulo, momento em que tratamos do conceito de formação discursiva e função enunciativa, retomamos que a formação das modalidades enunciativas é composta por três elementos: *quem fala, quais lugares institucionais e qual posição sujeito*. Seguindo essa noção, a análise possibilita mostrar o jogo de poder exercido na constituição de um discurso científico. Vale ressaltar que os enunciados recortados estão em ordem cronológica de publicação dos artigos de acordo com organização disposta nos livros. Para tanto, destacamos a sequência enunciativa:

SE20: “Em seu livro *Epistemologia e teoria do conhecimento em secretariado executivo*, Raimundo Nonato Júnior (2009, p. 14-15) realiza um visível esforço no sentido de ‘fazer falar o silêncio’, com a intenção de ‘unificar uma proposta de fundação científica que abrigue as questões epistemológicas do Secretariado Executivo: as ciências da Assessoria’. **Não me sinto em condições de fazer um julgamento** do trabalho realizado por Nonato Júnior. **No entanto**, seu trabalho **precisa** passar pelo crivo da crítica, pois somente dessa forma conseguirá avançar na intenção de se tornar ciência” (FÁVERO, 2012, p. 34, grifos nosso).³¹

Percebemos a relevância da proposta teórica desenvolvida por Nonato Júnior na medida em que esta é retomada no discurso de Fávero (2012), e, também, como veremos nas análises seguintes, por outros sujeitos que (re) produzem pesquisa no secretariado. Por outro lado, tal proposta é colocada em questionamento pelo sujeito deste enunciado, quando se refere à necessidade desta teoria ser acolhida pelo crivo do discurso científico da área.

Sobre o primeiro elemento das modalidades enunciativas, “quem fala”, a análise volta-se para o “*status* dos indivíduos que tem o direito de proferir semelhante discurso” (FOUCAULT, 2015, p. 61). Neste caso, o sujeito que enuncia possui o *status* de pesquisador, legitimado para proferir tal discurso e respaldado institucionalmente por locais, como a universidade, onde a produção do conhecimento possui *status* científico e habilita os sujeitos para julgar, dentro do crivo científico e de acordo com suas devidas posições, os desenvolvimentos científicos realizados neste campo. Esses sujeitos que ocupam a posição de pesquisadores viabilizam, autorizam, legitimam ou refutam a produção do discurso científico em determinadas áreas, contribuindo com características que constituem o saber desse campo.

Quanto ao trecho: “não me sinto em condições de fazer um julgamento”, percebemos que há o funcionamento do exercício de poder na medida em que o sujeito do enunciado afirma

³¹ FÁVERO, Altair Alberto. “Decifra-me ou te devoro”: pesquisa na sociedade do conhecimento. In: DURANTE, Daniela Giaretta. (Org). PESQUISA EM SECRETARIADO: CENÁRIOS, PERSPECTIVAS E DESAFIOS. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2012.

a necessidade de uma aprovação, realizada ou não por ele, para que o discurso de um pesquisador seja legítimo. Na sequência, “**no entanto**, seu trabalho **precisa** passar pelo crivo da crítica, pois somente dessa forma conseguirá avançar na intenção de se tornar ciência”, o efeito produzido é de que o sujeito deste enunciado questiona a proposta teórica Assessoria ser definida como objeto de estudo secretarial, gerando um efeito de indagação quando coloca em cheque que a proposta teórica – Assessoria - pode não ser um elemento característica e específica do campo secretarial. O elemento linguístico **precisa** cria o efeito de que aquele que fala pode dizer como as coisas devem funcionar, por falar de um lugar que o legitima, já que para isso deve ser formado e ter experiência para tal.

Para dar continuidade à análise, segue a seguinte sequência enunciativa:

SE21: “É necessário refletir sobre a postura de alguns estudiosos que, em algumas circunstâncias, mantêm uma relação de dependência com outras áreas do conhecimento. [...] É necessário que os pesquisadores da área secretarial tenham uma postura mais interacionista com relação às diferentes áreas do conhecimento. Em outras palavras, muito mais do que pegar emprestado teorias de áreas afins e aplica-las a um problema prático, **é necessário que se reflita com relação à utilização dessas teorias, a fim de contribuir não só para a consolidação do secretariado, enquanto ciência, mas também para o crescimento de outras áreas com as quais dialoga**” (NASCIMENTO, 2012, p. 110, grifos nosso).³²

A posição sujeito deste enunciado ressalta a necessidade dos pesquisadores em secretariado desenvolver suas pesquisas de forma interdisciplinar, no sentido de que outras áreas possam, igualmente, disfrutar de seus desenvolvimentos teórico-práticos e não somente o secretariado utilizar de teorias de áreas afins. Aqui, identificamos, o que Michel Foucault (2016) fala sobre a função social do intelectual na atualidade, cuja é de colocar sempre em cheque o evidente, já que este sujeito atua no funcionamento da construção de um discurso verdadeiro. Essa posição dialoga, de certa maneira, com a posição da sequência enunciativa anterior quando ressalta a necessidade do crivo científico para a proposta teórica Ciências das Assessorias. Nesses posicionamentos, percebemos a construção de uma rede enunciativa que problematiza a proposta da Assessoria como objeto de estudo da área, mostrando que, para o desenvolvimento e a consolidação de um campo teórico, faz-se necessário uma discussão mais abrangente que contribua de forma dual nas outras áreas que compõem o saber secretarial. Como nos ensina Michel Foucault, a posição sujeito é a “situação que é possível ocupar em

³² NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. Pesquisa aplicada e interdisciplinaridade: da linguística ao secretariado. In: DURANTE, Daniela Giaretta. (Org). PESQUISA EM SECRETARIADO: CENÁRIOS, PERSPECTIVAS E DESAFIOS. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2012.

relação aos diversos domínios ou grupos de objetos: ele é sujeito que questiona, segundo uma certa grade de interrogações explícitas ou não” (FOUCAULT, 2015, p. 63). Disso decorre que o sujeito deste enunciado é legitimado para se posicionar de tal forma devido sua formação acadêmica e, possivelmente, uma trajetória acadêmica mais consolidada. É provável, também, que possua experiência em discussões como a que o campo secretarial vivência, de modo que “o *status* do sujeito e o lugar institucional que lhe garante a verdade na palavra estão num constante movimento de recorte e reinscrição dos objetos do discurso” (VOSS, 2011, p. 43). Esses dois elementos que compõem as modalidades enunciativas respaldam, legitimam e habilitam o sujeito deste enunciado a acolher, refutar e indagar sobre o discurso científico do campo secretarial. Dando continuidade, seguem as seguintes sequências:

SE22: “Os focos de análise do secretariado sobre o mundo **devem** ser diversos e múltiplos, atuando em natureza organizacional, pública, social, política e intelectual. Todavia, **seu objeto deve ser específico**, a fim de possibilitar uma área de pesquisa científica consolidada e de respaldo nacional e internacional. Isso não significa que o objeto esteja fechado ou pronto, pois um objeto de estudo opera-se em constante construção [...]. Todavia, a reflexão com especificidade é que nos permitirá ver adiante as contradições, dualidades e incertezas que devem ser batidas pela pesquisa secretarial” (NONATO, 2012, p. 129-130, grifos nosso).³³

SE23: “Os conhecimentos produzidos em cursos de bacharelado em Secretariado Executivo, Tecnologia em Secretariado Executivo e Técnico em Secretariado, bem como nas práticas profissionais e associações sindicais, **poderão**, a partir de seu prisma de interesse, investigar possíveis horizontes de diálogo com o objeto das assessorias, tornando a pesquisa secretarial cheia de cores e pluralismos” (NONATO, 2012, p. 130, grifos nosso).³⁴

O sujeito enunciador se manifesta utilizando verbos modais em “deve” e “poderão”. A utilização de tais verbos indica: necessidade e possibilidade. Devido a ocorrência desses verbos, importa destacar o efeito discursivo quando se utiliza o recurso modalização verbal.

De acordo com Bagno (2011), a modalização é exercida, principalmente, por verbos auxiliares que também são conhecidos como verbos modais. Aparecem, normalmente, das seguintes formas: poder, dever, parecer, precisar, preferir, pretender, querer, tentar, ter de e ter que. Esses verbos são classificados, de acordo com Bagno (2011), em três formas: epistêmico,

³³ NONATO, Raimundo Jr. Objeto de Pesquisa em Secretariado Executivo. In: DURANTE, Daniela Giaretta. (Org). PESQUISA EM SECRETARIADO: CENÁRIOS, PERSPECTIVAS E DESAFIOS. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2012.

³⁴ NONATO, Raimundo Jr. Objeto de Pesquisa em Secretariado Executivo. In: DURANTE, Daniela Giaretta. (Org). PESQUISA EM SECRETARIADO: CENÁRIOS, PERSPECTIVAS E DESAFIOS. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2012.

volitiva e deôntico. O epistêmico é caracterizado pelo verbo pode, o qual produz o efeito de possibilidade e probabilidade; volitiva: de vontade e desejos quando se trata do verbo querer; e, deôntica: destinada ao verbo dever, a qual produz um efeito de obrigatoriedade. Nessa perspectiva, o sujeito que enuncia em nosso objeto de análise se manifesta empregando verbos como “deve” e “poderão”. Desta forma, funcionam, provocando indicações com sentido de necessidade e possibilidade. Segundo Bagno (2011), dentre os verbos modais o “poder” é o mais recorrente no recurso modalização. Por outro lado, o “deve”, caracterizado como deôntico, remete a uma obrigatoriedade, produzindo um efeito de que o campo secretarial precisa de um objeto que o especifique para que a área seja consolidada, mostrando que a especificação da área vislumbrará questionamentos a partir do objeto proposto. Esse elemento “deve” produz efeito de autoridade, em que pode ser proferido, neste caso, por se tratar de um gênero científico, por um sujeito legitimado institucionalmente e que pode dizer como as coisas devem e podem funcionar. Sobre o elemento “poderão”, classificado como epistêmico, sob um efeito de possibilidade e probabilidade de desenvolvimento da proposta teórica Ciências das Assessorias retratada no enunciado em questão.

O funcionamento discursivo que se percebe entre esses enunciados é de que, há um estudo desenvolvido em torno de um objeto proposto para o secretariado. E, o mesmo sujeito que propõe a delimitação do referido objeto se mostra de forma aberta para que, a partir dele, se desenvolva estudos teóricos, questionamentos para sua consolidação. No entanto, há, no jogo de poder, certa resistência de sujeitos pesquisadores em legitimar tal proposta e seguir adiante com questionamentos e pressupostos teóricos a partir dela. Neste movimento analítico, podemos visualizar como acontecem as relações de poder quando Michel Foucault nos mostra que estão ao mesmo tempo visíveis e invisíveis, presentes e ocultas, investidas em toda parte (FOUCAULT, 2016). Sobre seu exercício, podemos complementar com a explicação que o filósofo francês nos fornece:

O poder [...] é todo um conjunto de noções que exige análise. Além disso, seria necessário saber até onde se exerce o poder, através de que revezamentos e até que instâncias, frequentemente ínfimas, de controle, de vigilância, de proibições, de coerções. Onde há poder, ele se exerce. Ninguém é, propriamente falando, seu titular; e, no entanto, ele sempre se exerce em determinada direção, com uns de lado e outros de outro; não se sabe ao certo quem o detém; mas se sabe quem não o possui (FOUCAULT, 2016, p. 138).

O recurso analítico, formação das modalidades enunciativas, utilizado para a análise do poder é um dentre outros possíveis. Neste movimento analítico podemos observar e comprovar como o poder se exerce no discurso científico a partir das posições ocupadas pelos sujeitos, seu estatuto e os lugares institucionais que os amparam. Foucault nos mostra que não há um único detentor do poder. O que há é um exercício do poder em determinada direção, agindo sobre os sujeitos. Nesta visada, destacamos a seguinte sequência enunciativa:

SE24: [...] os conceitos diagnosticados por meio de pesquisas, **necessitam** de ampla discussão acadêmica, pois o melhoramento de conceitos já existentes e o encontro de novos **necessitam** ser debatidos e complementados por outras pesquisas, para que haja a real validação científica dos levantamentos. Isso implica, portanto, trabalhar no fortalecimento de inúmeros fatores que engajam a prática da pesquisa na área (NASCIMENTO; FIALHO, 2016, p. 35, grifos nosso).³⁵

O enunciado exposto indica o sutil funcionamento do exercício do poder em relação a formação das modalidades enunciativas quando a **posição sujeito** aponta a necessidade de um maior debate, em termos de pesquisa, sobre conceitos existentes no campo secretarial para que aconteça a legitimação científica. Disso decorre o funcionamento dos elementos das modalidades na medida em que o acolhimento de um discurso como verdadeiro é legitimado por sujeitos amparados institucionalmente, com certo *status* e posicionamentos. Também, o emprego do recurso linguístico “necessitam” compõe o exercício do poder, produzindo em efeito de algo que precisa se fazer para tenha validação. Diante disso, segue a seguinte sequência:

SE25: Nonato Júnior (2009) defende a existência de uma epistemologia e de uma teoria do conhecimento que regem o fazer e os estudos em Secretariado e propõe a fundação das Ciências da Assessoria como corte epistemológico do conhecimento secretarial, cujo campo científico é ‘inicialmente mapeado como aquele que estuda as relações, teorias e práticas que envolvem o conhecimento produzido em situação de assessoria, seja esta de ordem profissional, intelectual ou interdisciplinar’ [...]. Também explica que a produção do conhecimento em Secretariado concentra-se em quatro áreas teóricas integradas: profissional, organizacional, conceitual e interdisciplinar (DURANTE et al, 2016, p. 151).³⁶

³⁵ NASCIMENTO, Maricilene Isaira Baia do; FIALHO, Roberto Paulo Bibas. Reflexões Construtivistas sobre a Construção do Conhecimento em Secretariado Executivo. In: DURANTE, Daniela Giareta; MARTINS, Cibele Barsalini; CANTAROTTI, Aline. (Orgs). Pesquisa em Secretariado: reflexões acerca da construção do conhecimento. Fortaleza: Edições UFC, 2016.

³⁶ DURANTE, Daniela Giareta et al. Produção Científica em Secretariado: Percepções e Partir das Publicações da Revista *Expectativa*. In: DURANTE, Daniela Giareta; MARTINS, Cibele Barsalini; CANTAROTTI, Aline. (Orgs). Pesquisa em Secretariado: reflexões acerca da construção do conhecimento. Fortaleza: Edições UFC, 2016.

As SE(s) 24 e 25 viabilizam a entrada de análise pelo campo associado, pois, a primeira trata sobre a necessidade de desenvolver as propostas conceituais já existentes, e novas também. A segunda, tem o efeito de complementaridade da primeira, pois, também se refere a necessidade do desenvolvimento teórico de conceitos já propostos na área. O posicionamento é de que o(s) desenvolvimento(s) teórico(s) realizados até o momento estão dispostos a aprimoramento, como no trecho “os conceitos diagnosticados por meio de pesquisas, necessitam de ampla discussão acadêmica, pois o melhoramento de conceitos já existentes e o encontro de novos necessitam ser debatidos e complementados por outras pesquisas” (NASCIMENTO; FIALHO, 2016, p. 35). Outro fato a se destacar é que a teoria Assessoria, exteriorizada no último enunciado, não refuta a inter, trans e multidisciplinaridade caracterizada como regular nos enunciados analisados, como podemos verificar em: “a produção do conhecimento em Secretariado concentra-se em quatro áreas teóricas integradas: profissional, organizacional, conceitual e interdisciplinar (DURANTE et al, 2016, p. 151). O funcionamento do poder também é destacado nessa última sequência pela retomada proposta teórica de Nonato Júnior (2009) sobre as Ciências das Assessorias, disso decorre o efeito de acolhimento do seu discurso como verdadeiro, legitimado. Também, quando se trata do saber erudito, consideramos os discursos que emergem de lugares como textos científicos, e, sua reprodução e validação se dá pelo fato de ser circulado, citado como fonte teórica para embasar outras pesquisas.

Por conseguinte, quando empreendemos um movimento analítico tendo como base as formações das modalidades enunciativas, caracterizamos quem são os sujeitos desse discurso, os lugares institucionais que o respaldam e a posição tomada ao referente discursivo. Assim, nesse enunciado descrevemos seus sujeitos com atuações de pesquisadores e docentes, respaldados institucionalmente por lugares em que há produção do saber científico, a academia, e, como constatado, posicionamentos com efeitos de aprovação e legitimação do arcabouço teórico desenvolvido em torno das Ciências das Assessorias. Tal movimento demonstra acolher como verdadeiro a proposta teórica em questão. Na sequência a seguir, retratamos a regularidade da proposta Assessoria como base para o desenrolar da prática secretarial. Isso pode ser percebido nos elementos linguísticos “deve” e “possibilidades de empreender” e “atuar” como assessor interdisciplinar “no âmbito dos órgãos e instituições do terceiro setor, voltados para as políticas públicas, agências de desenvolvimento, docência e educação, além de programas de extensão e movimentos sociais (SANTOS, 2016, p. 206-207). Segue a sequência enunciativa em sua totalidade:

SE26: “O conhecimento secretarial **deve** contribuir para a valorização profissional, a partir das suas realidades sociopolíticas, assim como para a desalienação de seu trabalho, transformando-os de executores dependentes em protagonistas de sonhos bonitos, notadamente no âmbito das relações com o empreendedorismo voltado para a cultura popular [...]. Apostamos que os profissionais que tenham vivenciado, durante a formação acadêmica, a práxis secretarial no contexto de metodologias participativas atuarão, no mundo do trabalho, com uma concepção diferenciada, além de terem chances de sair da “redoma empregatícia pura e exclusivamente ditada pelo mercado, tendo também possibilidades de empreender e **atuar** como **assessor interdisciplinar** no âmbito dos órgãos e instituições do terceiro setor, voltados para as políticas públicas, agências de desenvolvimento, docência e educação, além de programas de extensão e movimentos sociais” (SANTOS, 2016, p. 206-207, grifos nosso).³⁷

Novamente, retratamos a regularidade discursiva do elemento assessor como prática secretarial. Constatamos, também, tanto nas publicações realizadas em 2012, quanto em 2016, uma discursividade sobre a necessidade do desenvolvimento científico em secretariado, ou seja, há uma proposta teórica regular circulando pelos e nos discursos científicos, porém, há também, certa cautela em atestar essa proposta - Assessoria - como objeto característico do secretariado. Entretanto, observamos uma regular menção desse elemento como prática secretarial nos discursos analisados, disso decorre um efeito de acolhimento desse discurso como verdadeiro.

Sobre o funcionamento em conjunto das modalizações destacadas nos verbos “pode”, “deve” e “precisa”, percebemos um efeito injuntivo atuando de forma coercitiva na efetivação do poder nos discursos. Esse efeito injuntivo se destaca nos direcionamentos para uma possibilidade, quando, por exemplo, há a proposta de um modelo teórico, ou um caminho a seguir na pesquisa secretarial. Contudo, o exercício do poder não precisa ser sempre um discurso autoritário e incisivo, mas, ele pode funcionar pelas margens. E é nesses casos que, muitas vezes, o poder se exerce de forma imperceptível.

³⁷ SANTOS, Maria Luzitana Conceição dos. A Extensão-Pesquisa e as Metodologias Participativas Protagonizadas pela Assessoria Interdisciplinar. In: DURANTE, Daniela Giaretta; MARTINS, Cibele Barsalini; CANTAROTTI, Aline. (Orgs). Pesquisa em Secretariado: reflexões acerca da construção do conhecimento. Fortaleza: Edições UFC, 2016.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, ao longo deste trabalho, realizar com base em um estudo arqueogenealógico, os atravessamentos nos e pelos discursos científicos que constituem o saber secretarial. Para responder a pergunta que norteia nossa pesquisa, a saber: qual o objeto de estudo do Secretariado?, utilizamos as questões teóricas-metodológicas com base no pensamento foucaultiano, as quais nos ajudaram a chegar até aqui. Para tanto, o recorte realizado como material de análise constituiu oito artigos, publicados em duas obras as quais se intitulam: “Pesquisa em Secretariado: cenários, perspectivas e desafios (2012); e, “Pesquisa em Secretariado: reflexões acerca da construção do conhecimento” (2016). Como percebemos em seus títulos, o conteúdo dos artigos publicados nessas obras, tratam sobre a pesquisa em secretariado, temática latente de discussão na área.

Assim, para que pudéssemos articular algumas considerações a respeito da referida temática, traçamos os seguintes objetivos específicos: i) discutir e problematizar a historicidade da prática secretarial e os acontecimentos discursivos para a constituição dela como ciência; ii) refletir sobre a ordem do discurso científico secretarial na atualidade; iii) verificar elementos de uma formação discursiva com base na análise da função enunciativa a que os discursos científicos do saber secretarial estão sujeitos; iv) mobilizar nas prática(s) discursiva(s) observadas as relações de poder-saber que criam uma vontade de verdade sobre o objeto de estudo específico do Secretariado, para, por fim, chegar ao objetivo geral proposto cujo foi descrever, arqueogenealógicamente, as práticas discursivas que apontam para a possível constituição de um objeto que especifique o saber secretarial.

Para discutir os objetivos propostos, desenvolvemos os seguintes capítulos: 1) A vontade de verdade e a ordem do discurso no saber secretarial; 2) A constituição do objeto de saber secretarial; 3) Os efeitos de verdade e de poder no saber secretarial. Com essa explanação pudemos desenvolver em um movimento teórico-analítico foucaultiano as questões pertinentes a constituição do saber secretarial.

No primeiro capítulo mostramos, em geral, a articulação discursiva de um saber de acordo com a perspectiva da vontade de verdade e ordem discursiva sobre um saber científico, no caso, o saber secretarial, tratando sobre as instituições que atuam de forma legitimadora, na atualidade, para que um saber atinja o *status* de ciência. Como desenvolvemos ao longo desta pesquisa, são elas: CAPES, CNPQ, e outras instituições atuantes para o fomento da profissão como a FENASSEC e ABPSEC, atuante no incentivo da pesquisa em Secretariado. Já no

segundo capítulo, desenvolvemos num empreendimento arqueológico, a análise da função enunciativa de dezenove sequências enunciativas retiradas do *corpus*. Nesse movimento, também destacamos rastros de alguns elementos da formação discursiva. E, por fim, no último capítulo, buscamos empreender um movimento analítico genealógico as relações de poder na constituição do saber em secretariado, quando, pensando no exercício do poder com Foucault, tratando do seu funcionamento dentre as instituições, os sujeitos legitimados por tais instituições, as resistências caracterizadas neste trabalho pelo fomento à pesquisa na área. Assim, a metodologia empregada para a análise do poder foi a formação das modalidades enunciativas. Nela podemos perceber, de acordo com seus três elementos, o exercício do poder na constituição do discurso científico em secretariado.

No que tange à análise da formação das modalidades enunciativas, o que se percebe é que há uma discursividade sobre a necessidade do desenvolvimento científico em secretariado. E, diante disso, observamos que na dispersão desses discursos há a regularidade de que a área contempla, de forma inter, multi e transdisciplinar, o ato de assessorar como norteador para as práticas secretariais. Essa averiguação pôde ser notada nos enunciados, quando destacamos elementos linguísticos que têm função instruir sobre como o profissional deve atuar, por exemplo, como assessor interdisciplinar, segundo o que encontramos em Santos (2016).

O mesmo verificamos quando há na discussão da produção científica a retomada da proposta teórica de um pesquisador, como podemos observar no seguinte enunciado:

Nonato Júnior (2009) defende a existência de uma epistemologia e de uma teoria do conhecimento que regem o fazer e os estudos em Secretariado e propõe a fundação das Ciências da Assessoria como corte epistemológico do conhecimento secretarial, cujo campo científico é ‘inicialmente mapeado como aquele que estuda as relações, teorias e práticas que envolvem o conhecimento produzido em situação de assessoria (DURANTE et al, 2016, p. 151).

Esse movimento de menção a outro pesquisador produz um efeito de legitimação do discurso Assessoria. Assim, quando se refere a Assessoria como um corte epistemológico, o efeito que se produz é de que o termo Assessoria atua como dispositivo do saber secretarial, a qual é caracterizada como um objeto de estudo para área, possuindo em seu campo associado a multi, inter e transdisciplinaridade. No entanto, não há, até o momento, em termos de pesquisa, demandas teóricas e conceituais de desenvolvimento da proposta teórica Ciências das Assessorias. O que percebemos, com isso, é que talvez, uma parte significativa da comunidade científica da área não tenha acolhido esse discurso como verdadeiro. Assim, o efeito de

conclusão que tivemos nessa pesquisa é de que há uma regularidade sobre o ato de assessorar como prática secretarial, e vertentes inter, trans e multidisciplinar em áreas que compõem o saber em secretariado. Dito de outro modo, há demandas discursivas que apontam o elemento Assessoria como objeto de estudo da área, com vertentes que dialogam, se constituem e se especializam em outros campos, sendo, deste modo, o saber secretarial constituído em uma ciência aberta, característica dos saberes em elevação na atualidade.

Por fim, importa mencionar a necessidade de seguir com essa pesquisa. Sabemos que é preciso destacar esse efeito de conclusão, porém, essa é apenas uma conclusão momentânea de uma pesquisa que pode ainda seguir, desdobrar-se, ampliar-se ou inspirar tantas outras, como a análise do discurso de outros saberes que não apenas o científico, por exemplo o discurso de profissionais que atuam como secretários executivos, e, também, discursos das leis que regem a profissão como o Código de Ética, para assim, contribuir com a pesquisa já realizada e constatar, nesse processo em formação, um saber regular para o campo secretarial.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de estado**. Lisboa: Editorial Presença, L.da, 1970.

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2011.

BERT, J. **Práticas de si e relação com o outro**. In: BERT, J. Pensar com Michel Foucault. São Paulo-SP: Parábola, 2013. Capítulo V. p.175-189.

BÍSCOLI, Fabiana Regina Veloso. A evolução do secretariado executivo: caminhos prováveis a partir dos avanços da pesquisa científica e dos embates teóricos e conceituais na área. In: DURANTE, Daniela Giareta. (Org). **PESQUISA EM SECRETARIADO: CENÁRIOS, PERSPECTIVAS E DESAFIOS**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2012. p. 37-74.

CANTAROTTI, Aline. **FORMAÇÃO, MERCADO DE TRABALHO E PESQUISA CIENTÍFICA: por Onde Começamos?** In: DURANTE, Daniela Giareta; MARTINS, Cibele Barsalini; CANTAROTTI, Aline. (Orgs). **Pesquisa em Secretariado: reflexões acerca da construção do conhecimento**. Fortaleza: Edições UFC, 2016. p. 41-68.

CIELO, Ivanete Daga; SCHMIDT, Carla Maria; WENNINGKAMP, Keila Raquel. Secretariado Executivo no Brasil: *Quo Vadis?* **Gesec – Revista de Gestão e Secretariado**, São Paulo, v. 5, n. 3, set./dez. 2014.

DORNE, Vinícius Durval. **Práticas Discursivas midiáticas na/sobre a identidade do jornalista sem diploma**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, p. 53. 2011.

DURANTE, Daniela Giareta *et al.* Produção Científica em Secretariado: Percepções e Partir das Publicações da Revista *Expectativa*. In: DURANTE, Daniela Giareta; MARTINS, Cibele Barsalini; CANTAROTTI, Aline. (Orgs). **Pesquisa em Secretariado: reflexões acerca da construção do conhecimento**. Fortaleza: Edições UFC, 2016. p. 147-182.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Trabalhar com Foucault: Arqueologia de uma paixão**. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida. 24º ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

_____. **Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8º ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

_____. 1984 – O Cuidado com a Verdade. In: _____. **Ética, sexualidade e política**. 2 ED. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos e Escritos; V).

_____. **História da sexualidade I: A vontade de saber.** Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

_____. **Microfísica do poder.** Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

_____. O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica.** Tradução Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **AD: descrever – interpretar acontecimentos cuja materialidade funde na linguagem e história.** In: NAVARRO, Pedro (Org.) *Estudo do Texto e do Discurso: mapeando conceito e métodos.* São Carlos, 2006, p. 19-44.

_____. **Discurso, história e a produção de identidades na mídia.** In: FONSECA-SILVA, M.C.; POSSENTI, S. (Orgs) *Mídia e rede de memória.* Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007, p. 39-60.

_____. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos.** 3. Ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

HOFF, D. N. Et. Alli. **Os desafios da pesquisa e ensino interdisciplinares.** RBPG, v. 4, n. 7, p. 42-65, Brasília, 2007.

MACHADO, Roberto. **INTRODUÇÃO: Por uma Genealogia do Poder.** In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder.* 4º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

MAÇANEIRO, Marlete Beatriz. Antecedentes, Consequências e Desafios da Cientificidade da Área de Secretariado Executivo. *Revista Expectativa*, v. X, n. 1, jan./dez. 2011. p. 9-26.

MAÇANEIRO, Marlete Beatriz. A construção da identidade científica em Secretariado Executivo. In: DURANTE, Daniela Giareta. (Org). **PESQUISA EM SECRETARIADO: CENÁRIOS, PERSPECTIVAS E DESAFIOS.** Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2012. p. 75-97.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. Pesquisa aplicada e interdisciplinaridade: da linguística ao secretariado. In: DURANTE, Daniela Giareta. (Org). **PESQUISA EM SECRETARIADO: CENÁRIOS, PERSPECTIVAS E DESAFIOS.** Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2012. p. 98-118.

NAVARRO, Pedro. O pesquisador da mídia: entre a “aventura do discurso” e os desafios do dispositivo de interpretação das AD. In: _____ (org.) **Estudo do Texto e do Discurso: mapeando conceito e métodos.** São Carlos, 2006.

NAVARRO, Pedro. Por uma análise arqueológica do discurso. In: BARONAS, Roberto. (Org). **Estudos discursivos à brasileira uma introdução.** Campinas, SP.: Pontes Editores, 2015. p. 149-173.

NONATO JÚNIOR, Raimundo. **Epistemologia e teoria do conhecimento em secretariado executivo: a fundação das ciências da assessoria.** Fortaleza: Expressão Gráfica, 2009.

NONATO JÚNIOR, Raimundo. Objeto de Pesquisa em Secretariado Executivo. In: DURANTE, Daniela Giaretta. (Org). **PESQUISA EM SECRETARIADO: CENÁRIOS, PERSPECTIVAS E DESAFIOS**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2012. p. 119-131.

PICCOLI, Águeda Luiza *et al.* Secretariado Executivo e a Pesquisa Acadêmica. In: DURANTE, Daniela Giaretta; MARTINS, Cibele Barsalini; CANTAROTTI, Aline. (Orgs). **Pesquisa em Secretariado: reflexões acerca da construção do conhecimento**. Fortaleza: Edições UFC, 2016. p. 97-120.

PORTELA, Keyla C. A; SCHUMACHER, A. J. **Ferramentas do Secretário Executivo**. Santa Cruz do Rio Pardo, SP: Viena, 2006.

POSSENTI, S. Análise do Discurso e acontecimento: breve análise de um caso. In: NAVARRO, P. (org.) **Estudos do Texto e do Discurso: mapeando conceitos e métodos**. São Carlos: Claraluz, 2006. p. 93-108.

OKSALA, Joanna. **Como ler Foucault**. Trad. de Maria Luiza de A. Borges, revisão técnica Alfredo Veiga-Neto, Karla Saraiva. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Trad. Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

SARGENTINI, V. M. O Arquivo e acontecimento: a construção do corpus discursivo em Análise do Discurso. In: NAVARRO, P. (org.) **Estudos do Texto e do Discurso: mapeando conceitos e métodos**. São Carlos: Claraluz, 2006. P. 35-44

VEYNE, P. **Foucault: seu pensamento, sua pessoa**. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p.15-39, 43-65.

VEIGA-NETO, Alfredo & LOPES, Maura Coracina. **Inclusão e Governamentalidade**. In: *Educação e Sociedade*. Campinas, vol. 28, n. 100 – Especial, p. 947-963, out. 2007.

VOSS, Jeferson. **O conceito de formação discursiva de Foucault e o tratamento de objetos da mídia**: sobre a responsabilidade social na publicidade impressa brasileira. Maringá, 2011.

VOSS, Jeferson; NAVARRO, Pedro. Sobre o conceito de formação discursiva em Foucault e o tratamento de objetos da mídia. In: POSSENTI, Sírio; BENITES, Sonia Ap. Lopes. (Orgs). **Estudos do Texto e do Discurso: materialidades diversas**. São Carlos: SP, 2011. p. 53-81.

ANEXOS

Anexo 01 – Ficha Catalográfica Livro: PESQUISA EM SECRETARIADO: Cenários, Perspectivas e Desafios

Copyright © Editora Universitária

Cinara Sabadin Dagneze
Sabino Gallon
Revisão de Texto e Revisão de Emendas

Sirlete Regina da Silva
Projeto Gráfico, Diagramação
e Produção da Capa

Este livro no todo ou em parte, conforme determinação legal, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa e por escrito do autor ou da editora. A exatidão das informações e dos conceitos e opiniões emitidos, as imagens, tabelas, quadros e figuras são de exclusiva responsabilidade dos autores.

CIP – Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

P474 A pesquisa em secretariado : cenários, perspectivas e desafios / Daniela Giareta Durante (org.). – Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2012. 199 p. : il. ; 21 cm.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-857515-787-9

1. Secretariado. 2. Prática de escritório. 3. Pesquisa.
I. Durante, Daniela Giareta, coord.

CDU: 651

UPF EDITORA

Campus I, BR 285 - Km 171 - Bairro São José
Fone/Fax: (54) 3316-8373
CEP 99001-970 - Passo Fundo - RS - Brasil
Home-page: www.upf.br/editora
E-mail: editora@upf.br

Editora UPF afiliada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

“Decifra-me ou te devoro”: pesquisa na sociedade do conhecimento¹

Altair Alberto Fávero

Não é verdade que cada ciência, no fim, se reduz a um certo tipo de mitologia?

Carta de Freud a Einstein, de 1932

Nossa tradição ocidental é devedora da cultura grega. Nossas raízes filosóficas, artísticas, políticas, sociológicas, etimológicas, científicas possuem seu nascedouro na magistral civilização grega. Não se compreende a cultura contemporânea sem mergulhar na profundidade de sua genealogia, que tem na Grécia Antiga seu solo fértil, do qual herdamos boa parte do que somos. Talvez possa parecer estranho falar de pesquisa na sociedade do conhecimento associada à mitologia grega. Possivelmente seria menos estranho se falássemos de pesquisa associada à tecnologia, aos bancos de dados, às modernas teorias científicas, aos ditames dos sofisticados *softwares* que se tornam cada vez mais versáteis e potentes. Optei na presente conferência, por reportar-me à mitologia grega, pois acredito que a partir dela seja possível sistematizar alguns desafios e pressupostos

¹ Conferência proferida no 2º Encontro Nacional Acadêmico de Secretariado Executivo, dia 21 de outubro de 2011, na Universidade de Passo Fundo - RS.

- _____. *Pesquisa e construção de conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- DESCARTES, R. *Discurso do método*. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- DUBOS, R. *O despertar da razão*. São Paulo: Melhoramentos, 1972.
- FÁVERO, A. A. As conexões entre filosofia e epistemologia. In: PICHLER, N.; TESTA, E. (Org.). *Epistemologia, ética e hermenêutica*. Passo Fundo: UPF, 2005. p. 53-68.
- FREITAG, B. *Itinerários de Antígona: a questão da moralidade*. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1997.
- JAPIASSU, H. *Introdução ao pensamento epistemológico*. 9. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- LALANDE, A. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- LUCKESI, C. C.; BASTOS, E. S. *Introdução à filosofia: aprendendo a pensar*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- POPPER, K. *A lógica das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.
- SABINO, R. F.; MARCHELLI, P. S. O debate teórico-metodológico no campo do secretariado: pluralismo e singularidades. *Cadernos EBAPE*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, p. 607-621, 2009.

A construção da identidade científica em Secretariado Executivo¹

Marlete Beatriz Maçaneiro

A identidade científica em secretariado executivo é ainda permeada por indefinições, indagações e questionamentos iniciais. É uma necessidade que está surgindo em contexto de intensas discussões acadêmicas e esforços de poucos, para levar adiante uma ideia de formação enquanto ciência, por meio de crescimento e enquadramento em área de conhecimento.

Até ao final da década de 1990, a formação do profissional da área de secretariado executivo sempre foi relacionada com conhecimentos práticos, uma atuação considerada como função complementar nas organizações. Nessa função, o profissional necessitava de conhecimentos teóricos oriundos de várias ciências já consagradas, as quais ainda transitam pela área. A partir da década de 2000 e até ao seu final, o profissional desta área foi se firmando em sua atuação nas organizações em uma base gerencial, havendo também uma afirmação da área nas discussões no contexto acadêmico.

A partir desse período, os debates foram acontecendo no sentido de se estabelecer a área com seus próprios domí-

¹ Texto apresentado na mesa coordenada "A pesquisa em secretariado", no 2º Enasec, dia 22 de outubro de 2011, na Universidade de Passo Fundo - RS.

_____. *Epistemologia e teoria do conhecimento em secretariado executivo: a fundação das ciências da assessoria*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2009.

RODRIGUES, A. J. *Metodologia científica*. São Paulo: Avercamp, 2006.

SABINO, R. F.; MARCHELLI, P. S. O debate teórico-metodológico no campo do secretariado: pluralismos e singularidades. *Cadernos EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, p. 607-621, dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cebape/v7n4/06.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2011.

SOUZA, R. F. Áreas do conhecimento. *DataGramaZero – Revista de Ciência da Informação*, v. 5, n. 2, abr. 2004. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/abr04/F_I_art.htm>. Acesso em: 16 out. 2011.

VIGORENA, D. A. L. Análise das áreas escolhidas para o estágio curricular no curso de Secretariado Executivo Bilíngue: um estudo de caso. *Expectativa*, Toledo, v. 5, n. 5, p. 173-185, 2006.

Pesquisa aplicada e interdisciplinaridade: da linguística ao secretariado¹

Erivaldo Pereira do Nascimento

Este capítulo objetiva discutir a importância da pesquisa aplicada e interdisciplinar, na área de secretariado executivo, a partir da experiência de investigações linguísticas na área. Baseia-se, para tanto, em reflexões a respeito de diferentes teóricos da linguística aplicada, enquanto área interdisciplinar, e nas investigações realizadas através do projeto “ESAGD: Estudos Semântico-Argumentativos dos Gêneros do Discurso: redação escolar e gêneros formulaicos”.

O projeto ESAGD, financiado com recursos do CNPq, descreve as estratégias semântico-argumentativas na produção textual e em diferentes gêneros formulaicos que circulem nas diferentes instituições públicas e privadas. Esses gêneros, na sua maioria, são produzidos por profissionais da área de secretariado. Além disso, o referido projeto vem sendo desenvolvido por professores, pesquisadores e alunos das áreas de linguística e de secretariado executivo.

¹ Texto apresentado na mesa coordenada “A pesquisa em secretariado”, no 2º Enasec, dia 22 de outubro de 2011, na Universidade de Passo Fundo - RS.

Referências

- BOHN, H. I. Linguística aplicada. In: BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. (Org.). *Tópicos de linguística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Editora da Ufsc, 1988. p. 11-39.
- BRASIL. Lei nº 7.377, de 30 de setembro de 1985. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/129428/lei-7377-85>. Acesso em: 3 ago. 2011.
- _____. Lei nº 9.261/96, de 10 de janeiro de 1996. Disponível em: <http://www.secretariando.com.br/lei.htm>. Acesso em: 3 ago. 2011.
- _____. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares do curso de Secretariado Executivo*. Res. nº 03 de 23 de julho de 2005.
- EVENSEN, L. S. A linguística aplicada a partir de um arcabouço com princípios caracterizadores de disciplinas e transdisciplinas. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTE, M. C. (Org.). *Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas*. Campinas: Mercado das Letras, 1998. p. 81-110.
- GOMES, F. P.; ARAÚJO, R. M. Pesquisa quanti-qualitativa em administração. Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br/Semead/8semead/resultado/trabalhosPDF/152.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2011.
- KROHLING, A. A busca da transdisciplinaridade nas ciências humanas. *Revista de Direitos e Garantias Fundamentais*, n. 2, 2007. Disponível em: http://www.fdv.ensinolivre.net/siteperiodicos/arquivos/direitos_e_garantias/rdgf_02_artigos/Krohling_07_02.pdf. Acesso em: 27 jul. 2011.
- MOITA LOPES, L. P. A transdisciplinaridade é possível em linguística aplicada? In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTE, M. C. (Org.). *Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas*. Campinas: Mercado das Letras, 1998. p. 113-127.
- NONATO JÚNIOR, R. *Epistemologia e teoria do conhecimento em secretariado executivo*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2009.
- SABINO, R. F.; MARCHELLI, P. S. O debate teórico-metodológico no campo do secretariado: pluralismos e singularidades. *Cadernos EBAPE. BR*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, art. 6º, dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cebape/v7n4/06.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2011.

Objeto de Pesquisa em Secretariado Executivo¹

Raimundo Nonato Júnior

A presente investigação tem por objetivo debater o objeto de pesquisa do secretariado executivo, ampliando a discussão conceitual acerca das assessorias numa perspectiva acadêmica. Os caminhos teórico-metodológicos guiam-se pelos estudos descritivo-exploratórios e de campo, conforme explicitados em nossa obra anterior (Nonato Júnior, 2009), acrescentando-se as observações de campo realizadas a partir da interação com as universidades, por meio de registro em diário de campo e documentos e, ainda, os dados do grupo de pesquisa cadastrado junto ao CNPq “Gestão do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas” na linha de pesquisa “Teoria do conhecimento na ciência da assessoria”, sob minha coordenação. Para categorizar os dados rumo aos possíveis resultados e encaminhamentos, utiliza-se a análise de conteúdo, seguindo seus critérios de elaboração de categorias e tópicos de análise (Minayo, 2007).

¹ Texto proposto para debate na mesa coordenada “A pesquisa em secretariado”, no 2º Enasec, dia 22 de outubro de 2011, na Universidade de Passo Fundo - RS.

_____. *Autogestão e gestão do conhecimento em secretariado*. Monografia (Graduação em Secretariado Executivo) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.

NONATO JÚNIOR, R. (Org.). Secretariado & ciência: questões epistemológicas. In: CICLO DE ENCONTROS DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA, 1, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2000.

_____. Secretariado & ciência: desafios para uma epistemologia secretarial. In: CICLO DE ENCONTROS DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA, 2. ed. Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2001.

NONAKA, I.; TAKEUCHI. *Knowledge management*. Oxford, 2006.

OLIVEIRA, S. A. *Brevíssimo tratado conceitual das assessorias – para entender o secretariado*. Guarapuava, 2011

RIBEIRO, N. *Secretariado: do escriba ao gestor*. São Luís, 2005.

Anexo 6 – Ficha Catalográfica livro: Pesquisa em Secretariado: Reflexões acerca da Construção do Conhecimento

Pesquisa em Secretariado: Reflexões acerca da Construção do Conhecimento

© 2016 Copyright by Daniela Giareta Durante, Cibele Barsalini Martins, Aline Cantarotti (organizadoras)
Impresso Brasil / Printed in Brazil
Efetuado depósito legal na Biblioteca Nacional

Todos os Direitos Reservados

Edições UFC
Av. da Universidade, 2932 – Benfica – Fortaleza – Ceará
CEP: 60020-181 – Tel./Fax: (85)3366.7499 (Distribuição)
3366.7766 (Diretoria) 3366.7439 (Livraria)
Internet: www.editora.ufc.br – E-mail: editora@ufc.br

Divisão de Editoração

Coordenação Editorial

Moacir Ribeiro da Silva

Revisão de Texto

Isabel Ferreira Lima

Normalização Bibliográfica – CRB 3/801-98

Perpétua Socorro Tavares Guimarães

Programação Visual, Diagramação

Adilton Lima Ribeiro

Capa

Valdiano Araújo Macedo

Catálogo na Fonte

Bibliotecária: Perpétua Socorro T. Guimarães CRB 3/801-98

Pesquisa em Secretariado: reflexões acerca da construção do conhecimento / Daniela Giareta Durante, Cibele Barsalini Martins, Aline Cantarotti [organizadoras]. – Fortaleza: Edições UFC, 2016.

262 p.: il.

ISBN: 978-85-7282-700-3

1. Secretariado 2. Pesquisa Científica 3. Ensino Profissional
I. Durante, Daniela Giareta II. Martins, Cibele Barsalini III. Cantarotti, Aline IV. Título

CDD: 658

Editora Filiada à



Anexo 7 - Reflexões construtivistas sobre a construção do conhecimento em secretariado executivo

REFLEXÕES CONSTRUTIVISTAS SOBRE A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO EM SECRETARIADO EXECUTIVO¹

*Maricilene Isaira Baia do Nascimento
Roberto Paulo Bibas Fialho*

INTRODUÇÃO

Quais caminhos as pesquisas em Secretariado Executivo poderão construir/seguir para alcançar propostas teóricas, respeitando a complexidade e as raízes teóricas que permeiam o saber/fazer secretarial? É sobre essa questão que refletiremos ao longo deste ensaio teórico. Nossa intenção é abordar a maneira pela qual os pesquisadores em Secretariado Executivo podem pautar suas pesquisas a partir dos princípios epistemológicos e da Teoria dos Campos Conceituais (TCC) para a construção de conceitos na área. O objetivo principal desta pesquisa é apontar os caminhos que condicionam a conceitualização do fazer/saber do sujeito secretarial, considerando os fatores que determinam as peculiaridades da profissão de secretário executivo.

A tarefa de apontar caminhos às pesquisas conceituais em Secretariado – um esforço ainda preliminar – nos fez recorrer a explicações lógicas sobre a origem desse fenômeno, para chegarmos à compreensão de o por que a área chegou à sua configuração atual: um campo multi e interdisciplinar, uma ciência que se serve de outras ciências e cuja evolução é produto da própria evolução das organizações e das ciências com as quais dialoga (DUSSAULX, 1972; SABINO; MARCHELLI, 2009; NASCIMENTO, 2012).

Para cumprir essa tarefa, partimos dos seguintes pressupostos básicos: 1) o processo de conceitualização na área secretarial

¹ As discussões preliminares deste trabalho foram apresentadas no IV Encontro Nacional Acadêmico de Secretariado, ocorrido na Universidade Estadual de Londrina (UEL), em outubro de 2015. Na ocasião, o trabalho recebeu menção honrosa.

VERGNAUD, Gérard. La Teoría de los Campos Conceptuales. **Recherches en Didáctique des Mathématiques**, Pensé e Sauvage: Grenoble, França, v. 10, n. 23, 133-170, 1990. Tradução de Juan D. Godino. Disponível em: <http://fundesuperior.org/Articulos/Pedagogia/Teoria_campos_conceptuales.pdf>. Acesso em: 16 out. 2014.

_____. The Teory of Conceptual Fields. **Human Development**. Basel, v. 52, n. 2, p. 83-94, abr. 2009. Disponível em: <<http://www.each.usp.br/cmapping/iiciclo/artigomarco.pdf>>. Acesso em: 6 set. 2014.

WACHOWICZ, A. Dialética na pesquisa em Educação. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 2, n. 3, p. 171-181, jan./jun. 2001.

Anexo 8 - Secretariado Executivo e a Pesquisa Acadêmica: uma análise sobre a necessidade da criação de curso *Stricto Sensu*

SECRETARIADO EXECUTIVO E A PESQUISA ACADÊMICA: uma Análise sobre a Necessidade da Criação de Curso *Stricto Sensu*¹

Águeda Luiza Piccoli
Julia Fernandes Testas Gonçalves
Sandro Vieira Soares
Cibele Barsalini Martins

INTRODUÇÃO

Os dados disponibilizados pelas Sinopses da Educação Superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) de 2003 a 2013 indicam, em média, que os cursos tecnológicos em Secretariado, incluindo o ensino a distância (EaD), e bacharelados em Secretariado Executivo receberam 11.059 novos alunos a cada ano. Apenas em 2011, ingressaram nos cursos de ensino superior de Secretariado 13.040 alunos. Os dados coletados a partir de 1995 pelo Inep mostram interesse da população na formação superior em Secretariado (INEP, 2013). Esse interesse pode ser justificado pela afirmação de Castelo (2008, p. 6):

A Formação Acadêmica para o profissional de Secretariado Executivo é obrigatória não somente por ser exigência legal, através da Lei de Regulamentação nº 7.377/85 e sua complementação pela Lei nº 9.261/96, mas, principalmente, por ser o único meio de garantir o exercício supremo da profissão no atendimento, execução e superação das demandas organizacionais e mercadológicas.

Conforme Leal, Martins e Scheidt (2014), a formação de secretários executivos existe há 45 anos no Brasil. Até o momen-

1 Discussão proposta na mesa redonda: A consolidação do Secretariado Executivo como área do conhecimento e de pesquisa, ocorrida no 4º Enasec.

SILVA FILHO, Roberto Leal Lobo e. **A pós-graduação *stricto sensu***. 2000. Disponível em: <http://www.institutolobo.org.br/imagens/pdf/artigos/art_015.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2015.

SOUZA, Eduardo César Pereira Souza; GALINDO, Alexandre Gomes; MARTINS, Cibele Barsalini. A produção acadêmico-científica no campo do Secretariado: mapeamento de dissertações e teses produzidas no período de 1999 a 2013. **Revista de Administração Geral**, Macapá, v. 1, n. 1, p. 154-170, jan./jul. 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/cibel_000/Downloads/1963-8784-2-PB.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2016.

SOUZA, Rosali Fernandez de. Áreas do conhecimento. **Data-gramazero: Revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 1-19, abr. 2004. Disponível em: <www.dgz.org.br/abr04/Art_02.htm>. Acesso em: 13 jun. 2015.

Universidade Estadual de Londrina – UEL. Anexo I do Edital nº 079/2015 – PRORH. Disponível em: <http://www.uel.br/prorh/selecao/concdoc/079_2015/079_2015_anexo_1.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2015.

Anexo 9 - Produção científica em secretariado: percepções a partir das publicações da revista *Expectativa*

PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM SECRETARIADO: Percepções a Partir das Publicações da Revista *Expectativa*¹

*Daniela Giareta Durante
Otávio Bessa Gonçalves
Décy Emanuela Lima do Nascimento
Emiliano Sousa Pontes*

INTRODUÇÃO

A pesquisa e a produção do conhecimento científico são discussões recentes no Secretariado. A formação em nível superior teve início no Brasil em 1969 e a profissão foi regulamentada em 1985, pela Lei nº 7.377. As discussões em torno da cientificidade, no entanto, começaram a aparecer por volta de 2009. Até então, a formação estava mais voltada para atender às demandas do mercado de trabalho e capacitar o profissional para agir assertivamente no meio empresarial; como consequência desse processo, o Secretariado evoluiu significativamente no âmbito prático (BÍSCOLI, 2012; MAÇANEIRO, 2012).

No âmbito acadêmico, o Secretariado contava com iniciativas isoladas, produções técnicas, voltadas para o ensino do como fazer. Em 2002, surgiu o primeiro grupo de pesquisa em Secretariado cadastrado no CNPq. Oito anos depois, em 2010, existiam quatro grupos de pesquisa oficializados, ou seja, um pequeno e lento crescimento, o que demonstra que a preocupação dos cursos não estava direcionada para a pesquisa. No final de 2014, no entanto, havia dez grupos, marcando uma mudança importante nas preocupações do Secretariado (CNPq, 2015). Essa mudança foi sentida também nas revistas científicas, na qualificação dos

¹ Versão preliminar deste estudo foi apresentado no 4º Enasec, no Grupo Trabalho Pesquisa em Secretariado, tendo recebido menção honrosa.

PONTES, Emiliano Sousa; DURANTE, Daniela Giareta. Produção intelectual em Secretariado Executivo: estudo na Revista de Gestão e Secretariado (GeSec). In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE SECRETARIADO, 7., 2014, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2014. p. 151-167.

SAMPIERI, Roberto Hernandez; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, María del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2013.

SANCHES, Fernanda Cristina; SCHMIDT, Carla Maria; DIAS, Amanda Hissamura. Os avanços da pesquisa em Secretariado Executivo: uma análise nos periódicos científicos nacionais. **Revista Capital Científico**, v. 12, n. 4, out./dez. 2014.

SCHMIDT, Carla Maria; CIELO, Ivanete Daga; SANCHES, Fernanda Cristina. Mapeamento de redes: um estudo sobre as relações entre universidades e docentes em cursos de Secretariado Executivo. In: DURANTE, Daniela Giareta (Org.). **Pesquisa em Secretariado: cenários, perspectivas e desafios**. Passo Fundo: UPF Editora, 2012.

VELHO, Léa. O papel da formação de pesquisadores no sistema de inovação. São Paulo, **Ciência e Cultura**, v. 59, n. 4. 2007.

VOLPATO, Gilson. **Ciência da filosofia à publicação**. São Paulo: Cultura Acadêmica. Vinhedo: Scripta, 2007.

Anexo 10 - A extensão-pesquisa e as metodologias participativas protagonizadas pela assessoria interdisciplinar

A EXTENSÃO-PESQUISA E AS METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS PROTAGONIZADAS PELA ASSESSORIA INTERDISCIPLINAR¹

Maria Luzitana Conceição dos Santos

INTRODUÇÃO

Enquanto visão antropológica, a preocupação com o conhecimento busca explicar o lugar e os papéis dos indivíduos, suas relações, processos, reprodução (MINAYO, 2007), experiências, representações e intencionalidades (VENDRAMINI, 2007). Nesse sentido, este ensaio teórico deve ser utilizado para teorizar acerca de conhecimentos ainda obscuros que apontam alternativas e alicerces para novos conhecimentos (SEVERINO, 2002), não sendo diferente no Secretariado enquanto prática do campo social aplicado.

É bem verdade que a prática da investigação científica, mesmo entre conflitos e contradições, busca responder questões postas pelas relações suscitadas nos distintos níveis de desenvolvimento e suas contradições sociopolíticas ao longo da história (MINAYO, 2007), fazendo uso de uma linguagem baseada em conceitos, métodos e técnicas de compreensão das problemáticas.

Contudo, é importante ressaltar que os problemas de pesquisa são, a priori, problemas de vivência (MINAYO, 2007). Para tanto, segundo o ponto de vista de Vendramini (2007), as experiências materializam-se em ideias e possibilidades concretas de pro-

¹ Texto correspondente à participação no grupo de trabalho Pesquisa em Secretariado (GT 6), intitulado "A relação extensão-pesquisa, metodologias participativas e assessoria interdisciplinar", apresentado no IV Encontro Nacional Acadêmico de Secretariado Executivo (Enasec), promovido pela Associação Brasileira de Pesquisa em Secretariado (ABPSEC). Na ocasião, tive a contribuição dos diálogos estabelecidos com a professora Cibelle da Silva Santiago e as estudantes Raiane de Sousa Silva e Mirian Carvalho da Silva. Agradeço a todas pela valiosa colaboração.

_____. **Revisão de Experiências com Vista ao Futuro REI-F**, 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB. Aprova o Projeto Político-Pedagógico do Curso de Graduação em Secretariado Executivo Bilíngüe, do Centro de Ciências Aplicadas e Educação, Campus IV, desta Universidade. **Resolução nº 41/2006**, de 13 de julho de 2006. Disponível em: <http://www.ufpb.br/sods/consepe/resolu/2006/Rsep41_2006.htm>. Acesso em: 3 mar. 2016.

VENDRAMINI, Célia Regina. O sentido da pesquisa no MST. In: DALMAGRO, Sandra Luciana (Org.). **II Seminário Nacional: o MST e a pesquisa**. Cadernos do Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa de Reforma Agrária, ano II, n. 14. Veranópolis: ITERRA, 2007.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de pesquisa em Administração**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

VOIROL, Olivier. Teoria crítica e pesquisa social: da dialética à reconstrução. **Novos Estudos – Cebrap**, São Paulo, n. 93, p. 81-99, jul. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-3002012000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 5 mar. 2016.